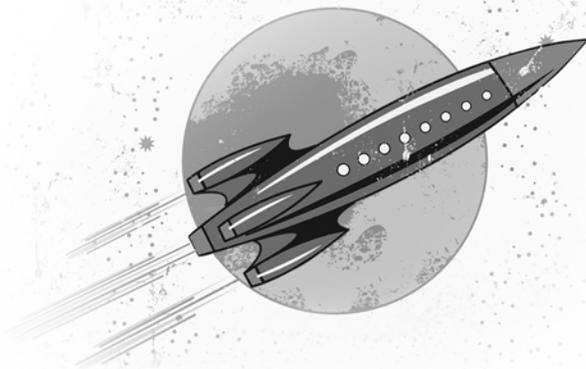


Com a
CABEÇA
NA LUA

ANTOLOGIA COMEMORATIVA DOS 40 ANOS DA CHEGADA À LUA



COM AUTORES INCONTORNÁVEIS COMO
ISAAC ASIMOV, ARTHUR C. CLARKE,
ROBERT A. HEINLEIN E POUL ANDERSON
ORGANIZAÇÃO E NOTAS DE JOÃO SEIXAS



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

ÍNDICE

11	INTRODUÇÃO
17	O HOMEM QUE VENDEU A LUA (1950) — Robert A. Heinlein
121	UMA VEZ EM VOLTA DA LUA (1937) — Vic Phillips
147	TENDÊNCIAS (1939) — Isaac Asimov
171	DESTINO: LUA (1950) — Robert A. Heinlein
237	UMAS FÉRIAS NA LUA (1951) — Arthur C. Clarke
273	HERÓIS RELUTANTES (1951) — Frank M. Robinson
297	A LUZ (1957) — Poul Anderson
313	PASSEIO LUNAR (1952) — H. B. Fyfe
361	POEIRA LUNAR, AROMA DE FENO E MATERIALISMO DIALÉCTICO (1967) — Thomas M. Disch
371	REQUIEM (1940) — Robert A. Heinlein
395	BIBLIOGRAFIA
402	FILMOGRAFIA
411	AGRADECIMENTOS

The chart gives 1978 as the date of the first rocket to the Moon; I will give anyone odds that 1978 is the wrong date, but I will not bet that it will not be sooner.

— Robert A. Heinlein, sobre a sua *História Futura*, 1950

We choose to go to the moon. We choose to go to the moon in this decade and do the other things, not because they are easy, but because they are hard, because that goal will serve to organize and measure the best of our energies and skills, because that challenge is one that we are willing to accept, one we are unwilling to postpone, and one which we intend to win, and the others, too.

— John F. Kennedy, 12 de Setembro de 1962

*Fly me to the Moon, let me play among the stars
Let me see what spring is like on Jupiter and Mars*

Fly Me to the Moon

Frank Sinatra, 1969

Dedicada aos astronautas do programa Apollo, que “*tornaram o impossível possível*”

INTRODUÇÃO

A História avança normalmente com passos ponderados. É certo que alguns momentos se desenrolam com a precipitação da parede de uma barragem que se esboroa sob o peso das pressões sociais, económicas e políticas. Mas, regra geral, por detrás de cada *revolução*, de cada sobressalto que a nossa consciência regista, encontra-se um processo demorado e paciente, uma intrincada filigrana de causas e resistências que, uma vez terminada a sua acção, deixa uma falsa impressão de inevitabilidade e brusquidão. No entanto, olhado com a necessária distância, o curso da História é uma longa planície sem grandes picos ou desfiladeiros. Eventos como as duas Guerras Mundiais foram-se construindo lentamente ao longo de décadas, agregando à sua passagem a massa crítica de condições necessárias e suficientes à sua deflagração. Ninguém em 1914 ou 1939 se surpreendeu com o início da Guerra. No entanto, houve uma década da História do século XX perfeitamente anómala, de tal forma rica em ideias, acontecimentos, contradições, desaires e triunfos, que alguém se referiu a ela como sendo uma “década do século XXI que foi transplantada para o século XX”. Foi, de facto, um período irrepetível.

Se o calendário nos permite definir essa década como sendo o período compreendido entre 1961 e 1970, os seus ecos podem ouvir-se ainda na psicologia social da viragem do século, para o bem e para o mal. O crescente descrédito da política e dos políticos nas sociedades democráticas vai aí alimentar as suas raízes, mas também o cinema independente e a música; a oposição ao conhecimento científico e o abraçar de filosofias e sistemas

pseudo-espirituais *new age* são outros dois fenómenos nascidos do misticismo *hippie*, tal como o são as teorias de conspiração. Foi uma década que testemunhou a ascensão de quatro jovens cantores de Liverpool que se tornaram mais famosos do que Jesus Cristo, mas também à queda sangrenta de um presidente, de um líder dos direitos civis, e de um revolucionário negro. Um país praticamente desconhecido do sueste asiático tornou-se uma causa fracturante nas sociedades ocidentais, invadindo o imaginário popular das décadas que se seguiram à guerra que aí grassou entre 1962 e 1973. A música consolidou a paz social em Woodstock e reavivou a violência em Altamont. Mas se houve um feito que marcou a década de forma indelével, foi a chegada do Homem à Lua.

Em Julho de 1969, com o prazo de uma década fixado por John F. Kennedy em 1961 prestes a terminar, Neil Armstrong e “Buzz” Aldrin, foram os primeiros homens a pisar o solo de um outro mundo. A viagem de cerca de quatrocentos mil quilómetros foi o maior feito tecnológico de sempre na História da Humanidade, maior que os Descobrimentos, que a invenção do fogo, que a derrota da Alemanha Nazi. Hoje, habituados que estamos à vertigem do avanço técnico-científico, tal afirmação parece gratuita, apenas uma hipérbole despropositada. Mas se considerarmos atentamente o teor da proposta de Kennedy, tal como ele próprio a formulou no seu célebre discurso na Universidade de Rice, em Houston, Texas, a 12 de Setembro de 1962, de *enviar à Lua, a uma distância de quatrocentos mil quilómetros do centro de controlo em Houston, um gigantesco foguetão com mais de 90 metros de altura, com o comprimento de um campo de futebol, construído com novas ligas metálicas, algumas das quais ainda não foram sequer inventadas, capazes de suportar temperaturas e tensões muito superiores às que alguma vez alguém experimentou, montado com uma precisão superior à do melhor relógio, transportando consigo todo o equipamento necessário à propulsão, orientação, controlo, comunicações, alimentação e sobrevivência, até um corpo celeste desconhecido, numa missão nunca antes tentada, e trazê-lo de volta à Terra com toda a segurança, reentrando na atmosfera a mais de quarenta mil quilómetros por hora, provocando uma temperatura igual a metade da do Sol, e fazer tudo isso, e fazê-lo bem, antes de a década terminar*, a dimensão do feito torna-se mais perceptível.

E, sobretudo, mais digno de admiração. Envolvida numa corrida com a União Soviética, a NASA, criada em 1959 pelo presidente Eisenhower, logrou o aparentemente impossível, ao conseguir cumprir um novel e exigente Programa Espacial que logrou o seu objectivo máximo: levar um homem à Lua e trazê-lo em segurança de volta à Terra. E fê-lo seis vezes, com apenas uma missão abortada – a famosa *Apollo 13*, que proporcionou à NASA, ao enfrentar e inverter a adversidade, a sua melhor hora. Uma

nação – e o mundo – partilharam de um objectivo comum, um objectivo dispendioso, talvez irrealista, mas que acabou por ser um objectivo de toda a Humanidade.

Mas não era obrigatório que assim fosse. O Programa Apollo custou aos contribuintes Norte-Americanos o equivalente a cerca de cem mil milhões de dólares à cotação actual (mais ou menos o mesmo valor em Euros), e a escassez de missões tripuladas (seis das dez previstas) nunca permitiria uma exploração da Lua que não ficasse aquém daquela que poderia ser levada a cabo por sondas ou robôs. Aliás, a corrida ao espaço nunca fora uma prioridade da administração americana, que mantinha praticamente ociosos os 113 cientistas alemães capturados no final da segunda guerra e chefiados por Wernher von Braun e Arthur Rudolph, criadores da célebre V-2, desde sempre pensada como um foguetão capaz de futuros voos orbitais. A oportunidade e utilidade do Programa Apollo desde sempre dividiu as opiniões, extremadas entre aqueles que defendem as inúmeras vantagens que dele advieram (nenhuma das quais, provavelmente, não deixaria de ser obtida por outros meios) e aqueles que entendem que o dinheiro dispendido na aventura espacial poderia ser melhor utilizado na resolução dos problemas sociais mais prementes (nenhum dos quais seria resolvido com as verbas do Programa Espacial). No entanto, numa década crescentemente ensombrada pelos custos da Guerra no Vietname – que consumia em cada ano montante superior ao da totalidade do Programa Apollo – o entusiasmo popular nunca esmoreceu no que dizia respeito à corrida espacial.

É certo que o lançamento do *Sputnik 1* em 1957 colocou em causa a *imaginada* supremacia científica e tecnológica dos Estados Unidos, chegando mesmo a questionar a adequação do sistema educativo americano e as prioridades nacionais. Acima de tudo, o *Sputnik* foi um violento golpe desferido no prestígio americano, que permanecia invicto desde a independência em 1776. O impacto desse momento histórico ficou marcado de forma profunda na psicologia americana, conforme bem o ilustra o início do filme *Quiz Show* (1994) de Robert Redford, onde o som do satélite soviético interrompe a venda de um carro de luxo último modelo, símbolo da ociosidade e decadência de uma cultura que parece ter perdido a garra combativa. Também Stephen King, no seu seminal *Danse Macabre* (1981), compara esse momento ao da morte de Kennedy, ou ao da chegada à Lua, como pertencendo àquele grupo de instantes onde *toda* a gente sabe o que estava a fazer e onde estava no momento da sua ocorrência.

Mas a quebra do prestígio nacional não explica completamente a forma com que a imaginação colectiva abraçou a ousada demanda da Lua. Afinal, o prestígio americano foi bastante sovado ao longo dessa década, atingido pelo desaire da Baía dos Porcos em Cuba, pelos confrontos raciais,

pelo assassinato de JFK em 1963, do irmão, Robert e de Martin Luther King em 1968, pela Guerra do Vietname a partir da sua crescente americanização em 1965. Por que razão foi a conquista da Lua a expressão escolhida para lavar as feridas desse prestígio ferido? Certamente que as vantagens científicas a serem alcançadas, eram atractivas – mas incapazes, por si só, de justificar a magnitude do Programa Espacial; também as vantagens militares, incentivando o desenvolvimento de foguetes mais potentes e tecnologia mais avançada que pudesse ser aplicada ao desempenho dos mísseis balísticos intercontinentais – mas não foi isso o que animou as massas de populares que acorriam a Cape Kennedy para assistir a todos e cada um dos lançamentos; as vantagens económicas, potenciadas pela criação de novas ligas e compostos, pelo aperfeiçoamento de técnicas de miniaturização e processamento informático, só mais tarde seriam perceptíveis; a injeção de dinheiro na economia – daqueles vinte e quatro biliões de dólares à cotação de 1972 – não era significativa, quando nos recordamos que no pico do conflito, o governo injectava 800 biliões desses mesmos dólares, por ano, no Vietname.

Se toda uma nação abraçou um programa espacial tão ousado que implicava o envio de um foguetão mais alto do que a Estátua da Liberdade a uma distância maior do que alguma vez alguém percorrera, a velocidades até então inimaginadas, para lograr pousar, com toda a precisão no alvo, num aparelho tão frágil como uma embalagem de ovos, controlado por um computador de bordo com apenas 36k de memória, foi pelo facto de essa viagem, ansiada há milénios, fazer parte da cultura popular norte-americana. O Programa Apollo, aos olhos de milhões de Americanos, mesmo daqueles que nunca leram uma tira de Buck Rogers ou de Flash Gordon, que nunca leram um livro de Heinlein ou de Asimov ou de Clarke, era a expressão triunfante de uma cultura popular essencialmente *americana*. Que o fosse, na verdade, universal, é, para o contexto, indiferente. A *ideia* de naves espaciais a cobrir as distâncias cósmicas, levando no interior os modernos exploradores, os modernos cowboys, os modernos piratas, era parte de um imaginário enriquecido ao longo de milénios em obras esquecidas desde que Luciano de Samosata inaugurou a Lua como local a visitar no século II a.C.. É sabido que a comunidade da ficção científica sempre reclamou a inspiração do programa espacial. E isso não deixa de ter a sua ponta de verdade de um e outro lado da Cortina de Ferro. Afinal, não fora von Braun atraído para o desenvolvimento de foguetões pelo filme *Die Frau im Mond* (1929) de Fritz Lang, para o qual Hermann Oberth servira como consultor técnico? Não fora esse mesmo filme que criara o precedente da contagem regressiva que décadas mais tarde se escutaria nas praias da Florida? Não era Robert Goddard, o pai da tecnologia de foguetes norte-americana, um leitor obcecado por Júlio Verne? Não foi o Módulo de Comando da Apollo

11 baptizado por Armstrong como *Columbia* em homenagem à Columbiad de Verne? Não estiveram os autores de FC como Heinlein, Clarke, Asimov, Anderson desde sempre ligados ao Programa Espacial, quer nas páginas que escreviam, quer através da sua presença constante, como convidados especiais nos lançamentos das sucessivas missões?

Será esse, então, o porquê daquela era mágica em que podíamos erguer os olhos ao céu e ver o rasto luminoso de um foguetão que acelera rumo à liberdade... à liberdade das grilhetas opressivas da gravidade terrestre, à liberdade da imensidão cósmica, pontilhada de estrelas. Durante uma década, o imaginário de uma nação, o imaginário de uma espécie, tornou-se realidade... o espaço interior da imaginação derramou-se sobre o mundo e, por um instante, este confundiu-se com o sonho. Talvez por isso os autores da *New Wave* reagiram tão mal a ele. Cultivando a exploração do *inner space* ballardiano, sentiram essa súbita identificação do interno com o externo, da ficção de escapismo com a realidade, como um total colapso da cultura sobre si própria. Um desencanto que ecoa magnífico em obras como *Memories of the Space Age* (1988) de Ballard ou *Beyond Apollo* (1971) de Barry N. Malzberg.

A presente antologia recolhe dez narrativas de diversos autores que retratam a primeira viagem à Lua tal como ela foi imaginada pela ficção científica. Como literatura que é, obra do espírito humano, não lhe pode ser exigida a precisão profética com que muitos a querem por vezes sobrecarregar, mas lendo estes contos e estas noveletas é impossível não ficarmos surpreendidos com as coincidências, com a exactidão de algumas descrições, com a familiaridade que elas nos evocam face a um mundo que abandonamos há trinta e oito anos para não mais lá regressarmos. Todos estes textos foram escritos antes de 1969 e depois de 1865. Foram estas as balizas que fixámos para orientar o processo de escolha. Antes de 1865, ano de publicação do *De la Terre à la Lune* de Verne, a maior parte dos autores escolhia abordar a viagem à Lua no âmbito do texto de sátira, sendo-lhes quase indiferente a validade *qualitativa* do método de efectuar a viagem. É certo que a par das gotas de orvalho, *Cyrano de Bergerac* aflorou também a hipótese de se servir de foguetes para se impulsionar até à Lua em 1656, e que Poe tentou dotar a aventura de um certo Hans Phaal (1835) de uma certa credibilidade científica, mas ambas as obras, tal como as de Francis Godwin, John Wilkins, Ralph Morris, Richard Adams Locke e tantas, tantas outras, não estavam propriamente interessadas na exploração da possibilidade da viagem ao nosso satélite natural, mas apenas em lograr um poleiro mais alto para lançar um (merecido) olhar crítico sobre nós próprios. Verne foi o primeiro a tratar a viagem à Lua como um feito técnico e um fim em si mesmo, digno, por si só, de ser alcançado.

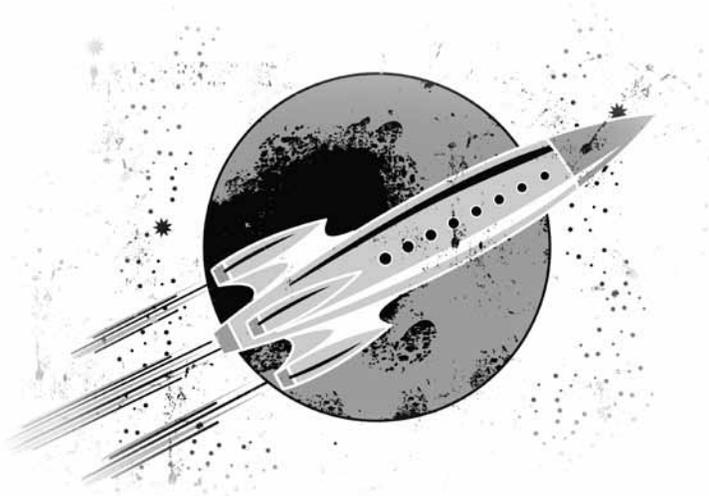
Doze astronautas visitaram a Lua entre 20 de Julho de 1969 e 15 de Dezembro de 1972. Desses, apenas nove se encontram actualmente vivos. Com os principais objectivos cumpridos, o cancelamento das missões Apollo 18 a 20 significou o fim prematuro de um ambicioso Programa Espacial que se via como o primeiro passo numa progressiva colonização do sistema solar. Foi pouco, foi muito pouco. Insuficiente para proceder a um adequado estudo científico da Lua, demasiado apressado para permitir o desenvolvimento de aparelhos alternativos e capazes de descolagem e aterragem independentes na linha do experimental X-15, e ferido economicamente pela crise crescente e pelos dispêndios com o Vietname, o Programa Apollo cumpriu, ironicamente, aquilo que os precursores da moderna FC tinham compreendido: ao obterem as primeiras fotografias da Terra vista da Lua, permitiram lançar um olhar único sobre nós e sobre o nosso planeta. Em 1961, em resposta a um inquérito do Jornal de Letras e Artes (Ano I – n.º 8, 22 de Novembro), Rómulo de Carvalho sintetizava assim as suas expectativas sobre a pretensão Americana de alcançar a Lua: *“Também não espero que os poetas tenham coisas novas a dizer. Como as células limitam o poder da retina, também as palavras, que são células da comunicação verbal, limitam o poder de expressão do poeta. Do que haverá sempre de novo a dizer será do próprio homem e, da paisagem, terrena ou sideral, aquilo que dela é parte do homem”*. E nunca o homem foi tão parte do Universo como quando espreitou para si próprio a partir de um mundo morto.

Irónico, portanto, que em última instância, o Programa Espacial e a ficção científica se encontrassem irmanadas também nisso: ambos proporcionaram um olhar novo sobre o humano. Um olhar que mais nenhuma forma de expressão humana pode igualar.

O homem que vendeu a Lua

de

Robert. A. Heinlein



INTRODUÇÃO

Quando em 1998 Dennis Piskiewicz publicou aquela que é praticamente a biografia definitiva de Wernher von Braun, escolheu para subtítulo *The Man Who Sold the Moon*. Mas antes de von Braun, polêmico criador do foguetão *Saturn V* que finalmente acabaria por permitir a viagem à Lua, houve um outro e não menos importante dignitário de tão distinta comenda. Para legiões de leitores de ficção científica em todo o mundo, o homem que primeiro nos vendeu a Lua foi Robert A. Heinlein.

Heinlein, que publicou o seu primeiro conto, *Life-Line*, em 1939, cedo se tornou a força dominante da ficção científica, criando e desenvolvendo uma estética narrativa assente essencialmente numa descrição *quotidiana* das coisas futuras e das tecnologias imaginadas, reforçada por um vasto plano de história futura que constituía o pano de fundo coeso e coerente que agregava os vários elementos dos seus primeiros contos e romances. Acreditando – como poucos contemporâneos seus acreditaram – que a ficção especulativa (como gostava de lhe chamar) tinha uma componente de *profecia* que lhe impunha tentar “adivinhar” tendências futuras – sobretudo a nível social e tecnológico – foi também dos poucos que marcou pontos sucessivos nessa área (a criação dos *waldoes* – braços tensores para a manipulação à distância de matérias perigosas e que foram baptizados em honra daqueles inventados por Heinlein na sua noveleta *Waldo*, publicada pela primeira vez em 1942 sob o pseudónimo Anson MacDonald, é o exemplo mais citado). Em consequência, Heinlein moldou à sua imagem a chamada *hard science fiction*, a ficção científica de maior pendor tecnoló-

gico e rigor científico, permitindo-lhe subsistir e prosperar mesmo quando leitores e autores mais jovens a abandonavam em meados dos anos sessenta voltando-se para os modelos alternativos que podiam encontrar nas obras de Disch, Bester, Dick, Sturgeon ou Moorcock.

Os anos sessenta foram uma época estranha: o confluir num único momento histórico de duas mundividências completamente opostas – as dos sobreviventes da Grande Depressão que tinham combatido na Segunda Guerra Mundial e a dos *baby boomers* que então atingiam a maioria – gerou um dos períodos mais dinâmicos, conflituosos, criativos, violentos e belos de que há memória. E, ironicamente, foi nos mesmos anos sessenta, em que se voltava as costas à *hard science fiction* heinleiniana, que uma das suas maiores promessas se concretizou: o Programa Apollo.

Heinlein, convicto Darwinista Social, acreditava que a evolução e o futuro da humanidade não só exigiam como dependiam inapelavelmente da exploração espacial. A sua História Futura, cujo esquema fora publicado por Campbell, editor da *Astounding Science Fiction*, em 1941, colocava o primeiro grande passo dessa exploração na chegada do homem à Lua, *optimisticamente* prevista para 1976. Heinlein, que afirmava que a vida não só era demasiado curta, como sobretudo demasiado estreita, não dando espaço a que o indivíduo pudesse prosseguir interesses diversos e diversificados, escreveu nada menos do que 3 narrativas em torno da primeira viagem à Lua. Tal facto seria bastante para nos dar uma medida da importância que ele depositava naquele que seria – na ficção e na realidade – um dos maiores feitos e triunfos do espírito humano; no entanto, mais eloquente ainda é a paixão, claramente um reflexo da sua própria, com que investiu D. D. Harriman, personagem central de todas elas, e protagonista das narrativas que abrem e fecham este volume.

The Man Who Sold the Moon, título original do primeiro texto desta antologia, foi originalmente publicado em 1950 e é um dos melhores e mais celebrados contos de Heinlein. Inevitavelmente datado pela chegada do Homem à Lua em 1969, a noveleta mantém ainda toda a frescura de quando foi publicada pela primeira vez, graças ao tema central da luta arquetípica de um indivíduo contra o sistema por forma a realizar o seu sonho. Lendo-o, é possível sorrir com a escolha do método de propulsão da primeira nave que parte rumo à Lua, ou com os desadequados princípios e manobras económicas com que Harriman procura financiar a sua empreitada. Mas, ao mesmo tempo, é impossível não deixar de observar o premonitório de algumas das suas extrapolações – afinal, quase se diria que a vida tem a tendência a imitar a arte quando, lendo a manigância que Harriman pretende fazer com a venda de envelopes pré-selados alegadamente transportados até à Lua, nos recordamos de como um esquema semelhante

manchou a missão da Apollo 15 e pôs fim à carreira de um dos mais capazes astronautas da NASA, David Scott.

Mas, independentemente de tudo isso, *O Homem que Vendeu a Lua* é um manifesto em prol da conquista das estrelas, um hino contra a imobilidade e o atavismo, e uma narrativa apaixonada sobre um homem que tem que suportar a suprema ironia para que o sonho de uma vida possa ser concretizado...



I

Tens de ser crente!

George Strong fez um sorriso de esguelha perante a declaração do sócio.

— Delos, porque não desistes? Andas a cantar essa mesma canção há anos. Talvez um dia os homens vão à Lua... Se bem que eu duvide muito disso. Mas, seja como for, tu e eu não viveremos para ver tal coisa. A perda do satélite gerador pôs um ponto final nessa questão, no que toca à nossa geração.

D. D. Harriman resmungou:

— Só não veremos isso acontecer se ficarmos sentados nos nossos grandes rabos e se nada fizermos para que aconteça. Mas podemos fazer que aconteça.

— Pergunta número um: como? Pergunta número dois: porquê?

— «Porquê», pergunta ele! Porquê? George, não haverá nada nessa tua alma amarga a não ser percentagens e dividendos? Nunca te sentaste com uma rapariga, numa noite quente de Verão, a olhar para a Lua e a indagar-te sobre o que lá haverá?

— Sim, cheguei a fazer isso uma vez. Apanhei uma grande constipação.

Harriman interrogou o Todo-Poderoso sobre por que razão estava entregue aos Filisteus. Depois, voltou a concentrar-se no sócio.

— Poderia dizer-te o porquê, o verdadeiro «porquê», mas não irias compreender-me. Queres saber o porquê em termos de dinheiro, não é?

Queres saber como poderão a *Harriman & Strong* e a *Harriman Enterprises* mostrar lucros, não é?

— Sim — admitiu Strong — e não me venhas com a conversa acerca do negócio do turismo e das fabulosas jóias lunares. Já ouvi isso.

— Pedes-me que te mostre os números relativos a um tipo de empreendimento completamente novo, sabendo que não o posso fazer. É como se pedisses aos irmãos Wright para te darem uma estimativa de quanto dinheiro a *Curtiss-Wright Corporation* viria um dia a ganhar, a fabricar aviões. Deixa-me pôr isto de outra forma: não querias que entrássemos no negócio das casas de plástico, pois não? Se fizéssemos tudo como querias, ainda estávamos em Kansas City, a subdividir pastagens de vacas e a vender terrenos. — Strong encolheu os ombros. — Quanto já facturou a *New World Homes*, até agora?

Strong pareceu distraído, enquanto exercia o talento que trazia para aquela parceria.

— Hum... 172 946 004,62 dólares, depois de impostos, no final do último ano fiscal. A estimativa corrente para este ano é de...

— Esquece isso. Quanto foi o nosso encaixe?

— Bem... hum... a parceria, excluindo a parte com que tu ficas-te pessoalmente e depois me vendeste mais tarde, teve lucros gerados pela *New World Homes*, durante este mesmo período, de 13 010 437,20 dólares, antes de impostos. Delos, esta dupla tributação tem de parar. Penalizar o empreendedorismo é uma maneira garantida de mandar este país directamente para...

— Deixa isso, deixa isso! Quanto ganhámos com a *Sky Blast Freight* e com a *Antipodes Transways*? — Strong respondeu-lhe. — E, no entanto, tive de te ameaçar fisicamente para te forçar a avançar com uns tostões para comprarmos a patente do injecto. Dizias tu que os foguetes eram uma moda passageira.

— Tivemos sorte — objectou Strong. — Não tinhas maneira de saber que iria haver uma grande greve no sector do urânio na Austrália. Sem isso, o grupo *Skyways* ter-nos-ia posto no vermelho. E, já agora, a *New World Homes* também teria sido um falhanço, se não fosse terem aparecido as cidades à beira da estrada para nos darem um mercado à margem das leis de construção locais.

— Ambos esses pontos não valem nada. O transporte rápido há-de sempre recompensar; sempre assim foi. Quanto ao Novo Mundo, quando dez milhões de famílias precisam de novas casas e nós conseguimos vender-lhas baratas, as pessoas compram. Não permitirão que as leis de construção as impeçam, pelo menos permanentemente. Apostámos numa certeza. Pensa mais atrás, George: em que empreendimentos perdemos di-

nheiro, e em quais ganhámos? Todas as minhas ideias loucas deram dinheiro, não foi? E a única vez em que perdemos a mão foi com investimentos conservadores na área financeira.

— Mas também ganhámos dinheiro com alguns investimentos conservadores — protestou Strong.

— Não o suficiente para pagar o teu iate. Sê justo nisto, George: a *Andes Development Company*, a patente do pantógrafo integrado, todos os meus esquemas bizarros... Foi preciso arrastar-te para eles. E todos eles foram compensadores.

— Tive de suar sangue para os tornar compensadores — resmungou Strong.

— É por isso que somos sócios. Eu agarro num gato selvagem pelo rabo; tu pões-lhe uma trela e fá-lo trabalhar. Agora, vamos à Lua, e tu farás com que isso seja rentável.

— Fala por ti. Eu não vou à Lua.

— Eu vou.

— Humpf! Delos, mesmo admitindo que tenhamos ficado ricos devido à especulação com base nos teus palpites, continua a ser um facto irrefutável que, quando se continua a jogar indefinidamente, se acaba por perder tudo. Há um velho ditado sobre o cântaro que tantas vezes vai à fonte...

— Caramba, George! Eu vou à Lua! Se não me queres apoiar, vamos fazer as contas e farei isso sozinho.

Strong tamborilou os dedos na secretária.

— Ora, Delos, ninguém disse que não te apoiaria.

— Então decide-te. Este é o momento, e estou decidido. Vou ser o Homem na Lua.

— Bom... Vamos andando. Vamos chegar atrasados à reunião.

Quando saíam do gabinete conjunto, Strong, sempre poupado até ao tótão, teve o cuidado de apagar a luz. Harriman vira-o fazer isso milhares de vezes; desta vez, comentou:

— George, que achas de um interruptor que desligasse automaticamente quando saíesses de uma sala?

— Hum... Mas suponhamos que fica alguém na sala?

— Bom... Poderia ser configurado para se manter ligado quando alguém estivesse realmente na sala; o interruptor poderia responder à radiação calórica do corpo humano, talvez.

— Demasiado caro e demasiado complicado.

— Não precisa de ser. Hei-de passar a ideia ao Ferguson, para ele se

entreter. Tem de ser do mesmo tamanho dos interruptores actuais e suficientemente barato para que a energia poupada ao fim de um ano compense o preço.

— E como funcionaria? — perguntou Strong.

— Como hei-de saber? Não sou engenheiro; isso é com o Ferguson e com os outros rapazes com formação.

Strong opôs-se.

— Isso não tem valor comercial. Apagar a luz quando se sai de uma sala é uma questão de temperamento. Eu tenho-o, tu não. Se um homem não o tem, não poderás interessá-lo num tal interruptor.

— Poderei, se a electricidade continuar a ser racionada. Há falta de electricidade neste momento; e há-de haver ainda mais.

— Mas é só temporária. Esta reunião há-de endireitar isso.

— George, não há nada neste mundo mais permanente do que uma emergência temporária. O interruptor vai vender-se.

Strong pegou num bloco de apontamentos e numa caneta.

— Telefonarei a Ferguson acerca disso amanhã.

Harriman esqueceu o assunto, para nunca mais pensar nele. Tinha chegado ao telhado. Fez sinal a um táxi, e depois virou-se para Strong.

— Quanto poderíamos realizar em capital se nos desfizéssemos dos nossos activos na *Roadways* e na *Belt Transport Corporation*? E na *New World Homes*?

— O quê?! Endoideceste?

— Provavelmente. Mas vou precisar de todo o dinheiro vivo que puderes libertar. A *Roadways* e a *Belt Transport* não são grande coisa; até deveríamos ter-nos retirado de lá mais cedo.

— Endoideceste mesmo. Esse é precisamente o único investimento conservador que apoiaste.

— Mas não estava a ser conservador quando o fiz. Acredita, George, as cidades à beira da estrada estão a dar o berro. Estão a começar a ficar moribundas, tal como aconteceu aos caminhos-de-ferro. Dentro de cem anos, não haverá uma única no continente inteiro. Qual é a fórmula para fazer dinheiro, George?

— Comprar em baixa e vender em alta.

— Isso é só metade da coisa... A tua metade. Temos de adivinhar em que sentido as coisas estão a avançar, dar-lhes um empurrão e assegurar-nos de que estamos na primeira linha. Liquidada essa tralha, George; vou precisar de dinheiro vivo para poder operar.

O táxi aterrou; entraram e o táxi arrancou.

Deixou-os no telhado do Hemisphere Power Building; dirigiram-se

para a sala de administração do conglomerado da electricidade, que ficava tão distante do piso térreo, mas para baixo, como a plataforma de aterragem, no telhado. Nesses tempos, apesar de anos de paz, os barões da indústria tinham por hábito reunir-se em locais relativamente imunes a bombas atómicas. A sala não se assemelhava a um refúgio antibomba; parecia ser um salão de um apartamento luxuoso de cobertura, porque uma janela «com vista», por detrás da cadeira do presidente, no extremo da mesa, mostrava a cidade vista de cima, numa imagem convincente, estereoscópica, projectada do tecto.

Os outros administradores estavam diante deles. Dixon acenou com a cabeça quando entraram, olhou de relance para o relógio e disse:

— Pois bem, cavalheiros, o nosso rapaz malcomportado já chegou; o melhor é começarmos.

Sentou-se na cadeira de presidente e pediu silêncio.

— As minutas da última reunião estão nas pastas à vossa frente, como de costume. Avisem quando tiverem terminado.

Harriman passou os olhos pela minuta que tinha à sua frente e imediatamente carregou num botão em cima da mesa; uma pequena luz verde começou a piscar diante dele. A maioria dos administradores fez a mesma coisa.

— Quem está a atrasar a procissão? — inquiriu Harriman, olhando em volta. — Ah, és tu, George. Despacha-te.

— Gosto de analisar os números — respondeu o sócio de Harriman; depois, carregou no seu botão. Uma luz verde maior acendeu-se diante do presidente Dixon, que por sua vez carregou noutro botão; uma placa transparente, subindo até dois ou três centímetros à sua frente, acendeu-se com as palavras «EM REGISTO».

— Relatório operacional — disse Dixon, e tocou noutro botão. Uma voz feminina começou a ouvir-se, vinda de lado nenhum. Harriman seguiu o relatório pela folha de papel seguinte que tinha diante de si. Estavam agora em operação treze pilhas eléctricas de tipo Curie, mais cinco do que aquando da reunião anterior. As pilhas Susquehanna e Charleston tinham ficado com o débito de potência anteriormente cedido pela *Atlantic Road-city*, e as estradas dessa cidade estavam agora a funcionar à velocidade normal. Esperava-se que a estrada Chicago-Angeles pudesse ser repostada na velocidade normal durante os quinze dias seguintes. A energia continuaria a ser racionada, mas a crise estava terminada.

Tudo muito interessante, mas sem nenhum interesse directo para Harriman. A crise de energia que tinha sido causada pela explosão do satélite de energia estava a ser controlada de forma satisfatória; isso era tudo muito bom, mas o interesse de Harriman residia no facto de que a causa a

favor das viagens interplanetárias tinha sofrido um revés por causa disso, de que poderia nunca recuperar.

Quando os combustíveis isotópicos artificiais de Harper-Erickson tinham sido desenvolvidos, três anos antes, parecera que, para além de resolverem o dilema de uma fonte de energia impossivelmente perigosa, mas que também era absolutamente necessária para a vida económica do continente, tinha sido encontrado um meio fácil de se conseguir avançar com as viagens interplanetárias.

A pilha de energia do Arizona fora instalada num dos maiores foguetões da *Antipodes*, com o foguetão a ser alimentado por combustível isotópico produzido pela própria pilha, e o conjunto todo fora colocado em órbita à volta da terra. Um foguete muito mais pequeno andara então a fazer de vaivém entre o satélite e a Terra, transportando os abastecimentos para o pessoal da pilha de energia e trazendo de volta combustível sintético radioactivo para a tecnologia da Terra, faminta de energia.

Enquanto administrador do conglomerado da energia, Harriman tinha sido apoiante do satélite gerador — com um segundo interesse que mantivera privado: esperava fornecer energia a uma nave lunar com o combustível fabricado no satélite gerador e, assim, conseguir a primeira viagem à Lua, tudo quase de uma só vez. Nem sequer tentara sacudir o Ministério da Defesa do seu torpor; não queria qualquer subsídio do Estado. O empreendimento era uma coisa de nada; qualquer um poderia consegui-lo — e Harriman haveria de o fazer. Tinha a nave; e em breve teria o combustível.

A nave era um vaivém da sua própria linha, da *Antipodes*, cujos motores tinham sido substituídos, e as asas removidas. Continuava à espera, pronta a ser abastecida de combustível. Era a *City of Brisbane*, recuperada para novo serviço e rebaptizada de *Santa Maria*.

Mas o combustível estava a demorar a chegar. O combustível tinha de ser, antes de mais, reservado para o vaivém; depois, vieram as necessidades de energia de um continente sob racionamento. E estas necessidades tinham vindo a crescer mais depressa do que o satélite de energia conseguia debitar combustível. Longe de estar disposto a fornecer-lhe combustível para uma «inútil» viagem à Lua, o conglomerado tinha deitado mão aos meios mais seguros, embora menos eficientes, das pilhas eléctricas de sais de urânio a baixa temperatura e água pesada, de tipo Curie, como forma de usar o urânio directamente para corresponder à procura cada vez maior de energia, em vez de construir e lançar mais satélites.

Infelizmente, as pilhas de tipo Curie não geravam as condições tremendas, semelhantes ao interior de uma estrela, necessárias para criar

os combustíveis isotópicos que eram requeridos por um foguetão movido a energia atômica. Harriman habituara-se relutantemente à ideia de que teria de usar a pressão política para conseguir dar prioridade aos combustíveis que queria para o Santa Maria.

E então, o satélite explodira.

Harriman foi distraído da leitura do relatório pela voz de Dixon.

— O relatório operacional parece satisfatório, cavalheiros. Se não houver objecções, será registado como aprovado. Notarão que nos próximos noventa dias regressaremos aos níveis de energia que existiam antes de termos sido forçados a encerrar a pilha Arizona.

— Mas sem quaisquer precauções que prevejam as necessidades futuras — fez notar Harriman. — Enquanto estamos aqui sentados, nasceram muitos bebês.

— Isso é uma objecção à aprovação do relatório, D. D.?

— Não.

— Muito bem. E agora quanto ao relatório de Relações Públicas... Permitam-me que chame a atenção para o primeiro item, cavalheiros. O vice-presidente em exercício recomenda um esquema de anuidades, benefícios, bolsas de estudo, e por aí fora, para os dependentes do pessoal do satélite de energia e do piloto do *Charon*. Vejam o Apêndice «C».

Um administrador em frente a Harriman — Phineas Morgan, director-geral do grupo *Cuisine, Inc.* — protestou:

— Que é isto, Ed? É uma pena que tenham morrido, evidentemente, mas pagávamos-lhes salários elevadíssimos e tinham bons seguros. Porquê a caridade?

Harriman resmungou:

— Pague-se. Voto nesse sentido. São tostões. «Não se mata à fome o animal que puxa a carroça».

— Eu não chamaria tostões a mais de novecentos mil dólares — protestou Morgan.

— Só um momento, cavalheiros... — era o vice-presidente responsável pelas relações públicas, ele próprio administrador, também. — Se reparar nos pormenores, verá que 85% do dinheiro será usado para dar publicidade a este gesto.

Morgan semicerrrou os olhos enquanto revia os números.

— Ah! Porque não disseram logo? Bom, suponho que estes benefícios possam ser considerados como custos operacionais inevitáveis, mas é um mau precedente.

— Sem eles, não temos nada para publicitar.

— Sim, mas...

Dixon interveio rapidamente:

— O Sr. Harriman apresentou voto favorável. Por favor, assinalem os vossos votos. — O painel de contagem brilhou a verde; mesmo Morgan, após alguma hesitação, deu o seu aval à despesa. — Temos, a seguir, um outro item relacionado com este — prosseguiu Dixon. — Uma tal Sra. ... Hum... Garfield, por intermédio dos seus advogados, alega que somos responsáveis pela condição deficiente congénita do seu quarto filho. Os factos putativos são que a criança estava a nascer precisamente quando o satélite explodiu e que a Sra. Garfield estava nesse momento no meridiano directamente por baixo do satélite. Quer que o tribunal lhe atribua uma indemnização de meio milhão.

Morgan olhou para Harriman.

— Delos, calculo que você vai dizer que devemos resolver isto fora do tribunal?

— Não seja tonto. Vamos à luta.

Dixon olhou em volta, surpreendido.

— Porquê, D. D.? A minha suposição é que poderíamos resolver o assunto por dez ou quinze mil dólares; e era isso que ia recomendar. Surpreende-me que o departamento jurídico tenha passado isso para a publicidade.

— É óbvio porquê. Está carregado de explosivos altamente poderosos. Mas deveríamos lutar, apesar da má publicidade possível. Não é como o último caso; a Sra. Garfield e o seu rebento não são gente nossa. E qualquer idiota chapado sabe que não se pode afectar um bebé por causa da radioactividade no momento do nascimento; é preciso ter-se atingido o plasma genético da geração anterior, pelo menos. Em terceiro lugar, se deixarmos isto passar, seremos processados por todo o ovo com duas gemas que seja posto a partir de agora. Isto exige uma alocação de recursos aberta para custos de defesa e nem um cêntimo para soluções de compromisso.

— Pode tornar-se bastante caro — observou Dixon.

— Será mais dispendioso não ir à luta. Se pudermos, deveremos comprar o juiz.

O director de Relações Públicas sussurrou para Dixon, e depois anunciou:

— Apoio o ponto de vista do Sr. Harriman. É essa a recomendação do meu departamento.

Foi aprovado.

— O item seguinte — prosseguiu Dixon — é uma montanha de processos legais originados por termos reduzido a energia às cidades de estra-

da, para a desviarmos para outros sítios durante a crise. Alegam perdas e danos nos negócios e comércio, perdas de tempo, prejuízos com isto e com aquilo, mas baseiam-se todos no mesmo pretexto. O mais sensível é, talvez, o processo apresentado por um accionista que afirma que a *Roadways* e esta empresa estão tão interligadas que a decisão de desviar a energia foi tomada tendo em conta os interesses dos accionistas da *Roadways*. Delos, isto é da tua coutada; queres falar sobre isto?

— Esquece isso.

— Porquê?

— São processos à base de caçadeira. Esta empresa não é responsável; tratei de assegurar que a *Roadways* se oferecesse para fornecer a energia porque já estava a prever isto. E as administrações não estão interligadas; pelo menos no papel. É para isso que se criam os paus-mandados. Esquece isso. Para cada processo que aí tens, a *Roadways* tem uma dúzia. Vamos vencê-los.

— O que te dá tanta certeza?

— Bom... — Harriman recostou-se e passou uma perna por cima do braço da cadeira. — Há uns bons anos eu era mensageiro da *Western Union*. Enquanto esperava no escritório, lia tudo a que pudesse deitar a mão, incluindo o contrato que estava escrito no verso do papel dos telegramas. Lembram-se disso? Os telegramas costumavam ser entregues em papel amarelo; ao escrever uma mensagem no papel, aceitávamos o contrato que estava em letras pequeninas no verso, mas a maioria das pessoas não tinha consciência disso. Sabem o que esse contrato obrigava a empresa a fazer?

— Enviar o telegrama, suponho...

— Não se comprometia a coisíssima nenhuma. A empresa propunha esforçar-se por entregar a mensagem, fosse por meio de uma caravana de camelos ou às costas de um caracol, ou por qualquer outro meio sofisticado, se isso fosse conveniente; mas, em caso de falha, a empresa não era responsável. Li essas letras miudinhas até saber o contrato de cor. Era o mais aprazível naco de prosa que jamais li. Desde então, todos os meus contratos têm sido elaborados com base nesse mesmo princípio. Quem quer que processe a *Roadways* descobrirá que a *Roadways* não pode ser processada por perdas de tempo, porque o tempo não é quantificável. Em caso de completa falha de serviço — que até agora nunca aconteceu —, a *Roadways* só é responsável pelo custo do frete cobrado, ou pelo preço dos bilhetes de transporte comprados. Por isso, esqueçam.

Morgan endireitou-se na cadeira.

— D. D., suponha que eu decidia regressar à minha casa de campo esta noite, usando a via rápida, e que havia uma falha qualquer que me im-

pedia de estar aqui amanhã a horas... O que está a dizer é que a *Roadways* não seria legalmente responsável?

Harriman sorriu.

— A *Roadways* não será legalmente responsável, nem que você morra de fome durante a viagem. Use o helicóptero — voltou-se para Dixon: — Proponho que não façamos nada em relação a estes processos e que deixemos a *Roadways* abrir caminho por nós.

— Estando completa a agenda normal — anunciou Dixon mais tarde —, está reservado tempo para o nosso colega, o Sr. Harriman, falar sobre um tema de sua escolha. Não forneceu esse tema antecipadamente, mas escutá-lo-emos até decidirmos encerrar a reunião.

Morgan olhou com azedume para Harriman.

— Proponho que encerremos desde já a reunião.

Harriman fez um sorriso retorcido:

— Por dois tostões, apoiava a tua moção e deixava-te a morrer de curiosidade.

A moção foi rejeitada, por não haver mais ninguém que a apoiasse. Harriman levantou-se.

— Sr. Presidente, meus amigos — e olhou para Morgan — e associados. Como sabem, estou interessado nas viagens espaciais.

Dixon olhou para ele intensamente.

— Não me digas que é isso mais uma vez, Delos! Se não estivesse a presidir, eu mesmo proporia o encerramento da reunião imediatamente.

— É mesmo isso outra vez — concordou Harriman. — Agora e sempre. Ouçam-me. Há três anos, quando corríamos todos para colocar a pilha de energia Arizona no espaço, parecia que tínhamos um bónus sob a forma das viagens interplanetárias. Alguns de vós juntaram-se a mim para formar a *Spaceways, Inc.*, para a experimentação, investigação... e exploração.

» O espaço foi conquistado; foguetões que podiam ser mantidos em órbita em volta do globo também podiam ser modificados para ir à Lua; e de lá, para qualquer outro lugar! Era apenas uma questão de o fazer. Os problemas que restavam eram de carácter financeiro — e político.

» Na verdade, os verdadeiros problemas de engenharia da viagem espacial estão resolvidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A conquista do espaço tornou-se desde então uma simples questão de dinheiro e política. Mas parecia, de facto, que o processo Harper-Erickson, com o seu concomitante foguetão em volta da Terra e um combustível de foguetão económico e prático, tinha-o pelo menos tornado uma coisa muito real; tão próxima, na verdade, que não me opus quando os primeiros lotes de combustível provenientes do satélite foram reservados para energia industrial.

Harriman olhou à sua volta.

— Não devia ter ficado calado. Devia ter barafustado e ter feito pressão e ter-me tornado tão incomodativo que vocês acabassem por me reservar o combustível, só para se verem livres de mim. Porque agora já perdemos a nossa melhor hipótese. O satélite foi-se; a fonte de combustível desapareceu. Até o foguete vaivém desapareceu. Estamos de regresso ao ponto em que estávamos em 1950. Assim sendo...

Fez uma nova pausa.

— Assim sendo... Proponho que construamos uma nave espacial e a enviemos para a Lua!

Dixon quebrou o silêncio.

— Delos, estás com um parafuso a menos? Acabaste de dizer que isso já não era possível. E agora dizes para construirmos uma nave.

— Não disse que fosse impossível; disse que tínhamos perdido a nossa melhor oportunidade. O momento está mais do que maduro para uma viagem espacial. Este mundo está cada vez mais superpovoado. Apesar dos avanços técnicos, a produção de alimentos do planeta é menor do que era há trinta anos; e recebemos quarenta e seis novos bebês a cada minuto; sessenta e cinco mil por dia, vinte e cinco milhões a cada ano. A nossa espécie está prestes a explodir em direcção a outros planetas; se tivermos a iniciativa, ajudaremos a que isto aconteça. Sim, perdemos a melhor oportunidade; mas os pormenores de engenharia podem ser resolvidos. A verdadeira questão é quem vai pagar a conta. É por isso que me dirijo a vós, cavalheiros, uma vez que aqui mesmo, nesta sala, está a capital financeira deste planeta.

Morgan levantou-se.

— Sr. Presidente, se todos os assuntos relativos a esta empresa estão terminados, peço licença para me retirar.

Dixon acenou com a cabeça. Harriman disse:

— Adeus, Phineas. Não deixe que eu o retenha. Ora bem, como ia a dizer, é um problema de dinheiro, e é aqui que está o dinheiro. Proponho que financiemos uma viagem à Lua.

A proposta não produziu nenhuma excitação especial; estes homens conheciam Harriman. Dixon disse logo:

— Alguém apoia a moção de D. D.?

— Só um momento, Sr. Presidente... — era Jack Entenza, presidente da *Two-Continents Amusement Corporation*. — Quero fazer algumas perguntas a Delos — e voltou-se para Harriman. — D. D., sabes que acompanhei a jogada quando montaste a *Spaceways*. Parecia um investimento barato e possivelmente lucrativo em valores educativos e científicos; nun-

ca fui na conversa dos cargueiros espaciais a fazer a ligação entre planetas. Isso é fantasioso. Não me importo de entrar no jogo contigo e com os teus sonhos, até um certo ponto, mas como te propões chegar à Lua? Como disseste, estás sem combustível para isso.

Harriman ainda estava a sorrir.

— Não brinques comigo, Jack. Sei bem como tu alinhaste. Não estavas interessado em ciência; nunca contribuístes com um cêntimo para a ciência. Esperavas obter o monopólio de televisão para a tua rede. Pois bem, tê-lo-ás, se alinhares comigo. Caso contrário, vou buscar a *Recreations Unlimited*; esses hão-de pagar o que for preciso só para te enfiarem um dedo num olho.

Entenza olhou para ele com ar desconfiado.

— Quanto me vai isso custar?

— A tua outra camisa, um olho, os dentes e o anel de noivado da tua mulher; a não ser que a *Recreations* pague mais.

— Raios te partam, Delos, és mesmo manhoso.

— Vindo de ti, Jack, isso é um elogio. Faremos negócio. Ora bem, quanto à forma como chegarei à Lua, trata-se de uma pergunta tola. Não há ninguém nesta sala que consiga lidar com alguma coisa mais complicada do que um garfo e uma faca. Nenhum de vocês distingue uma chave-inglesa de um reactor a jacto; e, mesmo assim, pedem-me que mostre os planos de uma nave espacial.

» Pois bem, eu digo-vos como vou chegar à Lua. Contratarei rapaziada com massa cinzenta adequada, dar-lhes-ei tudo o que quiserem, assegurarei que tenham todo o dinheiro de que precisarem, convencê-los-ei com palavras meigas a trabalhar longas horas... e depois afastar-me-ei um pouco para os ver a obter resultados. Gerirei a coisa como um Projecto Manhattan. A maioria de vocês lembra-se do projecto da bomba atómica. Caramba, alguns até se lembram da Bolha do Mississípi¹. O tipo que dirigiu o Projecto Manhattan não sabia distinguir um neutrão do seu tio George; mas obteve resultados. Resolveram o assunto em três tempos. É por isso que não estou nada preocupado com o combustível. Havemos de ter o combustível. Teremos vários combustíveis.

Dixon interveio:

— E, supondo que isso resulta? Parece-me que nos estás a pedir que mandemos a empresa à falência para benefício de uma aventura sem nenhum valor real, a não ser puramente científico, e de um evento de divertimento único. Não estou contra; não me importaria de entrar com dez ou quinze mil para apoiar um empreendimento de valor. Mas não consigo ver nada disso como uma proposta de negócio.

1 - Crise financeira ocorrida em França em 1720. (N. do T.)

Harriman apoiou-se nas pontas dos dedos e percorreu a mesa com o olhar.

— Dez ou quinze mil? Amendoins! Dan, o que eu quero é que entres com um par de mega-dólares, pelo menos; e antes de terminarmos o projecto, há-de estar a implorar que te venda mais acções. Este é o maior empreendimento imobiliário desde que o Papa traçou as fronteiras do Novo Mundo. Não me perguntem em que é que vamos ter lucros; não posso discriminar os bens um a um; mas posso somá-los. Os activos serão um planeta: um planeta inteiro, Dan, que nunca foi tocado. E outros planetas para lá deste. Se não somos capazes de descortinar maneiras de arrancar uns quantos dólares rápidos de um cenário tão favorável como este, o melhor é irmos os dois viver de caridade. É como ter a Ilha de Manhattan a ser-nos oferecida por vinte dólares e uma caixa de whisky.

Dixon resmungou:

— Fazes isso soar como a oportunidade de uma vida.

— Oportunidade de uma vida, o tanas! Isto é a maior oportunidade de toda a história. É chover sopa; arranja um balde.

Ao lado de Entenza estava sentado Gaston P. Jones, director do *Trans-America* e de mais uma dúzia de bancos, e um dos homens mais ricos que estavam na sala. Sacudiu cuidadosamente dois centímetros de cinza do charuto e depois disse secamente:

— Sr. Harriman, vendo-lhe todos os meus interesses na Lua, presentes e futuros, por cinquenta cêntimos.

Harriman pareceu radiante.

— Vendido!

Entenza tinha estado a morder o lábio e a ouvir tudo com uma expressão carregada. Agora, ia falar:

— Só um momento, Sr. Jones. Eu ofereço um dólar.

— Um dólar e meio — contrapôs Harriman.

— Dois dólares — respondeu Entenza calmamente.

— Cinco!

Foram subindo a parada. Aos dez dólares, Entenza deixou Harriman vencer e recostou-se na cadeira, continuando a parecer pensativo. Harriman olhava alegremente à sua volta.

— Qual de vocês, seus ladrões, é advogado? — perguntou.

A pergunta era retórica; de entre os dezassete administradores, a percentagem normal — onze, para ser exacto — eram advogados.

— Eh, Tony — prosseguiu Harriman —, prepara-me já aí um documento legal que sele esta transacção de forma a que não possa ser quebrada nem diante do trono de Deus. Todos os interesses, direitos, titularidades, interesses naturais, interesses futuros, interesses mantidos directamente ou

por via da posse de acções, presentemente detidas ou a serem adquiridas pelo Sr. Jones, e por aí fora. Põe montes de latim nisso. A ideia é que todos os interesses que o Sr. Jones tenha neste momento, ou possa vir a adquirir, são meus; por dez dólares, em dinheiro, pagos em mão. — Harriman bateu com uma nota de dez dólares na mesa. — Negócio fechado, Sr. Jones?

Jones fez um breve sorriso.

— Fechado, meu jovem amigo — e meteu a nota de dez dólares no bolso. — Vou emoldurar esta, para deixar aos meus netos. Para lhes mostrar como é fácil ganhar dinheiro.

Os olhos de Entenza disparavam de Jones para Harriman.

— Muito bem! — disse Harriman. — Meus senhores, o Sr. Jones fixou um preço de mercado para o interesse de um ser humano pelo nosso satélite. Com cerca de três biliões de pessoas neste mundo, isso confere à Lua um preço de trinta biliões de dólares. — Puxou de um maço de notas. — Há mais algum papalvo? Estou comprador de todas as acções que sejam oferecidas, a dez paus cada.

— Eu pago vinte! — gritou Entenza.

Harriman olhou para ele com ar de aflição.

— Jack... Não façam isso. Estamos na mesma equipa. Vamos tomar as acções juntos, a dez dólares.

Dixon bateu na mesa, exigindo ordem.

— Cavalheiros, por favor queiram tratar dessas transacções depois de a reunião ter acabado. Alguém a favor da moção do Sr. Harriman?

Gaston Jones disse:

— Devo ao Sr. Harriman apoiar a moção dele, sem quaisquer preconceitos. Vamos prosseguir com uma votação.

Ninguém se opôs; votaram. Acabou com onze a três, contra Harriman. Harriman, Entenza e Strong a favor; todos os restantes, contra. Harriman levantou-se antes que alguém pudesse propor o fim dos trabalhos e disse:

— Já esperava isto. O meu verdadeiro intento é este: dado que a Empresa já não está interessada nas viagens espaciais, fará o favor de me vender aquilo de que preciso em matéria de patentes, processos, instalações, e por aí fora, presentemente detidos pela Empresa, mas relativo a viagens espaciais, e não relacionado com a produção de energia neste planeta? A nossa breve lua-de-mel com o satélite de energia gerou alguma experiência registada; quero usá-la. Nada de formal; apenas um voto no sentido de que é política da empresa assistir-me de todas as formas que não sejam incompatíveis com os interesses primários da Empresa. Que tal, cavalheiros? Assim, deixo-vos em paz.

Jones voltou a estudar o seu charuto.

— Não vejo nenhuma razão para não satisfazermos o pedido dele, meus senhores... E falo enquanto parte perfeitamente desinteressada.

— Penso que podemos fazer isso — concordou Dixon —, mas não te venderemos nada; arrendaremos. Depois, se por acaso conseguires o *jackpot*, a Empresa manterá um interesse no assunto. Alguém tem objecções? — disse para a sala.

Ninguém se opôs. O assunto foi registado nas actas como política da Empresa e a reunião foi terminada. Harriman parou para sussurrar com Entenza e, por fim, para marcar um encontro.

Gaston Jones ficou junto à porta, a falar em privado com o presidente Dixon. Chamou Strong, sócio de Harriman.

— George, posso fazer-lhe uma pergunta pessoal?

— Não garanto que responda. Avance.

— Sempre me pareceu uma pessoa com a cabeça no lugar. Digame... Porque alinha sempre com o Harriman? Pois se o homem é doido como um parafuso!

Strong fez um ar inocente.

— Deveria negar isso, uma vez que é meu amigo... Mas não posso. Mas quero que se lixe! Sempre que Delos tem um palpito maluco, acaba por se revelar que acertou em cheio. Odeio alinhar com ele... Fico nervoso... Mas aprendi a confiar mais nos palpites dele do que nos relatórios financeiros legalmente certificados de qualquer outro homem.

Jones franziu o sobrolho.

— O toque de Midas, hem?

— Pode chamar-lhe isso.

— Bom, lembre-se do que aconteceu ao rei Midas... no fim da história. Muito bom-dia, meus senhores.

Harriman já tinha deixado Entenza; Strong juntou-se-lhe. Dixon ficou parado a olhar para eles, com ar muito pensativo.

II

A casa de Harriman tinha sido construída na altura em que toda a gente que podia fazê-lo estava a afastar-se dos grandes centros e a ir para debaixo de terra. Acima da superfície havia uma moradia perfeita em Cape Cod — cujos revestimentos de madeira escondiam uma couraça de aço — e terrenos muito agradáveis, cuidadosamente ajardinados; abaixo da superfície havia quatro ou cinco vezes mais espaço do que acima, imune a tudo menos um ataque directo, possuindo uma fonte de ar independente, com reservas para mil horas. Durante os Anos Loucos, os muros convencionais

que rodeavam a propriedade tinham sido substituídos por um muro que parecia o mesmo, mas que poderia deter tudo o que fosse menos poderoso do que um tanque — e os portões também não eram pontos fracos; os seus mecanismos eram tão pessoalmente leais como um cão bem treinado.

Apesar do seu carácter de fortaleza, a casa era confortável. Era também muito dispendiosa de manter.

Harriman não se importava com a despesa; Charlotte gostava da casa, e dava-lhe alguma coisa com que se entreter. Quando tinham casado, Charlotte tinha vivido, sem se queixar, num apartamento acanhado por cima de uma mercearia; se agora gostava de brincar às casinhas num castelo, Harriman não se importava nada.

Mas ia de novo começar um empreendimento de raiz; os alguns milhares por mês de dinheiro vivo que as despesas da casa representavam poderiam, em algum momento do jogo, fazer a diferença entre o sucesso e os meirinhos do tribunal de falências. Nessa noite, ao jantar, depois de os empregados terem trazido o café e o Porto, aflorou o assunto.

— Minha querida, tenho andado a pensar se não gostarias de passar uns meses na Florida.

A mulher de Harriman olhou para ele fixamente.

— Florida? Delos, estás a delirar? A Florida é insuportável nesta altura do ano.

— Então, a Suíça. Escolhe tu o local. Faz umas férias a sério, pelo tempo que quiseres.

— Delos, estás a preparar alguma.

Harriman suspirou. «Estar a preparar alguma» era o inominável e imperdoável crime pelo qual qualquer homem americano podia ser processado, julgado, sentenciado e condenado de um só fôlego. Interrogou-se sobre como tinham as coisas andado para que a metade masculina da espécie tivesse de se comportar sempre de forma a estar de acordo com as regras femininas e com a lógica feminina, como um rapazinho ranhoso diante de uma professora rigorosa.

— De certa forma, talvez. Ambos concordámos que esta casa é um pequeno elefante branco. Estava a pensar fechá-la, possivelmente até vender os terrenos... Que valem muito mais agora do que quando comprámos. Mais tarde, quando nos dispusermos a isso, poderemos construir qualquer coisa mais moderna e um pouco menos parecida com um *bunker*.

A senhora Harriman pareceu temporariamente divertida.

— Bom, já tenho pensado que poderia ser agradável construir uma casa nova, Delos... Digamos um chalé escondido nas montanhas; nada de ostensivo, com não mais de dois empregados, ou três. Mas não fechamos

este sítio até o outro estar construído, Delos. Afinal de contas, uma pessoa tem de viver em algum lado.

— Não estava a pensar construí-la já — respondeu Harriman, cautelosamente.

— Porque não? Já não vamos para novos, Delos; se queremos desfrutar das coisas boas da vida, o melhor é não nos demorarmos. Não precisas de te preocupar com isso; eu trato de tudo.

Harriman matutou por momentos sobre a possibilidade de a deixar construir, para a manter ocupada. Se reservasse o dinheiro para o «pequeno chalé» dela, ela iria viver para um hotel próximo de fosse qual fosse o local onde decidisse construí-lo — e então ele poderia vender aquela monstruosidade onde estavam a viver. Com a cidade de estrada mais próxima agora a menos de quinze quilómetros, o terreno haveria de render mais dinheiro do que a nova casa de Charlotte iria custar, e ver-se-ia livre do sugadouro mensal da sua carteira.

— Talvez tenhas razão — concordou. — Mas suponhamos que começas já a construir; não vais ficar a viver aqui; vais estar a supervisionar todos os pormenores do novo local. Acho que devíamos mudar-nos daqui; isto está a consumir imenso em impostos, manutenção e despesas gerais.

Charlotte abanou a cabeça.

— Isso está completamente fora de questão, Delos. Isto é a minha casa.

Harriman esmagou um charuto quase intocado.

— Lamento, Charlotte, mas não podes ter tudo. Se queres construir uma casa nova, não podes ficar nesta. Se ficas aqui, fechamos as catacumbas subterrâneas, despedimos uma dúzia de parasitas em que estou sempre a tropeçar e passamos a viver na vivenda à superfície. Tenho de cortar despesas.

— Despedir os empregados? Delos, se pensas que vou empenhar-me em manter um lar para ti sem ter pessoal adequado, podes bem...

— Pára com isso. — Harriman levantou-se e atirou com o guarda-napo. — Não é preciso um batalhão de empregados para se fazer um lar. Quando nos casámos, não tinhas empregados... E eras tu que lavavas e engomavas as minhas camisas, ainda por cima. Mas, nessa altura, criámos um lar. Este sítio é como se fosse propriedade desse pessoal de que falas. Pois bem, vamos ver-nos livres deles, excepto a cozinheira e um criado para todo o serviço.

Charlotte não pareceu ouvi-lo.

— Delos! Senta-te e comporta-te como deve ser. Que vem a ser isso tudo de cortar despesas? Estás com algum problema? Estás? Responde-me!

Harriman voltou a sentar-se, com uma expressão grave, e respondeu:

— Mas é preciso um homem estar com problemas para querer cortar despesas?

— No teu caso, sim, é. Ora do que se trata? Não tentes fugir à questão.

— Olha, Charlotte... Concordámos, há já muito tempo, que eu manteria as questões de negócios no escritório. Quanto à casa, muito simplesmente não precisamos de uma casa deste tamanho. Afinal de contas, nem sequer tivemos filhos para a encher...

— Ah! A culpar-me por isso outra vez!

— Vamos lá, Charlotte — começou Harriman de novo, cansadamente. — Nunca te culpei, nem estou a culpar-te agora. Tudo o que sempre fiz foi sugerir que fôssemos a um médico e descobríssemos a razão porque não tínhamos filhos. E durante vinte anos, tens-me feito pagar por essa simples e única observação. Mas isso já lá vai e é assunto encerrado. Eu estava apenas a tentar demonstrar que duas pessoas não enchem vinte quartos. Paguei um preço razoável por uma casa nova, se a quiseres, e dar-te-ei uma mesada amplamente satisfatória — ia começar a dizer de quanto, mas depois decidi não o fazer. — Ou podes fechar este sítio e passar a viver na vivenda à superfície. Trata-se apenas de deixarmos de esbanjar dinheiro... por uns tempos.

Charlotte pegou na última frase.

— Por uns tempos... Que se está a passar, Delos? Em que é que vais esbanjar dinheiro? — Quando ele não respondeu, Charlotte prosseguiu: — Muito bem, se não me dizes, telefono ao George. Ele há-de dizer-me.

— Não faças isso, Charlotte. Estou a avisar-te. Eu...

— Tu o quê? — Charlotte estudou o rosto dele. — Nem preciso de falar com o George; consigo ver muito bem, apenas olhando para ti. Estás com a mesma cara que tinhas quando chegaste a casa e me disseste que tinhas enterrado todo o nosso dinheiro naqueles foguetões malucos.

— Charlotte, isso não é justo. A *Skyways* foi um bom negócio. Deu-nos uma pipa de dinheiro.

— Isso é irrelevante. Sei porque estás a comportar-te de forma tão estranha; estás outra vez com aquela maluqueira da viagem à Lua. Pois não te ajudo nisso, estás a ouvir-me? Hei-de deter-te; não tenho de aturar isso. Irei logo de manhã ver o Sr. Kamens e saber o que posso fazer para te levar a comportares-te como deve ser.

As veias do pescoço de Charlotte pulsavam enquanto falava. Harriman esperou, controlando o mau génio, antes de prosseguir.

— Charlotte, não tens nenhum verdadeiro motivo de queixa. Aconteça o que acontecer comigo, o teu futuro está assegurado.

— Pensas que quero ser viúva?

Harriman olhou-a, pensativo.

— Por vezes, interrogo-me...

— Ora... Ora, seu... Seu animal sem coração. — Levantou-se. — Não se fala mais nisto, importas-te?

E saiu, sem esperar por uma resposta.

O criado de quarto estava à espera de Harriman quando ele subiu para o quarto. Jenkins levantou-se apressadamente e começou a pôr a correr a água para o banho.

— Desaparece — rosnou Harriman. — Consigo muito bem despir-me sozinho.

— Não precisa de mais nada hoje, senhor?

— Nada. Mas não te vás embora se não te apetecer. Senta-te e serve-te de uma bebida. Ed, há quanto tempo és casado?

— Com muito gosto. — O criado serviu-se. — Vinte e três anos, faz em Maio, senhor.

— E como tem sido? Se não te importas que pergunte...

— Não tem sido mau. Claro que já houve alturas...

— Sei o que queres dizer, Ed. Se não estivesses a trabalhar para mim, o que estarias a fazer?

— Bem, eu e a minha mulher falamos muitas vezes de abrir um pequeno restaurante... Nada de pretensioso, mas bom. Um sítio onde um cavalheiro possa desfrutar da qualidade de uma boa refeição.

— Coisa para celibatários, hem?

— Não, não inteiramente, senhor... Mas haveria uma sala apenas para cavalheiros. Nem sequer com empregadas de mesa. Seria eu a tratar pessoalmente dessa sala.

— É melhor começares a ver locais para isso, Ed. Estás praticamente prestes a abrir o teu negócio.

III

Strong entrou no escritório partilhado com Harriman na manhã seguinte, precisamente às nove horas, como de costume. Ficou espantado por encontrar lá Harriman antes dele. Que Harriman nem sequer aparecesse, nada significava; mas que chegasse antes de toda a gente, isso sim, era significativo.

Harriman estava muito atarefado com um globo terrestre e com um livro: a edição actualizada do *Almanaque Náutico*, observou Strong. Mal levantou os olhos.

— Bom-dia, George. Olha lá, quem temos aí que tenha contactos com o Brasil?

— Porquê?

— Ora, porque preciso de alguns tipos bem treinados que falem português. E mais alguns que falem espanhol. Já para não falar de três ou quatro dúzias de tipos espalhados por este país. Descobri uma coisa muito, muito interessante. Olha aqui... Segundo estas tabelas, a Lua apenas paira cerca de vinte e oito, quase vinte e nove graus, acima e abaixo do equador. — Encostou um lápis ao globo e fê-lo girar. — Assim. Isto não te sugere nada?

— Não. A não ser que estás a fazer marcas num globo que custou sessenta dólares.

— E és tu um velho agente imobiliário! Que possui um homem quando compra uma parcela de terreno?

— Isso depende da escritura. Geralmente, direitos sobre minerais e outros direitos subterrâneos são...

— Deixa isso. Supõe que o homem compra uma mina, sem haver separação de direitos: até que ponto, para baixo, é posse dele? Até que ponto, para cima, é dele?

— Bom, é dono de uma fatia que vai até ao centro da Terra. Isso ficou definido nos casos de escavações em ângulo e de prospecção de petróleo em diagonal. Teoricamente, o dono do terreno possuiria também o espaço acima dele, indefinidamente; mas isso foi alterado por uma série de casos depois de aparecerem as companhias aéreas; o que aliás foi bom para nós, pois caso contrário teríamos de pagar direitos de passagem cada vez que os nossos foguetões partem para a Austrália.

— Não, não, não, George! Não. Não leste bem esses casos. O direito de passagem foi estabelecido; mas a propriedade do espaço acima dos terrenos permaneceu inalterada. E mesmo o direito de passagem nunca foi absoluto; podes construir uma torre de trezentos metros no teu terreno, mesmo no sítio onde costumam passar aviões, foguetões, ou o que for; as naves simplesmente terão de passar por cima, sem embaterem no teu edifício e sem que sejas penalizado. Lembra-te de como tivemos de arrendar o espaço aéreo a sul do Hughes Field, para nos assegurarmos de que a nossa rota de aproximação não tivesse construção a barrar o caminho?

Strong pareceu ficar pensativo.

— Sim, estou a ver a tua ideia. O princípio antigo da posse de terra permanece inalterado. Até ao centro da Terra, e para cima até ao infinito. Mas... e depois? É um assunto puramente teórico. Não estás a pensar pagar

portagens para poderes operar essas naves espaciais de que estás sempre a falar, pois não? — Strong fez um sorriso de esguelha, satisfeito com a sua própria piada.

— Nem por sombras. Algo completamente diferente. George... Quem é dono da Lua?

O queixo de Strong caiu-lhe, literalmente.

— Delos, estás a brincar...

— Não, não estou. Pergunto-te de novo: se a lei mais básica diz que um homem possui uma faixa de céu acima dos seus terrenos, até ao infinito, quem é o dono da Lua? Dá uma olhada ao globo e responde-me.

Strong olhou.

— Mas isso não pode querer dizer nada, Delos. As leis da Terra não se aplicam na Lua.

— Mas aplicam-se aqui, e é aqui que me estou a concentrar nelas. A Lua permanece constantemente por cima de uma faixa da Terra delimitada pela latitude vinte e nove norte e a mesma distância para sul; se um homem possuísse toda essa faixa da Terra, que é mais ou menos toda a zona dos trópicos, então seria também dono da Lua, não seria? Segundo todas as teorias de propriedade real a que os nossos tribunais dão ouvidos. E, por derivação directa, de acordo com o tipo de lógica de que os advogados gostam, os vários donos dessa faixa da Terra têm direitos, e direitos bons e vendáveis, sobre a Lua, de certa forma nas suas mãos, colectivamente. O facto de a distribuição desse direito ser um pouco vaga não incomodaria nenhum advogado; enriquecem precisamente à conta desse tipo de direitos, sempre que se tem de fazer partilhas entre herdeiros.

— Isso é fantástico!

— George, quando aprenderás tu que a noção de «fantástico» é coisa que não incomoda minimamente um advogado?

— Decerto não estás a pensar tentar comprar toda a região tropical... porque seria isso que terias de fazer.

— Não — disse Harriman lentamente. — Mas talvez não fosse má ideia comprar direitos, títulos e interesses na Lua, conforme o caso, a cada um dos países soberanos dessa região em volta do globo. Se pensasse que poderia manter isto discreto e não inflacionar o mercado, bem que era capaz de tentar. Pode comprar-se uma coisa baratíssima a um homem que pensa que essa coisa não vale nada, e que quer vender antes que o comprador caia em si.

» Mas a ideia não é essa — prosseguiu. — George, quero empresas, empresas locais, em cada um desses países. Quero que os governos de cada um desses países concedam os direitos à nossa empresa local para a exploração lunar, prospecção, etc., e o direito a reclamar solo lunar em nome

desse país; com uma taxa simples, naturalmente, a ser entregue numa bandeja à empresa patriótica que apareceu com a ideia. E quero tudo isto feito discretamente, para que os subornos não subam a valores demasiado altos. Seremos os donos das empresas, evidentemente, e é por essa razão que preciso de um rebanho de testas-de-ferro bem treinados. Vai haver uma luta dos diabos, um dia destes, acerca de quem é dono da Lua; quero que o trabalho esteja cortado de forma a que ganhemos sempre, sejam quais forem as cartas que nos saírem.

— Isso vai ser ridiculamente dispendioso, Delos. E nem sequer sabes se alguma vez chegarás à Lua, e muito menos se ela valerá alguma coisa, depois de lá chegares.

— Haveremos de lá chegar! Será mais dispendioso não avançar com estas pretensões. De qualquer forma, não precisa de ser muito caro; o uso adequado de dinheiro para subornos é uma arte homeopática: usa-se como catalisador. Em meados do século passado, quatro homens partiram da Califórnia para Washington com quarenta mil dólares; era tudo o que tinham. Umhas semanas depois, estavam falidos... Mas o Congresso recompensou-os com mil milhões de dólares em «direitos de passagem dos caminhos-de-ferro». O truque é não fazer inflacionar o mercado.

Strong abanou a cabeça.

— Os teus direitos não valeriam nada, de qualquer forma. A Lua não fica quieta num sítio; passa por cima de terrenos que têm dono, decerto... Mas faz isso da mesma forma que os gansos quando migram.

— E ninguém tem direitos sobre aves migratórias. Percebo o que queres dizer... Mas a Lua mantém-se sempre sobre essa cintura. Se empurrares um rochedo para o teu jardim, perdes o direito a ele? As leis de propriedade mantêm-se? Isto é como aquele conjunto de casos de imobiliário que implicavam ilhas móveis no Mississípi, George... As terras moviam-se à medida que o rio abria novos canais, mas havia sempre alguém que era proprietário delas. Neste caso, o meu plano é tratar de que nós sejamos esse «alguém».

Strong passou os dedos pelas sobrancelhas.

— Parece que me lembro de que alguns desses casos de ilhas foram decididos num sentido, e outros noutro.

— Trataremos de escolher as decisões que nos convenham. É por essa razão que os advogados têm esposas que usam casacos de peles. Vamos lá, George, vamos deitar mãos ao trabalho.

— Que trabalho?

— De reunir o capital.

— Ah. — Strong pareceu aliviado. — Pensei que estavas a planear usar o nosso dinheiro.

— E estou. Mas não vai chegar, nem de longe. Usaremos o nosso dinheiro e financiamentos para pôr as coisas a andar; entretanto, temos de arranjar maneira de fazer o dinheiro continuar a entrar. — Carregou num botão da secretária. — O rosto de Saul Kamens, director do departamento jurídico, apareceu diante dele. — Eh, Saul, podes dar aqui um salto para uma conversa?

— Seja lá o que for, diz-lhes que não — respondeu o advogado. — Eu depois trato disso.

— Muito bem. Mas agora vem cá. Estão a mudar o Inferno de sítio e eu tenho a primeira opção sobre os primeiros dez carregamentos.

Kamens apareceu, mas apenas quando lhe pareceu conveniente. Uns minutos mais tarde, Harriman explicava-lhe a sua ideia de reclamar direitos sobre a Lua, antes de lá pôr os pés.

— Para além dessas empresas testa-de-ferro — prosseguiu —, precisamos de uma agência que possa receber contribuições sem ter de admitir ter qualquer interesse financeiro da parte do contribuidor. Uma coisa assim como a National Geographic Society.

Kamens abanou a cabeça.

— Não se pode comprar a National Geographic Society.

— Raios partam, mas quem disse que a íamos comprar? Montamos uma nossa.

— Era isso que eu ia dizer.

— Ainda bem. Da forma como vejo isto, precisamos de pelo menos uma empresa isenta de impostos, não-lucrativa, dirigida pelas pessoas certas; e nós manteremos o controlo dos votos, evidentemente. Provavelmente, precisaremos de mais do que uma; montá-las-emos à medida que formos precisando. E precisaremos de ter pelo menos uma empresa normal, não isenta de impostos... Mas que não mostrará lucros até estarmos prontos para isso. A ideia é deixar que a empresa não-lucrativa tenha todo o prestígio e toda a publicidade... enquanto a outra recebe todos os lucros, se e quando houver. Fazemos girar o património entre empresas, sempre por razões perfeitamente válidas, de forma a que as empresas não-lucrativas paguem as despesas enquanto avançamos. Agora que penso nisso, será melhor termos pelo menos duas empresas normais, para que possamos deixar uma delas ir à falência, se isso for necessário para sacudir a água do capote. Isto é o esboço em geral. Deita mãos à obra e trata de que seja tudo legal, se não te importas.

Kamens respondeu:

— Sabes, Delos... Seria tudo muito mais honesto se simplesmente o fizesses de caçadeira em punho.

— Um advogado a falar-me de honestidade! Deixa lá, Saul... Não vou mesmo ludibriar ninguém, na verdade...

— Hum...

— ...E vou apenas fazer uma viagem à Lua. Será isso que toda a gente irá pagar; e será isso que terão. Agora trata de tudo para que seja tudo legal, vá, sê um bom rapaz.

— Faz-me lembrar qualquer coisa que o advogado do Vanderbilt mais velho disse ao velhote em circunstâncias semelhantes: «Está tão bonito tal como está! Porquê estragar tudo tornando-o legal?». Mas tudo bem, irmão pirata, eu trato de armar a tua ratoeira. Mais alguma coisa?

— Claro. Fica por aqui. Podes ter algumas ideias. George, pede ao Montgomery para vir até aqui, importas-te?

Montgomery, o director de publicidade de Harriman, tinha duas virtudes, aos olhos do patrão: era-lhe pessoalmente leal e, em segundo lugar, era muito capaz de planear uma campanha para convencer o público de que *Lady Godiva* estava a usar uma sela de marca *Cresse* durante a sua famosa cavalgada... ou de que Hércules atribuía a sua força ao facto de comer *Crunchies* ao pequeno-almoço.

Montgomery chegou com uma grande pasta debaixo do braço.

— Ainda bem que me chamou, chefe. Veja-me só isto...

Abriu a pasta em cima da secretária de Harriman e começou a mostrar esboços e artes-finais.

— Trabalhos do Kinsky... Aquele rapaz tem um jeitão!

Harriman fechou a pasta.

— Para que operação é isso?

— Hem? Para a New World Homes.

— Não quero ver isso. Vamos desfazer-nos da New World Homes. Espera um minuto... Não comeces já a barafustar. Deixa os rapazes prosseguirem com isso. Quero que o preço se mantenha em alta enquanto fazemos as malas. Mas abre-me esses ouvidos para outra matéria.

Explicou rapidamente o empreendimento. De imediato Montgomery começou a fazer que sim com a cabeça.

— Quando começamos e quanto gastamos?

— Comecem já e gasta o que precisares. Não te acobardes quanto a despesas; isto é a maior coisa que alguma vez tivemos.

Strong encolheu-se; Harriman prosseguiu:

— Quero que tenhas insónias a pensar nisto, esta noite mesmo. Vem ter comigo amanhã, para debatermos.

— Espere aí um segundo, chefe. Como vai cozinhar todas essas franquias da parte dos... hum... Estados da Lua, desses países sobre os quais a Lua passa, ao mesmo tempo que fazemos uma grande campanha acerca de uma viagem à Lua e de como isso vai ser óptimo para toda a gente? Não vai encurralar-se num canto?

— Mas eu tenho cara de estúpido? Conseguiremos essas franquias antes de tu mandares lá para fora um simples comunicado de imprensa. Serás tu a consegui-las; tu e o Kamens. Essa é a vossa primeira tarefa.

— Hmm... — Montgomery mordiscou a unha do polegar. — Bom, está certo... consigo ver uns ângulos de abordagem. Qual é o prazo para termos isso tudo cozinhado?

— Dou-vos seis semanas. Caso contrário, manda-me a tua demissão pelo correio, escrita na pele das tuas costas.

— Escrevo-a já aqui, se me ajudar, segurando um espelho.

— Raios partam, Monty, eu sei que não consegues fazer isso em seis semanas. Mas despacha-te; não poderemos receber um cêntimo para manter as coisas a andar até vocês terem cozinhado as franquias. Se começares a arrastar os pés, morremos à fome e nem sequer chegaremos à Lua.

Strong interveio:

— D. D., para quê enredarmo-nos com estas reclamações de direitos tão complicadas, em países tropicais cheios de mosquitos? Se estás realmente a falar a sério quanto a ir à Lua, telefonamos ao Ferguson e tratamos do assunto em três tempos.

— Gosto da tua abordagem directa, George — respondeu Harri-man, franzindo o sobrolho. — Hum... Nos velhos tempos, por volta de 1845 ou 1846, um ambicioso oficial do exército americano capturou a Califórnia. Sabes o que o Ministério da Defesa fez?

— Não.

— Obrigaram-no a devolvê-la. Parece que não tinha seguido todas as regras, ou coisa assim. Assim, tiveram de se dar ao trabalho de a capturar de novo uns meses mais tarde. Ora, eu não quero que isso nos aconteça a nós. Não basta apenas pôr um pé na Lua e reclamá-la; temos de validar essa pretensão aqui na Terra, nos tribunais de cá... Caso contrário, estamos metidos numa embrulhada. Não é assim, Saul?

Kamens fez que sim com a cabeça.

— Lembrem-se do que aconteceu ao Colombo.

— Exactamente. Não vamos deixar-nos levar como maçaricos, da forma como o Colombo foi levado.

Montgomery cuspiu um pedacinho de unha.

— Mas chefe... Sabe perfeitamente bem que essas pretensões de Estados das bananas não valerão dois tostões depois de eu as ter assegurado. Porque não conseguir uma licença das Nações Unidas e arrumar o assunto? Eu mais depressa resolvia isso assim do que a lidar com duas dúzias de regimes duvidosos. Na verdade, até já tenho uma abordagem: avançamos através do Conselho de Segurança e...

— Continua a trabalhar essa abordagem; usá-la-emos mais tarde.

Não estás a ver a mecânica toda do esquema, Monty. Evidentemente que essas reclamações de direitos não valerão nada — a não ser o valor de serem um incómodo. Mas esse incómodo é que é importante. Escuta: chegamos à Lua, ou parecemos estar prestes a fazê-lo. Cada um desses países abre imediatamente a boca; damos-lhes o engodo através das empresas fantoches a que eles concederam os direitos. Onde vão eles queixar-se? Às Nações Unidas, evidentemente. Ora, os grandes países deste globo, os ricos e importantes, ficam todos na zona norte, temperada. Vêm em que se baseiam as reclamações de direitos e olham freneticamente para o globo. A verdade é que a Lua não passa por cima de nenhum deles. O maior país de todos, a Rússia, não possui nem uma pazada de terra suja abaixo da latitude vinte e nove norte. Por isso, rejeitarão todas as reclamações.

»Ou não? — prosseguiu Harriman. — Os Estados Unidos hesitam. A Lua passa por cima da Florida e das regiões mais a sul do Texas. Washington fica angustiada. Deverão apoiar os países tropicais e patrocinar a teoria tradicional do direito territorial, ou deverão investir a sua influência na ideia de que a Lua pertence a toda a gente? Ou deverão os Estados Unidos tentar reclamar a coisa toda, tendo em conta que, afinal, foram os americanos os primeiros a chegar lá?

»Nesse momento, saímos nós da obscuridade. Parece que a nave lunar era propriedade de uma empresa não-lucrativa que pagou todas as despesas. Uma empresa criada sob a alçada das próprias Nações Unidas...

— Espera lá — interrompeu Strong. — Não sabia que a ONU podia criar empresas...

— Verás que pode — respondeu o sócio. — Que tal, Saul? — Kamens acenou com a cabeça. — De qualquer forma — prosseguiu Harriman —, já tenho a empresa. Montei-a há vários anos. Pode fazer praticamente tudo o que tenha natureza educativa ou científica... E, meus amigos, isso dá pano para mangas! Mas regressando ao cerne da questão: esta empresa, esta criatura da ONU pede à sua mãe para declarar a colónia lunar como território autónomo, sob a protecção das Nações Unidas. Não pediremos imediatamente o estatuto de membros, porque queremos manter tudo simples...

— Simples, diz ele... — disse Montgomery.

— Simples. Esta nova colónia será um estado soberano *de facto*, com jurisdição sobre toda a Lua e, ouçam com atenção, capaz de comprar, vender, de emitir legislação, de emitir títulos de posse de terrenos, de instituir monopólios, de recolher impostos, *etcetera*... E seremos nós os seus donos!

» A razão porque conseguiremos tudo isso é porque os principais Estados das Nações Unidas não conseguirão architectar uma reclamação de direitos que soe tão legal quanto a reclamação feita pelos Estados tro-

picais, e não serão capazes de se pôr de acordo quanto à forma de dividir o bolo caso optassem pela força bruta, e os outros Estados mais influentes não estarão dispostos a ver os Estados Unidos a reclamar o bolo todo para si. Encontrarão uma forma airosa de sair deste dilema dando a aparência de outorgar o direito às próprias Nações Unidas. O direito real, aquele que controlará todos os assuntos legais e económicos, reverterá para nós. Estás agora a ver a minha ideia, Monty?

Montgomery sorriu de esguelha.

— Não faço ideia se será necessário, Chefe, mas adoro o plano. É magnífico.

— Pois bem, eu não penso assim — resmungou Strong. — Delos, já te vi dar a volta a negócios complicados, alguns deles tão tortuosos que deram a volta até ao meu estômago, mas este é o pior de sempre. Parece-me que te deixaste entusiasmar pelo prazer que retiras de cozinhar negócios complexos em que toda a gente acaba por ser ludibriada.

Harriman puxou o fumo do seu charuto com força antes de responder:

— Estou-me nas tintas, George. Chama-lhe pirataria, chama-lhe o que quiseres. Eu vou à Lua! Nem que tenha de manipular mil milhões de pessoas, hei-de fazê-lo.

— Mas não é preciso que seja desta maneira.

— Bom, então, como farias?

— Eu? Eu criaria uma empresa normal. Obteria uma resolução do Congresso que tornasse a minha empresa o instrumento escolhido pelos Estados Unidos....

— Suborno?

— Não necessariamente. A influência e a pressão deveriam ser o bastante. Depois, dedicar-me-ia a reunir o capital e a fazer a viagem.

— E os Estados Unidos seriam então donos da Lua?

— Naturalmente — respondeu Strong, um pouco secamente.

Harriman levantou-se e começou a andar em círculos.

— Não estás a perceber, George. Não estás mesmo a perceber. A Lua não está destinada a ser propriedade de um único país, nem mesmo tratando-se dos Estados Unidos.

— Então? Está destinada a ser tua, suponho?

— Bom, se for eu a possuí-la, por algum tempo, não lhe darei mau uso, e tomarei providências para que outros não lho dêem também. Raios! O nacionalismo deveria acabar para lá da estratosfera. Não consegues imaginar o que aconteceria se os Estados Unidos reclamassem os direitos sobre a Lua? Os outros países não reconheceriam esse direito. Isso tornar-se-ia um ponto de discórdia permanente no Conselho de Segurança... Precisa-

mente na altura em que começamos a endireitar as coisas ao ponto de uma pessoa já poder fazer os seus planos de negócios sem se ver cerceado por uma guerra a cada par de anos. Os outros países terão, e com toda a razão, receio dos Estados Unidos. Poderão olhar para o céu, uma noite destas, e ver a principal base de mísseis atómicos americana a olhar cá para baixo, para eles. Ficarão quietos perante essa perspectiva? Não, senhor; vão tentar garantir um pedaço da Lua para seu próprio uso nacional. A Lua é demasiado grande para se dominar logo de uma vez só. Haverá outras bases lá estabelecidas, e acabaremos por ter a maior guerra que este planeta já viu... E a culpa será nossa.

» Não... Terá de ser um arranjo em que toda a gente possa confiar; e é por isso que temos de planear, pensar em todos os ângulos e ser manhosos acerca disto até estarmos numa posição em que possamos fazer com que funcione. E de qualquer forma, George, se a reclamássemos em nome dos Estados Unidos, sabes onde iríamos ficar, enquanto homens de negócios?

— No lugar do passageiro — respondeu Strong.

— O tanas! Seríamos logo excluídos do jogo. O Ministério da Defesa diria logo: «Muito obrigado, Sr. Harriman. Obrigado, Sr. Strong. Agora tomamos nós conta disto, por razões de segurança nacional; já podem ir para casa.» E teríamos de fazer isso mesmo... Ir para casa e esperar pela guerra nuclear seguinte. Não vou embarcar nisso, George. Não vou deixar os militares entrarem no jogo à força. Vou montar uma colónia lunar e depois tratar dela até que seja suficientemente grande para se aguentar sozinha. Digo-vos... Digo-vos a todos: isto é a maior coisa para a espécie humana desde a descoberta do fogo! Tratada correctamente, pode significar um mundo novo e melhor. Tratada de forma errada, pode ser um bilhete só de ida para o Armagedão. E vem aí. Vem aí, toquemos-lhe ou não. Mas eu planeio ser eu próprio o primeiro homem na Lua: e cuidar pessoalmente de que isto seja tratado de forma correcta.

Fez uma pausa e Strong disse:

— Já acabaste o teu discurso, Delos?

— Não, ainda não — recusou Harriman, carrancudo. — Não estás a ver a coisa da maneira correcta. Sabes o que poderemos encontrar lá em cima? — Rodou um braço e apontou para o tecto: — Gente!

— Na Lua? — perguntou Kamens.

— Porque não na Lua? — sussurrou Montgomery para Strong.

— Não, na Lua, não... Pelo menos, ficaria muito surpreendido se começássemos a escavar e encontrássemos alguém debaixo daquela casca sem atmosfera. A Lua já teve os seus dias; estava a falar de outros planetas: de Marte e de Vénus e dos satélites de Júpiter. Talvez mesmo noutras estrelas. Suponhamos que encontramos mesmo gente... Pensem no que isso

significaria para nós. Temos estado sozinhos, completamente sozinhos, sendo a única espécie inteligente no único mundo que conhecemos. Nunca conseguimos sequer falar com os cães ou os macacos. Todas as respostas que já tivemos, precisámos de procurá-las por nós mesmos, como órfãos abandonados. Mas suponhamos que encontramos de facto gente, gente inteligente, que teve oportunidade de também pensar pela sua cabeça, à sua própria maneira. Já não estaríamos sós! Poderíamos olhar para o céu e já não ter medo.

Terminou, parecendo um pouco cansado, e até um pouco envergonhado pela sua tirada, como um homem apanhado de surpresa num acto íntimo. Ficou a olhar para os outros, perscrutando-lhes os rostos.

— Caramba, Chefe — disse Montgomery. — Posso usar isso. Que acha?

— Achas que consegues recordar tudo?

— Nem preciso. Liguei o seu «gravador silencioso».

— Raios te partam!

— Pomos isto em vídeo... Numa peça, parece-me.

Harriman sorriu quase como um rapazinho.

— Nunca fui actor, mas se achas que isso servirá para alguma coisa, estarei pronto.

— Ah, não. O Chefe não — respondeu Montgomery num tom horrorizado. — Não faz o género. Usarei o Basil Wilkes-Booth, creio. Com aquela voz dele, que parece um órgão, e com aquela cara de anjo, ele há-de fazer passar a mensagem.

Harriman olhou de relance para a sua barriga protuberante e respondeu secamente:

— Muito bem. Voltemos ao trabalho. Agora, acerca de dinheiro. Em primeiro lugar, podemos ir em busca de doações simples, a uma das empresas não-lucrativas, como se fossem financiamentos a uma universidade. Devemos ter como alvo as faixas mais altas, para quem as deduções fiscais fazem mesmo diferença. Quanto pensam que poderemos reunir dessa forma?

— Muito pouco — começou Strong. — Essa vaca já foi sugada e já quase não dá leite.

— Nunca ficam secas, enquanto houver homens ricos por aí que prefiram fazer doações em vez de pagar impostos. Quanto pagará um homem para ter uma cratera da Lua com o seu nome?

— Pensava que já todas tinham nomes... — notou o advogado.

— Muitas delas não têm... E temos toda a face oculta, que ainda nunca foi tocada. Não vamos tentar chegar a uma estimativa hoje mesmo; vamos apenas fazer uma lista. Monty, quero desenvolver uma abordagem

que permita sacar uns cêntimos até aos miúdos das escolas. Quarenta milhões de miúdos na escola, nem que seja a dez cêntimos por cabeça, são quatro milhões de dólares... Podemos bem usá-los.

— Porquê ficar por dez cêntimos? — perguntou Monty. — Quando se consegue entusiasmar mesmo um miúdo, ele lá arranja um dólar.

— Sim, mas que podemos dar-lhe em troca? Para além da honra de tomar parte num empreendimento nobre e isso tudo?

— Hmm... — Montgomery usou outra unha do outro polegar. — Suponhamos que vamos à caça dos cêntimos e também dos dólares... Por dez cêntimos, recebe um cartão a dizer que é membro do Clube «Raio de Luar»...

— Não... Dos «Astronautas Juniores».

— OK, os Raios de Luar ficam para as miúdas. E não nos esqueçamos de incluir também os Escuteiros. Damos a cada miúdo um cartão; quando ele doar mais dez cêntimos, registamos isso no cartão. Quando atingir um dólar, damos-lhe um certificado, bom para emoldurar, com o nome dele gravado, com uma imagem da Lua no fundo.

— Em primeiro plano — respondeu Harriman. — Faz isso numa única tiragem; sai mais barato e ficará melhor. E damos-lhe mais alguma coisa: uma garantia sólida de que o seu nome estará presente na lista dos Jovens Pioneiros da Lua, que será afixada num monumento a ser erigido na Lua, no local de aterragem da primeira nave lunar — em microfilme, claro; temos de ter em conta o peso.

— Ótimo! — concordou Montgomery. — Não quer trocar de funções comigo, Chefe? E quando o miúdo atingir os dez dólares, damos-lhe um emblema genuíno, dourado, de uma estrela cadente, e ele passa a ser um Pioneiro Júnior, com direito a votar ou outra coisa qualquer. E o nome dele sai do monumento e passa a ficar gravado numa faixa em platina.

Strong parecia ter trincado uma rodela de limão.

— E que acontece quando ele atingir os cem dólares? — perguntou.

— Ora, nessa altura — respondeu Montgomery alegremente —, damos-lhe outro cartão e pode recomeçar tudo de novo. Não se preocupe com isso, Sr. Strong. Se realmente algum miúdo chegar tão longe, terá a sua recompensa. Possivelmente, levá-lo-emos numa visita à nave antes de esta partir e oferecemos-lhe uma fotografia dele diante da nave, com um autógrafo do piloto, cuidadosamente desenhado por uma funcionária qualquer...

— Sacar dinheiro a miúdos... Bah!

— Nada disso — respondeu Montgomery com um tom magoado.

— Os intangíveis são a mercadoria mais honesta que se pode vender. Valem sempre aquilo que se está disposto a pagar por elas, e nunca se esgotam. Podem levar-se para o túmulo, e sempre imaculadas!

— Hum...

Harriman ouvia isto, sorrindo e sem dizer nada.

Kamens pigarreou.

— Se vocês dois já acabaram de canibalizar a juventude do país, tenho outra ideia.

— Chuta.

— George, coleccionas selos, não é?

— Sim.

— Quanto valeria um selo que tivesse ido à Lua e tivesse lá sido carimbado?

— Hem? Mas isso não se pode, sabes...

— Penso que poderíamos conseguir que a nossa nave lunar fosse declarada como posto oficial dos correios sem grandes dificuldades. Quanto valeria isso?

— Hum... Depende da raridade do selo.

— Há-de haver um número óptimo que consiga o máximo de retorno. Consegues calculá-lo?

Strong pôs um olhar ausente, depois pegou num lápis à antiga e começou a fazer uma estimativa. Harriman prosseguiu:

— Saul, o meu pequeno sucesso ao comprar uma parte da Lua ao Jones subiu-me à cabeça. Que tal vendermos lotes para construção na Lua?

— Vamos manter isto sério, Delos. Não podes fazer isso até lá teres aterrado.

— Estou a falar a sério. Sei que estás a pensar naquela sentença dos anos quarenta, que diz que os terrenos têm de estar demarcados e ser descritos na escritura. Quero vender terra da Lua; se puder ser, com direitos de superfície, direitos minerais, tudo...

— E supõe que o comprador a quer ocupar?

— Óptimo. Quantos mais, melhor. Quero sublinhar também que estaremos na posição de cobrar impostos sobre aquilo que vendemos. Se não a usarem e não pagarem impostos, a terra reverterá para nós. Agora, arranja maneira de dar a volta a isso, sem irmos parar à cadeia. Poderás ter de publicitar isto no estrangeiro, e depois terás de lidar com isso pessoalmente nesse país, como se estivesse a vender rifas...

Kamens pareceu pensativo.

— Poderíamos criar a empresa imobiliária no Panamá e fazer a publicidade em vídeo e rádio a partir do México. Achas mesmo que consegues vender isto?

— Consegue até vender-se bolas de neve na Gronelândia — interveio Montgomery. — É tudo uma questão de promoção.

Harriman acrescentou:

— Alguma vez leste alguma coisa sobre o *boom* dos terrenos na Florida, Saul? As pessoas compraram lotes de terreno que nunca tinham visto e depois venderam-nos pelo triplo, sem nunca sequer lhes porem os olhos em cima. De vez em quando, uma parcela mudava de mãos uma dúzia de vezes até alguém chegar à conclusão de que afinal aquilo estava debaixo de três metros de água. Podemos oferecer negócios melhores do que esses: um lote de quatro hectares, quatro hectares garantidamente secos, cheios de sol, por talvez uns dez dólares... Ou talvez quatrocentos metros quadrados a um dólar o metro quadrado. Quem poderá recusar uma pechincha dessas? Em especial depois de se espalhar o rumor de que se crê que a Lua está carregada de urânio?

— Está?

— Como hei-de saber? Quando a corrida aos terrenos começar a fraquejar, simplesmente anunciaremos a localização escolhida para a Luna City... Que por acaso se virá a descobrir que os terrenos em volta dela ainda estarão disponíveis para venda. Não te preocupes, Saul; quando se trata de imobiliário, eu e o George conseguimos vender tudo. Caramba, nas Ozarks, onde a terra é escassa, costumávamos vender os dois lados do mesmo metro quadrado, o de cima e o de baixo — Harriman pareceu pensativo. — Penso que reservaremos os direitos minerais. Pode mesmo acontecer que haja realmente lá urânio!

Kamens deu uma gargalhadinha.

— Delos, no fundo, és um miúdo. Simplesmente, um grande, crescendo, adorável... delinquente juvenil.

Strong endireitou-se na cadeira.

— Suponho que será meio milhão — disse.

— Meio milhão o quê? — perguntou Harriman.

— Os sobrescritos filatélicos de primeiro dia, claro. Era disso que estávamos a falar. Cinco mil exemplares é a minha melhor estimativa do número que poderia ser colocado no mercado dos colecionadores sérios e dos intermediários. Mesmo assim, teremos de fazer um desconto para os colocar num sindicato e retê-los até a nave estar construída e a viagem parecer mesmo uma possibilidade.

— Certo — concordou Harriman. — Trata tu disso. Limitar-me-ei a lembrar-te, mais para o fim, que poderemos sacar mais meio milhão.

— Não recebo uma comissão? — perguntou Kamens. — A ideia foi minha.

— Recebes um grande agradecimento... E cinco hectares da Lua. Ora bem... Que outras fontes de receita podemos encontrar?

— Não pensas vender acções? — perguntou Kamens.

— Já lá ia. Evidentemente que sim... mas nada de acções preferenciais; não queremos ser forçados a uma reorganização. Acções participativas comuns, sem direito de voto...

— Isso soa-me a mais uma empresa de um Estado das bananas.

— Naturalmente... Mas quero alguma parte dela na Bolsa de Nova Iorque, e tu terás de tratar disso com a Comissão do Mercado de Valores. Não muitas acções... Será apenas a nossa montra, e teremos de as manter activas e sempre em subida.

— Não preferirás que eu atravessasse o Helesponto a nado, não?

— Não sejas assim, Saul. É melhor do que andar a correr atrás de ambulâncias, não é?

— Não sei bem.

— Bom, é isso que quero que... Ah! — O ecrã da secretária de Harriman acendeu-se.

Uma rapariga disse:

— Sr. Harriman, está aqui o Sr. Dixon. Não tem marcação, mas diz que o senhor quer falar com ele.

— Pensava que tinha desligado esta coisa — resmungou Harriman. Depois, carregou num botão e disse: — Muito bem, diga-lhe que entre.

— Muito bem, Sr. Harriman. Ah, Sr. Harriman... O Sr. Entenza acaba de chegar também.

— Mande-os entrar aos dois. — Harriman desligou e virou-se para os seus associados. — Lábios cerrados, malta. E agarrem bem as carteiras.

— Olha quem fala... — disse Kamens.

Dixon entrou, com Entenza atrás dele. Sentou-se, olhou em volta, ia começar a falar, mas depois hesitou. Olhou de novo em volta, especialmente para Entenza.

— Avança, Dan — encorajou-o Harriman. — Não está aqui ninguém a não ser nós, as galinhas.

Dixon resolveu-se a falar.

— Decidi entrar nisto contigo, D.D. — anunciou. — Como demonstração de boa-fé, dei-me ao trabalho de conseguir isto — pegou numa minuta de aspecto formal que tirou do bolso e mostrou-a. Era uma minuta de venda de direitos lunares, de Phineas Morgan a Dixon, exarada exactamente da forma como aquela que Jones tinha concedido a Harriman.

Entenza pareceu espantado, e depois meteu a mão no seu próprio bolso. De lá saíram mais três contratos do mesmo tipo, cada um deles de um director do sindicato da energia. Harriman franziu um sobrolho para eles.

— O Jack vai a jogo e dobra a parada, Dan. Vais a jogo?

Dixon sorriu com ar manhoso.

— Consigo perfeitamente cobrir a aposta — e acrescentou mais dois contratos à pilha. Sorriu e estendeu a mão a Entenza. — Parece que temos um empate.

Harriman decidiu não dizer nada por agora acerca dos sete contratos que tinha recebido por via electrónica e estavam agora fechados na sua secretária; antes de se deitar, na noite anterior, tinha estado muito ocupado ao telefone, quase até à meia-noite.

— Jack, quanto pagaste por estas coisas?

— O Standish exigiu-me mil dólares; os outros foram baratos.

— Raios te partam! Avisei-te para não fazeres subir o preço. O Standish há-de dar à língua. E tu, Dan?

— Consegui-os a preços bastante satisfatórios.

— Não queres, portanto, dizer, hem? Não interessa... Meus senhores, até que ponto levam isto a sério? Quanto dinheiro trouxeram convosco?

Entenza olhou para Dixon, que respondeu:

— Quanto vai ser preciso?

— Quanto consegues arranjar? — contrapôs Harriman.

Dixon encolheu os ombros.

— Assim não vamos a lado nenhum. Vamos usar números. Cem mil. Harriman fungou.

— Suponho que o que realmente queres seja reservar um lugar na primeira nave regular para a Lua... Vendo-to por esse preço.

— Deixemo-nos de regateios, Delos. Quanto?

O rosto de Harriman permaneceu sereno, mas estava a pensar furosamente. Tinha sido apanhado desprevenido, com demasiado pouca informação. Ainda nem sequer tinha falado de números com o seu Engenheiro-Chefe. Tinha de confundi-lo. Por que diabo tinha deixado o intercomunicador ligado...

— Dan, conforme te avisei, vai custar-te pelo menos um milhão só para entrares no jogo.

— Isso já eu pensava. E quanto me custará manter-me no jogo?

— Tudo o que tens.

— Não sejas tonto, Delos. Tenho mais do que tu.

Harriman acendeu um charuto — o que era o seu único sinal de agitação.

— Supõe que vens a par connosco. Dólar por dólar.

— Pelo qual obtenho duas acções?

— Muito bem, muito bem, embolsas um dólar sempre que cada um de nós o fizer. E as mesmas acções. Mas quem dirige tudo sou eu.

— Diriges as operações — concordou Dixon. — Muito bem. Avanço com um milhão agora e depois acompanharei à medida que for necessário. Não terás nenhuma objecção a que eu tenha o meu próprio auditor, evidentemente?

— Alguma vez te enganei, Dan?

— Nunca... E também não há necessidade de começares agora.

— Seja como queres. Mas assegura-te bem de que me mandas um tipo que saiba manter a boca fechada.

— Será discreto. Tenho o coração dele metido num frasco no meu cofre. Harriman estava a pensar na extensão do património de Dixon.

— Poderemos vir a deixar-te entrar com uma segunda tranche mais tarde, Dan. Esta operação vai ser muito cara.

Dixon uniu as pontas dos dedos cuidadosamente.

— Trataremos dessa questão quando for caso disso. Não acredito em deixar cair uma empresa apenas por falta de capital.

— Ótimo. — Harriman virou-se para Entenza. — Ouviste o que o Dan tinha a dizer, Jack. Agradam-te os termos?

A testa de Entenza estava encharcada em suor.

— Não consigo reunir um milhão de dólares assim tão depressa.

— Tudo bem, Jack. Não precisamos do dinheiro esta manhã. A tua palavra vale; podes levar o teu tempo a reunir o capital.

— Mas disseste que um milhão é só o princípio. Não posso acompanhar-vos indefinidamente; é preciso pôr um limite nisso. Tenho de pensar na minha família.

— Não tens anuidades? Não tens valores transferidos para um fundo irrevogável?

— A questão não é essa. Vocês poderão apertar-me tanto que acabem por me deixar de fora.

Harriman esperou que Dixon dissesse qualquer coisa. Dixon acabou por dizer:

— Não te apertaríamos, Jack... Desde que possas provar que converteste todos os bens que possuis em dinheiro vivo. Deixar-te-íamos sempre ficar dentro do negócio, embora numa base pró-rata.

Harriman fez que sim com a cabeça.

— É isso mesmo, Jack — Harriman estava a pensar que qualquer diminuição na quota de Entenza lhe daria a si próprio e a Strong uma maioria clara em votos.

Strong estivera a pensar em qualquer coisa do mesmo género, porque de repente ergueu a voz:

— Não gosto disto. Quatro sócios com partes iguais... Muito facilmente ficamos num impasse.

Dixon encolheu os ombros.

— Recuso-me a preocupar-me com isso. Estou nisto porque aposto que Delos conseguirá tornar isto uma coisa lucrativa.

— Chegaremos à Lua, Dan!

— Não disse isso. Estou a apostar em que conseguirás lucros, quer cheguemos à Lua ou não. Ontem passei a noite a ver os registos públicos de várias das vossas empresas; são muito interessantes. Sugiro que resolvamos qualquer possível impasse dando ao Director-Geral, que és tu, Delos, o poder de desempatar. Achas satisfatório, Entenza?

— Ah, certamente.

Harriman estava preocupado, mas tentou não o demonstrar. Não confiava em Dixon, nem mesmo quando este trazia oferendas. Levantou-se subitamente.

— Tenho de me apressar, meus senhores. Deixo-vos com os senhores Strong e Kamens. Vem daí, Montgomery.

Tinha a certeza de que Kamens não deixaria transpirar nada prematuramente, nem mesmo a sócios de pleno direito. Quanto a Strong, sabia que ele não deixava sequer a mão esquerda saber quantos dedos tinha a mão direita...

Despediu-se de Montgomery assim que saíram do gabinete e dirigiu-se para o átrio. Andrew Ferguson, o Engenheiro-Chefe da Harriman Enterprises, levantou os olhos quando ele entrou.

— Viva, Chefe. Olhe... O Sr. Strong deu-me uma ideia interessante esta manhã, para um interruptor. De início, não me parecia prático, mas...

— Deixa isso. Passa isso para um dos rapazes e esquece o assunto. Já sabes qual a linha que vamos seguir agora.

— Tem havido alguns rumores... — respondeu Ferguson cautelosamente.

— Despede o homem que te passou esse rumor. Melhor: manda-o numa missão especial ao Tibete e mantém-no por lá até despacharmos isto. Bom... Vamos pôr isto a andar. Quero que me construas uma nave lunar o mais depressa possível.

Ferguson passou uma perna por cima do braço da sua cadeira, pegou numa caneta com canivete e começou a limpar as unhas.

— O Chefe diz isso como quem manda construir uma nova casa de banho...

— Porque não? Tem havido combustíveis teoricamente adequados desde 1949. Reúne uma equipa para conceber a nave; constrói-a. Eu pagarei as contas. Pode haver coisa mais simples?

Ferguson ficou a olhar para o tecto.

— Combustíveis adequados... — repetiu com ar sonhador.

— Foi o que eu disse. Os números mostram que o hidrogénio e o oxigénio são suficientes para levar um foguetão de vários andares à Lua e voltar; é apenas uma questão de concepção correcta.

— «Concepção correcta», diz ele — Ferguson prosseguiu com a mesma voz suave, e depois girou na cadeira subitamente. Espetou o canivete no tampo arruinado da secretária e berrou: — Que sabe o Chefe de concepção adequada? Onde obtenho os aços? Que uso para os injectores? Como diabo faço queimar toneladas da sua mistura maluca por segundo, impedindo ao mesmo tempo que toda a potência seja libertada de repente? Como consigo um rácio de massa decente com um foguetão por andares? Por que raio não me deixou construir uma nave como devia ser quando tínhamos o combustível certo?

Harriman esperou que ele se acalmasse, e depois disse:

— Que vamos fazer acerca disto, Andy?

— Hum... Estive a pensar nisso ontem à noite, na cama... E a minha velhota está danada consigo. Tive de acabar a noite no sofá. Em primeiro lugar, Sr. Harriman, a maneira correcta de lidar com isto é obter uma autorização de pesquisa do Ministério da Defesa Nacional. Depois...

— Raios, Andy! Mantém-te na engenharia e deixa-me ser eu a tratar dos aspectos políticos e financeiros. Não preciso dos teus conselhos.

— Raios, Delos, não se irrite por isso. Estou a falar de engenharia. O Governo é dono de uma enorme massa de conhecimentos acerca de foguetões. Tudo classificado. Sem um contrato com o Governo, nem sequer consegue espreitar.

— Não pode ser muita coisa. Que pode fazer um foguetão do Governo que um foguetão da *Skyways* não possa fazer também? Tu próprio me disseste que os foguetões Federais já não tinham qualquer relevância.

Ferguson fez um ar de superioridade.

— Receio que não consiga explicar isto para leigos. Terá de aceitar a minha palavra em como precisamos desses relatórios de investigação do Governo. Não faz sentido gastar milhares de dólares a fazer trabalho que já foi feito.

— Gasta os milhares que for preciso.

— Podem ser milhões.

— Gasta os milhões. Não receies gastar dinheiro. Andy, não quero que isto se transforme numa tarefa militar — pensou em explicar ao engenheiro a política implícita que fundamentava a sua decisão, mas depois pensou melhor. — Precisas assim tanto desse material do Governo, realmente? Não conseguirás obter os mesmos resultados contratando os

engenheiros que trabalharam para o Governo? Ou mesmo contratando os que estão agora a trabalhar para o Governo?

Ferguson cerrou os lábios.

— Se persistir em cortar-me as pernas, como poderá esperar obter resultados?

— Não estou a fazer isso. Estou a dizer-te que isto não é um projecto do Governo. Se não vais tentar lidar com isto nesses termos, avisa-me, para que eu encontre alguém que o faça.

Ferguson começou a tamborilar os dedos na secretária. Depois, disse calmamente:

— Tenho debaixo de olho um rapaz que costumava trabalhar para o Governo em White Sands. É um tipo muito esperto, chefe de secção de desenho.

— Queres dizer que poderia chefiar a tua equipa?

— Era essa a ideia.

— Como se chama ele? Onde está? Para quem está a trabalhar?

— Bem, acontece que quando o Governo encerrou White Sands, me pareceu uma pena que um tipo decente ficasse sem trabalho, e por isso coloquei-o na *Skyways*. É Engenheiro-Chefe de Manutenção lá na Costa.

— Manutenção? Que raio de trabalho para um homem criativo! Mas estás a dizer-me que trabalha neste momento para nós? Põe-no no ecrã. Aliás, não; telefona para a Costa e eles que o mandem cá num foguete especial; almoçaremos todos juntos.

— Por acaso — disse Ferguson calmamente —, acontece que ontem à noite me levantei e lhe telefonei; foi isso que irritou a Senhora. Ele está lá fora à espera. Coster... Bob Coster.

Um lento sorriso espalhou-se pela cara de Harriman.

— Andy, seu velho safado sem coração, porque fingiste estar a hesitar?

— Não estava a fingir. Gosto disto aqui, Harriman. Desde que não interfira, faço o meu trabalho. Ora, a minha ideia é esta: promovemos o jovem Coster a Engenheiro-Chefe dos projectos e damos-lhe liberdade de acção. Não andarei a segurar-lhe no braço; limitar-me-ei a ler os relatórios. Depois, o Sr. Harriman deixa-o em paz, está a ouvir-me? Nada irrita mais um técnico do que ter um picuinhas incompetente com o livro de cheques na mão a dizer-lhe que faça o seu trabalho.

— Combinado. E também não quero um velho tonto a querer poupar tostões e a atrasá-lo. Senão, tiro-te o tapete. Estamos entendidos?

— Penso que sim.

— Então, trá-lo cá.

Aparentemente, a ideia de Ferguson de um «rapaz» equivalia a cerca de trinta e cinco anos, pois foi essa a idade que Harriman estimou que ele

teria. Era alto, magro e vagamente ansioso. Harriman assenhorou-se dele imediatamente, depois de um breve aperto de mão:

— Bob, consegue construir um foguetão capaz de ir à Lua?

Coster recebeu isto sem pestanejar.

— Tem alguma fonte de combustível X? — contrapôs, usando a alcinha dos homens dos foguetes para combustível isotópico anteriormente produzido pelo satélite de energia.

— Não.

Coster permaneceu perfeitamente quieto por alguns segundos e depois respondeu:

— Consigo colocar um foguete mensageiro não-tripulado na face da Lua.

— Não é suficientemente bom. Quero ir lá, aterrar e voltar. Se aterrar aqui sob efeito de propulsão ou por travagem atmosférica, é irrelevante.

Parecia que Coster nunca respondia de imediato; Harriman fantasiou que conseguia ouvir mecanismos a trabalhar na cabeça do homem.

— Isso seria uma tarefa tremendamente dispendiosa.

— Alguém lhe perguntou quanto custaria? Consegue fazê-lo ou não?

— Posso tentar.

— Tentar? Raios. Pensa que podemos fazê-lo? Apostaria tudo o que tem nisso? Estaria disposto a arriscar o seu pescoço nessa tentativa? Homem, se não acredita, perde de certeza!

— Quanto arriscará o senhor? Já lhe disse que isto seria muito dispendioso... E duvido de que tenha ideia de até que ponto seria dispendioso...

— E eu já lhe disse que não se preocupasse com dinheiro. Gaste o que precisar; a minha função é pagar as contas. Consegue fazê-lo?

— Consigo. Mais tarde lhe direi quanto custará e quanto tempo demorará.

— Muito bem. Comece a reunir a sua equipa. Onde vamos fazer isto, Andy? — acrescentou, voltando-se para Ferguson. — Na Austrália?

— Não — quem respondeu foi Coster. — Não pode ser na Austrália; quero uma montanha catapulta. Isso poupar-nos-á uma fase da combinação.

— Uma montanha de que tamanho? — perguntou Harriman. — Pikes Peake servirá?

— Terá de ser nos Andes — objectou Ferguson. — Aí, as montanhas são mais altas e mais próximas do Equador. Afinal de contas, até temos lá instalações... Ou a *Andes Development Company* tem-nas, pelo menos.

— Façam como acharem melhor — disse Harriman para Coster. — Eu preferiria Pikes Peak, mas isso é consigo.

Harriman estava a pensar que havia tremendas vantagens financeiras em localizar o Espaço-Porto nº 1 da Terra no interior dos Estados Unidos — e já conseguia visualizar as vantagens publicitárias de ter as naves lunares a partir com estrondo do topo de Pikes Peak, em plena vista de toda a gente num raio de quilómetros a Leste.

— Depois digo-lhe.

— Agora, falemos de salários. Esqueça o que quer que fosse que lhe estávamos a pagar. Quanto quer ganhar?

Coster esbracejou, sacudindo o assunto.

— Trabalharei apenas por café e bolinhos.

— Não seja tonto.

— Deixe-me acabar. Café e bolinhos e mais uma coisa: eu também vou na viagem.

Harriman piscou os olhos.

— Bem, consigo perceber isso — respondeu lentamente. — Mas entretanto, vamos pô-lo numa conta de despesas... E é melhor planear uma nave com três lugares, a não ser que seja você o piloto.

— Não serei.

— Três homens, então. Porque eu também vou, está a ver?

IV

— Ainda bem que decidiste entrar nisto, Dan — estava Harriman a dizer. — Porque se não, ver-te-ias sem emprego. Vou colocar uma enorme pressão na Empresa de Energia antes de ter acabado isto.

Dixon pôs manteiga num pãozinho.

— A sério? Como?

— Vamos montar pilhas de alta temperatura, como no trabalho do Arizona, tal como aquela que explodiu, logo à entrada da face oculta da Lua. Controlá-las-emos por via remota; se uma explodir, não haverá problema. E criarei mais combustível X numa semana do que a Companhia gera em três meses. Não é nada pessoal; trata-se apenas de que eu quero ter uma fonte de combustível para uma linha de viagens interplanetárias. Se não podemos obter o material bom aqui, teremos de o fazer na Lua.

— Interessante. Mas onde te propões arranjar urânio para seis pilhas? Da última vez que ouvi alguma coisa sobre isso, a Comissão de Energia Atómica tinha a produção prevista já reservada para os próximos vinte anos.

— Urânio? Não seas tolo. Vamos buscá-lo à Lua.

— À Lua? Mas há urânio na Lua?

— Não sabias? E eu que pensei que fora por isso que tinhas decidido juntar-te a mim. . .

— Não, não sabia — disse Dixon com veemência. — Que provas tens tu disso?

— Eu? Eu não sou cientista, mas é um facto bem conhecido. Espectrografia, ou qualquer coisa assim. Vê isso com um dos professores. Mas não demonstres por aí grande interesse; ainda não estamos prontos para mostrar o jogo. — Harriman levantou-se. — Tenho de correr, senão perco o *shuttle* para Roterdão. Obrigado pelo almoço.

Pegou no chapéu e saiu.

Harriman levantou-se.

— Como queira *Mynheer* van der Velde. Vou dar-lhe a si, e aos seus colegas, uma hipótese de subirem as vossas apostas. Os vossos geólogos concordam todos que os diamantes resultam da acção vulcânica. Que pensa que vamos encontrar lá?

Deixou cair uma grande fotografia da Lua na secretária do holandês.

O comerciante de diamantes olhou impassivelmente para o planeta, marcado por milhares de gigantescas crateras.

— Se lá conseguir chegar, Sr. Harriman.

Harriman pegou na fotografia.

— Havemos de lá chegar. E encontraremos diamantes. . . Ainda que eu seja o primeiro a admitir que hão-de passar vinte anos, ou mesmo quarenta, até que se encontre uma pedra suficientemente grande para ter relevância. Vim ter consigo porque acredito que o pior vilão no nosso corpo social é o homem que introduz um novo factor económico de peso sem planear a sua inovação de forma a permitir um ajustamento pacífico. Não gosto de sobressaltos. Mas a única coisa que posso fazer é avisá-lo. Tenha um bom dia.

— Sente-se, Sr. Harriman. Fico sempre confuso quando um homem me explica de que maneira vai fazer algo de bom por mim. E se me dissesse, em vez disso, em que é que isso vai ser bom para si? Então poderemos discutir como poderemos proteger o mercado mundial de um afluxo súbito de diamantes da Lua.

Harriman sentou-se. Gostava dos Países Baixos. Deliciara-se ao descobrir um carrinho de distribuição de leite puxado por um cão, conduzido por um rapaz que calçava socas de madeira; tirara fotografias com satisfação e gratificara generosamente o rapazinho, sem se aperceber de que tudo aquilo era montado de propósito para os turistas. Visitara diversos outros negociantes de diamantes, mas sem falar da Lua. En-

tre outras aquisições, encontrara uma pregameira para Charlotte — uma oferenda de paz.

Depois, apanhara o táxi para Londres, apresentara uma história aos representantes da associação de negociantes de diamantes de lá, combinara com solicitadores de Londres a contratação de um seguro na *Lloyd's*, por intermédio de um testa de ferro, para a eventualidade de uma viagem bem sucedida à Lua, e telefonara para o escritório. Ouvira inúmeros relatórios, especialmente os que diziam respeito a Montgomery, e descobrira que este estava em Nova Deli. Telefonara para lá, falara com ele longamente e depois apressara-se a correr para o aeroporto, mesmo a tempo de apanhar a sua nave. Na manhã seguinte estava no Colorado.

Em Peterson Field, a leste de Colorado Springs, Harriman teve dificuldade em passar pelo portão, muito embora este estivesse sob o seu domínio, por arrendamento. Claro que poderia ter telefonado a Coster e ter esclarecido o problema, mas queria dar uma olhada por ali antes de ver Coster. Felizmente, o chefe dos guardas conhecia-o de vista; entrou e vagueou por ali durante uma hora, ou mais, com um cartão de identificação tricolor pendurado no casaco, que lhe dava liberdade de movimentos.

A oficina das máquinas estava moderadamente atarefada, bem como a fundição. Mas a maioria das oficinas estavam quase desertas. Harriman saiu das oficinas e dirigiu-se ao principal edifício de engenharia. A sala de desenho e os escritórios estavam razoavelmente activos, bem como a secção de computadores. Mas havia secretárias desocupadas no grupo de estruturas, e um silêncio de igreja no grupo dos metais e no laboratório de metalurgia, que ficava ao lado. Ia para passar ao anexo dos químicos e matérias quando Coster subitamente apareceu.

— Sr. Harriman, acabaram de me dizer que estava cá.

— Há espiões por todo o lado — notou Harriman. — Não queria perturbá-lo.

— Não perturba nada. Vamos para o meu gabinete.

Aí instalados alguns minutos mais tarde, Harriman perguntou:

— Pois bem: como está tudo a andar?

Coster franziu o sobrolho.

— Bem, creio eu.

Harriman notou que os tabuleiros de expediente do engenheiro estavam atulhados de papel que resvalava para cima da secretária. Antes que Harriman pudesse responder, o telefone de Coster acendeu-se e uma voz feminina disse com doçura:

— Sr. Coster, tem uma chamada do Sr. Morgenstern.

— Diga-lhe que estou ocupado.

Após uma breve pausa, a rapariga respondeu, com uma voz nervosa:

— Mas ele diz que tem mesmo de falar consigo.

Coster pareceu incomodado.

— Desculpe-me por um momento, Sr. Harriman. Muito bem, passe-me a chamada.

A rapariga foi substituída por um homem que disse:

— Ah, estás aí! O que te está a atrasar? Olha, Chefe, estamos aqui numa trapalhada por causa destes camiões. Cada um destes camiões que alugámos precisa de uma revisão profunda e agora afinal vem-se a saber que a *White Fleet Company* não vai fazer nada quanto a isso. Agarram-se às cláusulas do contrato. Ora, da forma como eu vejo isto, era melhor cancelarmos este contrato e fazer o negócio com a *Peak City Transport*. Têm um esquema que me parece melhor. Garantem que...

— Trata disso — interrompeu Coster. — Foste tu que assinaste o contrato e tens autoridade para o rescindir. Sabes disso.

— Sim, mas, Chefe, pareceu-me que isto era coisa que gostarias de ver pessoalmente. Tem a ver com as políticas e...

— Trata disso! Não me interessa nada do que faças, desde que tenhamos os transportes de que precisamos.

E desligou.

— Quem é esse homem? — inquiriu Harriman.

— Quem? Ah, é o Morgenstern. Claude Morgenstern.

— Não é o nome que me interessa. Que faz ele?

— É um dos meus assistentes: trata dos edifícios, obras e transportes.

— Despeça-o!

Coster pareceu que ia teimar. Mas antes que pudesse responder, entrou uma secretária e ficou parada de forma insistente, ao seu lado, com uma pilha de papéis. Coster franziu o sobrolho, rubricou os papéis e mandou-a embora.

— Bem, não queria soar como se lhe estivesse a dar uma ordem — acrescentou Harriman. — Mas entenda-o como um conselho sério. Não venho dar ordens no seu território... Mas quer ouvir uns minutos de aconselhamento?

— Naturalmente — concordou Coster, rigidamente.

— Hum... Este é o seu primeiro trabalho como director máximo?

Coster hesitou, e depois admitiu que sim.

— Contratei-o baseado na fé do Ferguson de que você seria o engenheiro mais qualificado para construir uma nave lunar com sucesso. Não tenho nenhuma razão até agora para acreditar no contrário. Mas a administração de topo não é engenharia, e talvez eu lhe possa mostrar uns truques nessa matéria, se me permite. — Fez uma pausa. — Não estou a

criticar — acrescentou. — Ser director máximo é um pouco como o sexo; até se fazer, não se sabe o que é.

Harriman tinha a reserva mental de que, se o rapaz não aceitasse os seus conselhos, ficaria rapidamente sem emprego, gostasse Ferguson disso ou não.

Coster tamborilava os dedos na secretária.

— Não sei o que está errado, isso é verdade. Parece que não posso delegar nada a ninguém sem que alguma coisa corra mal. Sinto como se me estivesse a afundar em areia movediça.

— Tem feito muito trabalho de engenharia ultimamente?

— Bem tento — Coster apontou para outra secretária, a um canto. — Trabalho ali, pela noite dentro.

— Isso não está bem. Contratei-o como engenheiro. Bob, isto está tudo mal montado. Estas instalações deveriam estar a fervilhar de actividade — e não estão. O seu gabinete deveria ser sossegado como um túmulo. Em vez disso, o seu gabinete está sempre a fervilhar de actividade, e em contrapartida as oficinas é que parecem um cemitério.

Coster enterrou a cara nas mãos, e depois olhou para cima.

— Eu sei disso. Sei o que precisa de ser feito... Mas cada vez que tento resolver um problema técnico, há um idiota qualquer que quer que eu tome uma decisão acerca de uns malditos camiões, ou telefones, ou qualquer outra coisa dos diabos. Desculpe, Sr. Harriman. Pensei que seria capaz.

Harriman respondeu muito suavemente:

— Não deixe que isso o deite abaixo, Bob. Não tem dormido grande coisa ultimamente, pois não? Eis o que vamos fazer: vamos passar a perna ao Ferguson. Eu fico com a secretária onde está agora, por uns dias, e construo-lhe um ambiente que o protegerá contra esse tipo de coisas. Quero esse seu cérebro a pensar acerca de vectores de reacção e eficiência de combustível, e taxas de esforço... E não acerca de contratos de *leasing* de camiões.

Harriman foi até à porta, olhou em volta pelo escritório e viu um homem que poderia ser, ou não, o chefe de serviços administrativos.

— Eh! Você! Chegou aqui!

O homem pareceu espantado, levantou-se, aproximou-se da porta e disse:

— Sim?

— Quero aquela secretária ali do canto, e tudo o que estiver em cima dela, levado para um gabinete vazio neste piso, e para já.

O funcionário ergueu as sobrancelhas:

— E quem é o senhor, se posso perguntar?

— Raios partam...

— Faça o que o senhor disse, Weber — interveio Coster.

— Quero isso feito em vinte minutos — acrescentou Harriman. — Corra!

Voltou-se de novo para a outra secretária de Coster, carregou num botão do telefone e daí a pouco estava a falar com a sede da *Skyways*.

— Jim, o teu rapaz, o Jock Berkeley, está por aí? Dá-lhe uma licença e manda-o ter comigo ao Peterson Field, agora mesmo, em viagem especial. Quero que a nave em que ele vier saia do chão dez minutos depois de acabarmos de falar. Manda a tralha dele logo a seguir. — Harriman escutou por um momento, e depois respondeu: — Não, a tua organização não vai abaixo por perderes o Jock... Ou, se for, talvez tenhamos andado a pagar o salário máximo ao homem errado... Está bem, está bem, tens direito a um rápido pontapé no meu rabo da próxima vez que nos virmos, mas manda lá o Jock. Até breve.

Supervisionou a mudança da secretária de Coster para outro gabinete, assegurou-se de que o telefone no novo gabinete ficava desligado e, depois de pensar melhor, mandou instalar lá um sofá.

— Vamos instalar um projector, e uma máquina de esboços, e estantes e outra tralha desse tipo, ainda esta noite — disse a Coster. — Faça apenas uma lista de tudo o que precisa... Para trabalhar em engenharia. E ligue-me se precisar de alguma coisa.

Voltou para o gabinete que ainda era, nominalmente, do Engenheiro-Chefe, e dedicou-se alegremente a trabalhar para tentar perceber em que pé estava a organização e o que havia de errado com ela.

Um quatro horas depois, levou Berkeley para se apresentar a Coster. O Engenheiro-Chefe estava a dormir sentado à secretária, com a cabeça aninhada nos braços. Harriman começou a recuar, mas Coster acordou.

— Oh! Desculpe — disse, corando. — Devo ter passado pelas brasas.

— Foi por isso que lhe mandei pôr aí um sofá — respondeu Harriman. — Aí descansa melhor. Bob, apresento-lhe Jock Berkeley. Vai ser o seu novo escravo. Você continua a ser o Engenheiro-Chefe, e o chefe supremo, indisputado. O Jock será o Senhor Supremo de Tudo o Resto. A partir de agora, não terá de se preocupar com absolutamente nada... A não ser com o pequeno pormenor de construir uma nave lunar.

Os dois homens apertaram as mãos.

— Só peço uma coisa, Sr. Coster — disse Berkeley, muito sério. — Passe para mim tudo o que quiser; só terá de gerir as coisas técnicas. Mas, por amor de Deus, grave tudo, para que eu saiba o que se vai passando. Vou pôr um botão na sua secretária, que fará activar um gravador selado na minha secretária.

— Muito bem! — Coster, pensou Harriman, já começava até a parecer mais novo.

— E se quiser alguma coisa que não seja técnica, não a faça você mesmo. Simplesmente carregue num botão e diga o que quer; será feito! — Berkeley olhou de relance para Harriman. — O Patrão diz que quer falar consigo acerca da verdadeira tarefa. Vou-me embora, deitar mãos à obra.

Saiu. Harriman sentou-se. Coster fez o mesmo e disse:

— Caramba!

— Sente-se melhor?

— Gosto do estilo desse tipo, do Berkeley.

— Ainda bem. A partir de agora, será o seu irmão gêmeo. Deixe de se preocupar; já o usei noutras ocasiões. Vai ver que até vai pensar que está a viver num hospital bem gerido. A propósito, onde está a viver?

— Numa pensão nas Springs.

— Isso é ridículo. E nem sequer tem aqui um sítio para dormir? — Harriman esticou-se para chegar à secretária de Coster, e ligou a Berkeley: — Jock, arranja uma suite para o Sr. Coster no *Broadmoor*, sob um nome falso.

— Certo.

— E trata de que o espaço adjacente ao gabinete dele aqui seja equipado como um apartamento.

— Certo. Esta noite estará pronto.

— Ora bem, Bob, agora, quanto à nave espacial. Em que pé estamos?

Passaram as duas horas seguintes a ver, entusiasmadamente, todos os pormenores do problema, tal como Coster lhos apresentava. Era evidente que muito pouco trabalho tinha sido feito desde que o campo tinha sido arrendado, mas Coster tinha conseguido fazer um considerável trabalho teórico e de computação antes de se ver inundado pelos pormenores administrativos. Harriman, embora não fosse engenheiro e certamente não fosse nenhum matemático, a não ser quanto à aritmética primitiva do dinheiro, tinha durante tanto tempo devorado tudo o que podia acerca das viagens espaciais que era capaz de seguir quase tudo o que Coster lhe mostrava.

— Não vejo aqui nada acerca da sua montanha-catapulta — disse por fim.

Coster pareceu vexado.

— Ah, isso! Sr. Harriman, falei demasiado cedo.

— Hem? Como assim? Pus os rapazes do Montgomery a desenhar belas imagens de como as coisas se parecerão quando houver viagens regulares. Pretendo tornar Colorado Springs na capital do espaço-porto do mundo. Já temos arrendada a velha linha de caminho-de-ferro; qual é o problema?

— Bom, é ao mesmo tempo uma questão de tempo e de dinheiro.

— Esqueça o dinheiro. Isso é do meu pelouro.

— O tempo, então. Continuo a pensar que um canhão eléctrico é a melhor maneira de obter a aceleração inicial para uma nave com energia química. Assim... — Começou a fazer esboços rapidamente. — Isto permite-nos omitir o primeiro andar do foguetão, que é maior do que todos os outros juntos e terrivelmente ineficiente, dado que tem uma relação massa-energia muito pobre. Mas o que é preciso fazer para se atingir isto? Não se pode construir uma torre, uma torre com uns quilómetros de altura e suficientemente forte para lá colocar os propulsores. Pelo menos por agora. Por isso, é preciso usar uma montanha. Pikes Peak serve perfeitamente; pelo menos, é acessível. Mas o que é preciso fazer para a usar? Primeiro um túnel pelo flanco, desde Manitou até mesmo abaixo do pico, e suficientemente grande para poder passar por lá a nave carregada...

— E descê-la desde o topo? — perguntou Harriman.

Coster respondeu:

— Pensei nisso. Elevadores com três quilómetros de altura para naves espaciais carregadas não são propriamente construídos em três tempos. Na verdade, nem são construídos com quaisquer materiais actualmente disponíveis. É possível manipular a própria catapulta de forma a que as bobinas aceleradoras possam ser revertidas e temporizadas de forma diferenciada para se fazer esse trabalho, mas acredite, Sr. Harriman, isso levar-nos-ia para outros problemas de engenharia tão grandes como o primeiro... uma via tão gigantesca até ao topo da montanha. E ainda nos deixa com o problema do poço da catapulta, que tem ele próprio de ser construído. Não pode ser do mesmo tamanho da nave, não pode ser como o cano de uma arma em relação à bala. Tem de ser consideravelmente mais largo; não se comprime uma coluna de ar com três quilómetros de altura impunemente. Oh, sim, uma catapulta de montanha pode ser construída, mas isso pode demorar dez anos... Ou mesmo mais.

— Então esqueça. Construí-la-emos para o futuro, mas não para este voo. Mas espere: então e uma catapulta de superfície? Escavamos pelo flanco da montanha e depois curvamo-la no final?

— Muito francamente, penso que será qualquer coisa desse género que acabará por se usar. Mas, neste momento, só cria novos problemas. Mesmo que conseguíssemos conceber um canhão eléctrico em que se pudesse fazer essa última curva, coisa que não podemos fazer neste momento, a nave teria de ser concebida para suportar esforços laterais terríveis, além de que todo o peso adicional seria parasitário, no que diz respeito ao nosso objectivo principal, que é conceber uma nave-foguetão.

— Pois bem, Bob, qual é a sua sugestão, então?
Coster franziu o sobrolho.
— Regressar àquilo que sabemos fazer: construir um foguetão por andares.

V

— Monty...
— Sim, patrão?
— Alguma vez ouviste esta canção? — Harriman cantarolou: — «A Lua pertence a toda a gente; as melhores coisas da vida são gratuitas...».
— Desafinava terrivelmente.
— Não me parece que já tenha ouvido.
— É de antes do teu tempo. Quero-a desenterrada de novo. Quero-a revivescida, a passar constantemente até que o Inferno derreta, e que toda a gente ande com ela na boca.
— Certo. — Montgomery pegou no seu bloco de notas. — Quando quer que a canção chegue aos tops?
Harriman reflectiu.
— Eu diria daqui a provavelmente uns três meses. Depois, quero que peguem no primeiro verso e o usem em *slogans* publicitários.
— Feito.
— Como vão as coisas na Florida, Monty?
— Pensei que iríamos ter de comprar o raio da legislatura toda, até que pusemos a circular o rumor de que Los Angeles tinha contratado pôr um sinal de «Limites da Cidade de Los Angeles» na Lua, para efeitos publicitários. Depois disso, mudaram de ideias.
— Muito bem — ponderou Harriman. — Sabes... Isso não é má ideia. Quanto pensas que a Câmara de Comércio de Los Angeles pagaria por uma fotografia dessas?
Montgomery tomou mais notas.
— Vou investigar isso.
— Suponho que estejas praticamente pronto para atacar o Texas, agora que a Florida já está tratada?
— A qualquer momento. Mas primeiro estamos a espalhar uns rumores.

Cabeçalho do *Dallas-Fort Worth Banner*:

«A LUA PERTENCE AO TEXAS»

«...e é tudo por esta noite meninos. Não se esqueçam de enviar os cupões das caixas, ou reproduções com qualidade. Lembrem-se: o primeiro prémio é um rancho de dois hectares na própria Lua, gratuito e sem encargos. O segundo prémio é um modelo com dois metros da própria nave lunar, e temos cinquenta — contem bem: cinquenta! — terceiros prémios para distribuir, sendo cada um deles um pônei de Shetland já treinado. A vossa composição de cem palavras sobre o tema «Porque quero ir à Lua» será avaliada quanto à sinceridade e originalidade, e não quanto aos méritos literários. Mandem esses cupões das caixas para Tio Taffy, CP. 214, Juarez, Velho México.»

Harriman foi levado ao gabinete do presidente da *Moka-Cola Company*. Fez uma pausa à porta, a uns metros da secretária do presidente, e pregou rapidamente um crachá com três centímetros de diâmetro na lapela.

Peterson Griggs levantou os olhos.

— Ora bem, isto é que é verdadeiramente uma honra, D. D. Entre e... — O executivo do gigante dos refrigerantes parou subitamente, e a sua expressão alterou-se. — Que está a fazer, usando isso? — disparou. — A tentar irritar-me?

«Isso», era o crachá; Harriman retirou-o e pô-lo no bolso. Era um crachá publicitário, redondo, amarelo. Impresso a preto, quase a cobrir todo o crachá, estava o símbolo 6+, a marca registada do único rival a sério da *Moka-Cola*.

— Não — respondeu Harriman. — Embora não o censure por ficar irritado. Vejo metade dos miúdos nas escolas do país a usar estes crachás idiotas. Mas vim cá para lhe dar uma dica amigável, e não para o incomodar.

— Que quer dizer?

— Quando fiz uma pausa à sua porta, este crachá estava apenas do tamanho, para si, que estava sentado à secretária, que a Lua parece ter quando se está no quintal a olhar para ela. Não teve dificuldade em ler o que o crachá dizia, pois não? Eu sabia que não; já estava a gritar comigo antes que qualquer um de nós tivesse dado um passo.

— E depois?

— Como se sentiria, e que efeito teria isso nas suas vendas, se houvesse um «6+» estampado na face da Lua, em vez de apenas na camisola de um miúdo da escola?

Griggs pensou nisso e depois disse:

— D. D., não me venha com piadas de mau gosto; tive um dia complicado.

— Não estou a brincar. Como já deve ter ouvido por aí, estou por detrás deste empreendimento da viagem à Lua. Aqui entre nós, Pat, é um empreendimento bastante caro, mesmo para mim. Há uns dias, um homem veio ter comigo... Não leve a mal se não mencionar nomes... Poderá chegar lá por si. Seja como for, este homem representava um cliente que queria comprar a concessão de publicidade da Lua. Sabia que não podíamos ter a certeza do sucesso; mas ele disse que o seu cliente estava disposto a correr o risco.

» Inicialmente, não consegui perceber de que estava ele a falar; mas ele lá me explicou. Depois, pensei que estava a brincar comigo. Depois, fiquei chocado. Olhe para isto... — Harriman pegou numa grande folha de papel e abriu-a na secretária de Griggs. — Está a ver? O equipamento é montado algures perto do centro da Lua, quando o mandarmos. Dezoito foguetes pirotécnicos disparam então em dezoito direcções, como os raios de uma roda, mas para distâncias cuidadosamente calculadas. Caem no local certo e as pequenas bombas que transportam rebentam, espalhando pó preto de carbono finamente moído a distâncias calculadas. Não há ar na Lua, como sabe, Pat... Um pó fino viaja até tão longe como um dardo. E eis aqui o resultado. — Virou o papel; do outro lado havia uma imagem da Lua, impressa em tons suaves. Sobre ela, a preto, em letras grandes, estava «6+».

— Então é mesmo deles! Esses envenenadores!

— Não, não. Eu não disse isso! Mas isto ilustra o ponto em questão. «6+» são apenas dois símbolos; podem ser alargados até serem suficientemente grandes para serem lidos da Terra, na face da Lua.

Griggs ficou a olhar para o anúncio horrível.

— Não acredito que isso funcione!

— Uma reputada firma de pirotecnia garantiu-me que funcionará; desde que eu consiga colocar o equipamento deles no local certo. Afinal de contas, Pat, não é preciso um grande foguete pirotécnico para cobrir uma grande distância na Lua. Qualquer um pode lançar uma bola de basebol numa trajectória de dois quilómetros... Baixa gravidade, sabe...

— As pessoas nunca aceitariam isso. É um sacrilégio!

Harriman pareceu triste.

— Quem me dera que tivesse razão. Mas as pessoas aceitam que se escreva no céu... e os anúncios em vídeo.

Griggs mordeu os lábios.

— Bem, mas não vejo porque me veio mostrar isso a mim — explicou. — Sabe muito bem que o nome do meu produto não aparecerá na face da Lua. As letras seriam demasiado pequenas para poderem ser lidas.

Harriman assentiu.

— Foi precisamente por isso que vim ter consigo, Pat. Isto, para

mim, não é apenas um empreendimento de negócios; é a minha alma e o meu coração. Simplesmente deixou-me enojado pensar em alguém a usar realmente a face da Lua para fazer publicidade. Como disse, é um sacrilégio. Mas esses miseráveis lá conseguiram, de alguma forma, saber que eu estava apertado de dinheiro. Vieram ter comigo na altura em que sabiam que eu teria de os ouvir. Mantive-os em suspenso. Prometi-lhes uma resposta na quinta-feira. Depois fui para casa e fiquei toda a noite acordado a pensar nisto. Passado um bocado, pensei em si.

— Em mim?

— Em si. Em si e na sua empresa. No fim de contas, você tem um bom produto e precisa de publicidade legítima para ele. Ocorreu-me que há outras maneiras de usar a Lua para fazer publicidade, sem a desvirtuar. Ora suponha simplesmente que a sua empresa comprava a mesma concessão, mas com a promessa, animada pelo espírito de serviço, de nunca a deixar ser usada. Imagine que usava esse facto nos seus anúncios? Imagine que fazia passar imagens de um rapaz e uma rapariga sentados a olhar para a Lua, partilhando uma garrafa de *Moka-Cola*? Imagine que a *Moka-Cola* era o único refrigerante levado na primeira viagem à Lua? Mas claro que não preciso de ser eu a dizer-lhe o que fazer — olhou de relance para o relógio de dedo. — Tenho de ir, e não quero apressá-lo. Se quiser fazer negócio, dê uma palavrinha ao meu escritório até ao meio-dia de amanhã e eu porei o meu homem, Montgomery, em contacto com o seu chefe de publicidade.

O director da grande cadeia de jornais fê-lo esperar o tempo mínimo reservado aos barões da finança e aos membros do Governo. Mais uma vez, Harriman parou à porta de um grande gabinete e colocou o crachá na lapela.

— Viva, Delos — disse o editor. — Como vai o trânsito na Lua hoje? — Depois, reparou no crachá e franziu o sobrolho. — Se isso é para ser uma piada, é de mau gosto.

Harriman meteu o crachá no bolso; não dizia «6+», mas exibia uma foice e um martelo.

— Não — respondeu. — Não é uma piada; é um pesadelo. Coronel, o senhor e eu estamos entre as poucas pessoas neste país que se apercebem de que o comunismo ainda é uma ameaça.

Algum tempo depois estavam a conversar tão amigavelmente como se a cadeia de jornais do coronel não tivesse feito oposição ao empreendimento lunar desde que a ideia surgira. O editor agitou um charuto sobre a secretária.

— Como apanhou esses planos? Roubou-os?

— Foram copiados — respondeu Harriman, usando uma meia-verdade. — Mas não são importantes. O mais importante é chegar lá primeiro; não podemos correr o risco de ter uma base de mísseis inimiga na Lua. Desde há anos que tenho um pesadelo recorrente, em que acordo e vejo os cabeçalhos a dizer que os russos aterraram na Lua e declararam o Soviete Lunar, suponhamos que formado por treze homens e duas mulheres cientistas, que tinham feito o pedido de anexação à União Soviética... Pedido esse que, evidentemente, tinha sido magnanimamente acedido pelo Soviete Supremo. Costumava acordar a tremer por causa disto. Não sei se eles se dariam mesmo ao trabalho de pintar uma foice e um martelo na face da Lua, mas é coisa que combina bem com a psicologia deles. Pense naqueles cartazes enormes que eles andam sempre a pendurar.

O editor trincou o charuto com força.

— Veremos o que poderemos fazer. Há alguma maneira de acelerar a sua partida?

VI

— Sr. Harriman?

— Sim?

— Está aqui aquele Sr. LeCroix, mais uma vez.

— Diga-lhe que não posso recebê-lo.

— Sim, senhor... Hum... Sr. Harriman, ele não referiu isso da outra vez, mas diz que é piloto de foguetões.

— Raios o partam... Mande-o para a *Skyways*. Não sou eu que contrato pilotos.

O rosto de um homem apareceu no ecrã, substituindo o da secretária de Harriman:

— Sr. Harriman, sou Leslie LeCroix, piloto substituto do *Charon*.

— Não me interessa, nem que fosse o Arcanjo Gabriel. Mas disse *Charon*?

— Sim, disse *Charon*. E tenho de falar consigo.

— Entre.

Harriman saudou o seu visitante, ofereceu-lhe tabaco, e depois olhou para ele com interesse. O *Charon*, o foguete vaivém do satélite de energia perdido, era a coisa mais próxima de uma nave espacial que o mundo já vira. O piloto, perdido na mesma explosão que destruíra o satélite e o *Charon*, fora o primeiro, de certa forma, de uma nova geração de homens do espaço.

Harriman espantou-se por lhe ter escapado da atenção a ideia de que o *Charon* tinha pilotos alternados. Soubera disso, evidentemente — mas, por qualquer razão, esquecera-se de ter esse factor em consideração. Tinha deitado para trás o satélite de energia, o foguete vaivém e tudo o que lhes dizia respeito; deixara de pensar nisso. Agora, olhava para LeCroix com curiosidade.

Viu um homem pequeno, seco, com rosto inteligente e com as mãos grandes e competentes de um *jockey*. LeCroix retribuiu essa inspecção sem qualquer embaraço. Parecia calmo e completamente seguro de si.

— Muito bem, Comandante LeCroix...

— O senhor está a construir uma nave lunar.

— Quem lhe disse isso?

— Está a ser construída uma nave para ir à Lua. Toda a rapaziada diz que quem está por detrás disso é o senhor.

— Ah, sim?

— E eu quero pilotar essa nave.

— Porque haveria de ser você?

— Porque sou o melhor homem para o fazer.

Harriman fez uma pausa para deixar escapar uma nuvem de fumo do charuto.

— Se conseguir provar isso, o lugar é seu.

— Negócio fechado. — LeCroix levantou-se. — Deixarei o meu nome e morada lá fora.

— Espere um minuto. Eu disse: «se». Vamos falar. Eu próprio irei nesta viagem; quero saber mais sobre si antes de arriscar o meu pescoço nas suas mãos.

Discutiram o voo até à Lua, as viagens interplanetárias, a ciência dos foguetes, aquilo que poderiam encontrar na Lua. Gradualmente, Harriman entusiasmou-se, ao ver que encontrara outro espírito tão parecido com o seu, tão obcecado com o Belo Sonho. Subconscientemente, já tinha aceitado LeCroix; a conversa começou a ter como ponto assente que este seria um empreendimento comum.

Ao fim de muito tempo, Harriman disse:

— Isto é muito agradável, Les, mas ainda tenho umas tarefas para terminar hoje, ou nenhum de nós chegará à Lua. Você vá até Peterson Field e apresente-se ao Bob Coster. Eu aviso-o. Se vocês se conseguirem entender, falaremos de um contrato. — Escrevinhou um bilhete e entregou-o a LeCroix. — Dê isto à Menina Perkins, quando sair, que ela põe-no a receber salário.

— Isso pode esperar.

— Um homem tem de comer.

LeCroix aceitou, mas não saiu.

— Só há uma coisa que não entendo, Sr. Harriman.

— Hum?

— Porque está a planear uma nave com combustível químico? Não é que eu me oponha; levo-a aonde for preciso. Mas porquê fazer isso da maneira mais difícil? Soube que o senhor tinha reciclado a *City of Brisbane* para combustível X...

Harriman ficou a olhar para ele.

— Você está louco, Les? Está a perguntar-me por que razão os porcos não têm asas... Não há nenhum combustível X, e não haverá nenhum até sermos nós mesmos a fazê-lo; na Lua.

— Quem lhe disse isso?

— Que quer dizer?

— Por aquilo que ouvi, a Comissão de Energia Atómica reservou combustível X, ao abrigo de um tratado, para diversos outros países... E alguns deles não estão preparados para lhe darem uso. Mas têm-no reservado, de qualquer forma. Que aconteceu a esse combustível?

— Ah, isso! Claro, Les. Diversos pequenos países da África Central e da América do Sul viram-lhes atribuídas umas fatias do bolo, por razões políticas, muito embora não lhes servisse para nada. Mas também foi bom: comprámo-lo de volta e usámo-lo para aliviar a falta de energia. — Harriman franziu o sobrolho. — Mas tem razão. Devia ter apanhado mais do material, na altura.

— E tem a certeza de que desapareceu todo?

— Ora, claro que... Não, não tenho. Vou ver isso. Boa ideia, Les.

Os contactos de Harriman foram capazes de dar conta de cada grama de combustível X em pouco tempo — excepto quanto ao lote da Costa Rica. Esse país declinara vender o seu fornecimento, porque as suas centrais de energia que podiam aceitar combustível X estavam quase prontas na altura do desastre. Outra inquirição demonstrou que as centrais de energia nunca tinham chegado a ser acabadas.

Montgomery estava, nesse preciso momento, em Manágua. A Nicarágua sofrera uma mudança de governo e Montgomery estava a assegurar-se de que a posição especial da empresa Lunar local fosse protegida. Harriman mandou-lhe uma mensagem codificada para seguir para San José, localizar o combustível X, comprá-lo e mandá-lo de volta — a qualquer custo. Depois, foi visitar o secretário-geral da Comissão de Energia Atómica.

Esse secretário ficou aparentemente contente por vê-lo, e ansioso

por ser prestável. Harriman lá conseguiu por fim explicar que queria uma licença para fazer trabalho experimental com isótopos — com combustível X, para ser mais preciso.

— Isso deveria ser abordado através dos canais habituais, Sr. Harriman.

— E será. Isto é apenas uma inquirição preliminar. Queria saber a sua reacção.

— No fim de contas, não sou o único membro da comissão... E quase sempre seguimos as recomendações do nosso braço técnico.

— Não jogue à defesa comigo, Carl. Sabe perfeitamente que é você que controla a maioria dos votos. Só entre nós, que me diz?

— Bom, D. D., só entre nós, você não conseguirá obter nenhum combustível X... Por isso, para quê a licença?

— Deixe que seja eu a preocupar-me com isso.

— Hum... Não nos é exigido por lei que sigamos o trajecto de cada milicurie de combustível X, uma vez que não está classificado como potencialmente adequado para armas de destruição maciça. Mas mesmo assim, sabemos o que aconteceu com todo ele. Não há nenhum combustível disponível.

Harriman ficou em silêncio.

— Em segundo lugar, pode obter a sua licença para experimentação com o combustível X, se assim deseja... para qualquer finalidade, excepto para combustível de foguetão.

— Porquê essa restrição?

— Está a construir uma nave para ir à Lua, não está?

— Eu?

— Não venha você agora jogar à defesa comigo, D. D. Compete-me saber estas coisas. Não pode usar combustível X para foguetões, mesmo que o consiga encontrar. E não conseguirá. — O secretário dirigiu-se a um cofre por detrás da sua secretária e regressou com um volume encadernado, que depositou diante de Harriman. Tinha o título: *Investigação Técnica sobre a Viabilidade de Vários Combustíveis Rádio-isotópicos — Com apontamentos sobre o Desastre do Charon/Satélite de Energia*. A capa tinha um número de série e estava marcada com «SECRETO».

Harriman afastou o livro.

— Não tenho nada que ler isso, e também não perceberia nada, se lesse. O secretário fez um sorriso amargo.

— Muito bem. Eu digo-lhe o que aqui diz. Estou deliberadamente a atar-lhe as mãos, ao partilhar consigo um segredo da Defesa...

— Não quero saber, digo-lhe já!

— Não tente mover uma nave com combustível X, D. D. É um belo

combustível... Mas pode estourar como uma bombinha de Carnaval em qualquer ponto do espaço. Este relatório explica porquê.

— Isso é irrelevante. Usámos o *Charon* durante quase três anos!

— Tiveram sorte. É posição oficial do governo, embora completamente confidencial, que foi o *Charon* que fez explodir o satélite, e não o satélite que fez explodir o *Charon*. Inicialmente, tínhamos pensado que tinha sido o contrário, e claro que poderia ter sido assim, mas havia o facto perturbante dos registos de radar. Parecia que a nave tinha desaparecido uma fracção de segundo antes do satélite. Assim, fizemos uma investigação teórica extensa sobre o combustível X. É demasiado perigoso para foguetões.

— Isso é ridículo! Para cada quilo queimado no *Charon*, havia pelo menos cem quilos queimados em centrais de energia aqui na Terra. Como se explica que essas não tenham explodido?

— É uma questão de isolamento. Um foguetão tem necessariamente menos blindagem do que uma central estacionária; mas a pior vertente é a de ser usado no espaço. Presume-se que o desastre tenha sido desencadeado por radiação cósmica primária. Se quiser, posso chamar um dos nossos matemáticos ou físicos para lhe explicar isso.

Harriman abanou a cabeça.

— Sabe, não falo a língua deles... — Ponderou. — Suponho então que não haja mais nada a dizer?

— Receio que não. Lamento sinceramente. — Harriman levantou-se para sair. — Hum, só mais uma coisa, D.D... Não estava a pensar abordar algum dos meus subordinados, não?

— Claro que não. Porque haveria de o fazer?

— Folgo em ouvir isso. Sabe, Sr. Harriman, algumas pessoas daqui podem não ser os cientistas mais brilhantes do mundo... Seria muito difícil manter feliz um cientista de primeira classe com as condições que o governo oferece. Mas há uma coisa de que tenho a certeza: todos eles são completamente incorruptíveis. Sabendo isso, encararia como uma afronta pessoal se alguém tentasse influenciar a minha gente... Uma afronta muito pessoal.

— E então?

— É isso. Já agora, costumava praticar boxe, como meio-pesado na faculdade. Tenho-me mantido em forma.

— Hum... Bem, eu nunca andei na faculdade. Mas joga razoavelmente póquer. — Harriman fez subitamente um sorriso. — Não me meterei com os seus rapazes, Carl. Seria demasiado parecido com oferecer um suborno a um homem que está a morrer à fome. Bom... Até à vista.

Quando Harriman chegou de novo ao escritório, telefonou a um dos seus assistentes confidenciais.

— Transmita uma nova mensagem em código ao Sr. Montgomery.

Diga-lhe que envie o material para a Cidade do Panamá, em vez de para os Estados Unidos.

Começou a ditar uma nova mensagem para Coster, pretendendo dizer-lhe que parasse o trabalho na *Pioneer*, cujo esqueleto já estava a erguer-se em direcção ao céu sobre a pradaria do Colorado, e que mudasse para a *Santa Maria*, ex-*City of Brisbane*.

Mas depois pensou melhor. O lançamento teria de ser feito fora dos Estados Unidos; com a Comissão de Energia Atómica a comportar-se de forma rígida, não poderia mudar simplesmente a *Santa Maria* de lugar: isso poria o jogo a nu.

E também não poderia ser mudada sem ser remodelada para o seu voo a energia química. Não; teria de retirar do serviço uma outra nave da classe *Brisbane* e de a enviar para o Panamá, e a central de energia da *Santa Maria* poderia ser desmontada e enviada para lá também. Coster poderia ter a nova nave pronta em seis semanas, talvez até menos... e ele, Coster e LeCroix partiriam para a Lua!

Ao diabo as preocupações com os raios cósmicos primários! A *Charon* operara durante três anos, não era? Fariam a viagem, provariam que podia ser feita e depois, se fossem necessários combustíveis mais seguros, haveria incentivo para os investigar. O mais importante era fazer a viagem. Se Colombo tivesse esperado até ter navios decentes, ainda estaríamos todos na Europa. Um homem tinha de correr alguns riscos, ou nunca chegaria a lado nenhum.

Alegremente, começou a rascunhar as mensagens que iriam pôr o novo esquema em andamento.

Foi interrompido por uma secretária.

— Sr. Harriman, o Sr. Montgomery quer falar consigo.

— Hem? Já recebeu a minha mensagem codificada?

— Não sei, senhor.

— Bom, passe-mo.

Montgomery não tinha recebido a mensagem. Mas tinha novidades para Harriman: a Costa Rica tinha vendido todo o seu combustível X ao Ministério da Energia inglês, pouco depois do desastre. Não restava um grama, nem na Costa Rica, nem em Inglaterra.

Harriman ficou sentado e cogitou por alguns minutos, depois de Montgomery ter desaparecido do ecrã. Depois, telefonou a Coster.

— Bob, o LeCroix está aí?

— Está aqui mesmo... Íamos precisamente jantar juntos. Passo-lho.

— Viva, Les. Olhe, foi uma boa ideia, a sua, mas não resultou. Alguém se apoderou do nosso bebé antes de nós.

— Como? Ah, já percebi. Lamento.

- Nunca perca tempo a lamentar. Vamos seguir em frente conforme estava planeado. Chegaremos lá!
- Claro que chegaremos.

VII

Da edição de Junho da revista *Popular Technics*:
«PROSPECÇÃO DE URÂNIO NA LUA: um artigo factual acerca de uma indústria de peso que está a chegar.»

Da *Hollyday*: «Lua-de-mel na Lua: uma discussão do *Miracle Resort* de que os seus filhos desfrutarão, conforme foi revelado ao nosso editor de viagens.»

Da *American Sunday Magazine*: «DIAMANTES NA LUA? Um cientista mundialmente famoso mostra porque devem os diamantes ser vulgares nas crateras lunares.»

— Evidentemente, Clem, eu não sei nada de electrónica, mas aqui tens a maneira como me foi explicado. Hoje em dia consegue manter-se o sinal de uma transmissão de televisão em um grau, mais ou menos, não é?

— Sim, se se usar um reflector suficientemente grande.

— Terás muito espaço de manobra. Ora bem: a Terra cobre um espaço de dois graus, vista da Lua. Claro que está a uma distância enorme, mas não terias quaisquer perdas de energia e terias condições absolutamente perfeitas e imutáveis para a transmissão. Depois de feita a instalação, não seria mais dispendioso do que transmitir a partir do topo de uma montanha aqui em baixo, e um bom pedaço menos dispendioso do que manter helicópteros no ar de costa a costa, tal como tens tido de fazer agora.

— É um esquema fantasioso, Delos.

— Que tem de fantasioso? Chegar à Lua é preocupação minha, não tua. Depois de lá chegarmos, haverá emissão de televisão de volta para a Terra; podes apostar a tua camisa nisso. É uma localização natural para uma transmissão em linha recta. Se não estiveres interessado, terei de encontrar alguém que esteja.

— Não disse que não estava interessado.

— Bom, então decide-te. E repara noutra coisa, Clem: não quero meter o nariz nos teus negócios, mas não tens tido uma certa dose de problemas, desde que perdeste a utilização do satélite de energia como estação de retorno?

— Sabes bem a resposta, não me venhas picar com isso. As despesas dispararam a perder de vista, sem qualquer aumento das receitas.

— Não era bem a isso que me referia. E quanto à censura?

O executivo da televisão levantou as mãos.

— Não uses essa palavra! A forma como toda a gente espera que uma pessoa se mantenha no negócio com todos os idiotas do país a proclamar direito de veto sobre aquilo que podemos ou não dizer, e aquilo que podemos ou não mostrar... É o suficiente para dar vômitos. O princípio todo da coisa está errado; é como pedir que homens adultos vivam de leite magro, porque o bebé não pode comer bifes. Se eu pudesse deitar a mão a esses reles cabeças tontas, esses nojentos...

— Calma, calma! — interrompeu Harriman. — Alguma vez te ocorreu que não há absolutamente nenhuma maneira de interferir com uma transmissão feita da Lua? E que as comissões de censura da Terra não terão jurisdição sobre nenhum caso?

— Como? Diz lá isso outra vez!

«A vida chega à Lua. A *Life-Time, Inc.* tem o orgulho de anunciar que foram concluídas as negociações para trazer aos leitores da *Life* uma visita guiada personalizada à primeira viagem ao nosso Satélite. Em vez da nossa secção habitual «A Vida vai à festa», começará, imediatamente após o regresso da primeira viagem bem sucedida...»

«GARANTIAS PARA UMA NOVA ERA»

(Excerto de um anúncio da *North Atlantic Insurance and Liability Company.*)

«...o mesmo olhar para o futuro que protegeu os nossos segurados após o Incêndio de Chicago, após o Incêndio de São Francisco, depois de cada um dos desastres desde a guerra de 1812, estende-se agora para lhe propor um seguro contra qualquer perda, *mesmo na Lua...*»

«AS FRONTEIRAS SEM LIMITES DA TECNOLOGIA»

«Quando a nave lunar *Pioneer* subir numa catapulta de fogo, vinte e sete aparelhos essenciais nas suas entranhas serão alimentados por baterias *DELTA* especialmente concebidas...»

— Sr. Harriman, pode vir cá fora ao campo?

— Que se passa, Bob?

— Sarilhos — respondeu com brevidade Coster.

— Que tipo de sarilhos?

Coster hesitou.

— Preferia não falar disso por esta via. Se não pode vir aqui, talvez seja melhor eu e o Les irmos aí.

— Estarei aí ao fim do dia.

Quando Harriman lá chegou, viu que o rosto impassível de LeCroix escondia amargura, que Coster parecia teimoso e à defesa. Esperou até estarem os três sozinhos no gabinete de Coster antes de falar.

— Digam-me lá, rapazes.

LeCroix olhou para Coster. O engenheiro mordeu o lábio e disse:

— Sr. Harriman, sabe bem as fases por que este projecto tem passado.

— Mais ou menos.

— Tivemos de desistir da ideia da catapulta. Depois, tivemos esta...

— Coster vasculhou a secretária, retirou um plano em perspectiva de um foguetão de quatro andares, enorme, mas bastante elegante. — Teoricamente, era uma possibilidade; na prática, era demasiado restritivo. Na altura em que o grupo de resistência dos materiais acabou de acrescentar coisas, fomos forçados a chegar a isto... — Pegou noutra esboço; era basicamente como o primeiro, mas mais atarracado, quase piramidal. — Adicionámos um quinto andar como um anel em redor do quarto. Conseguimos até reduzir algum peso utilizando a maior parte do equipamento auxiliar e de controlo do quarto andar para controlar o quinto. E mesmo assim continuava a ter densidade seccional suficiente para abrir caminho pela atmosfera sem grande atrito, muito embora parecesse desajeitado.

Harriman acenou com a cabeça.

— Sabe, Bob, vamos ter de nos afastar da ideia de um foguetão por andares antes de concebermos uma viagem regular até à Lua.

— Não sei como se poderá evitar isso com foguetões propulsionados quimicamente.

— Se tivesse uma catapulta decente, poderia colocar um foguetão de um só andar, propulsionado quimicamente, em órbita em redor da Terra, não poderia?

— Claro.

— Será isso que faremos. Depois, será reabastecido em órbita.

— O velho esquema da estação espacial. Suponho que isso faça sentido... Aliás, sei que faz sentido. Só a nave teria de ser reabastecida e depois continuar até à Lua. O mais económico seria ter naves especiais que nunca aterrassem em lado nenhum para darem o salto daí até outra estação de reabastecimento em volta da Lua. Depois...

LeCroix demonstrou uma impaciência muito invulgar.

— Nada disso tem importância agora. Continua com a história, Bob.

— Isso — concordou Harriman.

— Bom, este modelo deveria ter conseguido isso. E, raios partam, ainda deverá fazê-lo.

Harriman pareceu intrigado.

— Mas Bob, esse é o conceito aprovado, não é? É esse que já está dois terços construído ali fora, não é?

— Sim. — Coster parecia constrangido. — Mas não servirá. Não vai funcionar.

— Porque não?

— Porque tive de adicionar demasiado peso morto, eis porquê. Sr. Harriman, o senhor não é engenheiro; não faz ideia de quão depressa o desempenho se ressentir quando se tem de encher uma nave com algo mais do que combustível e fontes de energia. Veja os dispositivos de aterragem do quinto andar de potência. Esse andar usa-se por um minuto e meio, e depois é deitado fora. Mas não se pode correr o risco de que caia em Wichita ou em Kansas City. Temos de introduzir uma sequência de pára-quadras. Mesmo assim, temos ainda de planear seguiu-o por radar e fazê-lo estourar em pedaços quando estiver sobre terreno aberto e a não muito grande altitude. Isso implica mais peso, para além do pára-quadras. Quando chegamos ao fim de tudo, não conseguimos sequer a adição de dois quilómetros por segundo limpos, deste andar. Não é o suficiente.

Harriman remexeu-se na cadeira.

— Parece que cometemos um erro ao tentar lançá-lo a partir dos Estados Unidos. Imagine que o lançávamos de um sítio qualquer despovoado... suponhamos que a costa do Brasil... e que deixamos os propulsores cair no Atlântico; quanto é que isso lhe pouparia?

Coster perdeu o olhar na distância, e depois pegou numa régua.

— Pode resultar.

— Até que ponto será complicado mudar de sítio a nave nesta fase?

— Bem... Teria de ser completamente desmontada; nada menos do que isso serviria. Não lhe posso dar uma estimativa do custo do pé para a mão, mas seria dispendioso.

— Quanto tempo demoraria?

— Hum... Caramba, Sr. Harriman, não lhe posso dizer isso assim de repente. Dois anos... Dezoito meses, com sorte. Teríamos de preparar um local. Teríamos de construir oficinas...

Harriman pensou nisto, embora soubesse a resposta no seu íntimo. A corda, por muito grande que fosse, estava a ficar demasiado esticada. Não poderia continuar a fazer a promoção, só baseado em conversa, durante mais dois anos; tinha de ter um voo bem sucedido, e bem depressa. Caso contrário, toda aquela estrutura financeira construída com base em promessas desabaria.

— Não pode ser, Bob.

— Já receava isso. Bom, ainda tentei adicionar um sexto andar. — Pegou noutra esboço. — Vê esta monstruosidade? Cheguei ao ponto final em que as vantagens diminuem. A velocidade final efectiva é na verdade inferior, com este aborto, do que com o de cinco andares.

— Isso quer dizer que esgotou tudo, Bob? Que não consegue construir uma nave lunar?

— Não, eu...

LeCroix disse subitamente:

— Evacua-se o Kansas.

— Hem? — interrogou Harriman.

— Evacua-se toda a gente do Kansas e do Leste do Colorado. Deixa-se cair os quinto e sexto andares algures nessa área. O terceiro andar cai no Atlântico; o segundo fica em órbita permanente... E a nave segue até à Lua. Isto seria possível se não se tivesse de desperdiçar peso com os pára-quedas do quinto e quarto andares. Pergunte ao Bob.

— Então? É assim, Bob?

— Foi o que já disse. Foram os pesos parasitários que nos derrubaram. O conceito de base está correcto.

— Hum... Alguém me traga um Atlas. — Harriman procurou o Kansas e o Colorado e fez umas estimativas por alto. Olhou para longe, com um ar momentaneamente e surpreendentemente igual ao de Coster quando este estava a pensar no seu próprio trabalho. Por fim, disse:

— Não funcionará.

— Porque não?

— Dinheiro. Disse-lhe que não se preocupasse com dinheiro... para a nave. Mas custaria mais de seis ou sete milhões de dólares evacuar toda essa área por um único dia. Teríamos de resolver os processos legais que nos seriam movidos rapidamente; não poderíamos esperar. E haveria sempre uns inamovíveis que seríamos incapazes de afastar, desse por onde desse.

LeCroix disse, com ar selvagem:

— Se os idiotas não se mexerem de lá, eles que arquem com as consequências.

— Sei como se sente, Les. Mas este projecto é demasiado grande para esconder e demasiado grande para mudar de sítio. A não ser que protejamos a vizinhança, seremos encerrados por uma ordem do tribunal e à força. Não consigo comprar todos os juizes de dois Estados. Alguns deles não estarão à venda.

— Foi uma boa tentativa, Les — consolou-o Coster.

— Pensei que isso poderia ser uma resposta para todos nós — respondeu o piloto.

Harriman disse então:

— Ia começar a mencionar outra solução, Bob...

Coster pareceu embaraçado.

— Conhece os planos para a própria nave: um trabalho para três homens, espaço e mantimentos para três.

— Sim. Aonde quer chegar?

— Não têm de ser três homens. Corta-se o primeiro andar em duas partes, reduz-se a nave ao mínimo para um homem e descarta-se o resto. É a única maneira que vejo de fazer este conceito básico funcionar. — Pegou noutro esboço. — Está a ver? Um homem e mantimentos para menos de uma semana. Sem atmosfera controlada. O piloto fica sempre com o fato espacial. Sem nada, sem cama. Apenas o mínimo para manter um homem vivo por um máximo de duzentas horas. Isso funcionaria.

— Funcionará — repetiu LeCroix, olhando para Coster.

Harriman olhou para o esboço com uma sensação estranha, nauseante, no estômago. Sim, sem dúvida que funcionaria — e, para efeitos de promoção, não tinha qualquer importância se eram três homens ou apenas um a ir à Lua e a regressar. Simplesmente conseguir fazê-lo era o que bastava. Estava completamente seguro de que um voo bem sucedido faria entrar dinheiro a jorros, pelo que haveria capital para desenvolver tudo até ao ponto de haver naves eficazes para transporte de passageiros. Os irmãos Wright tinham começado com muito menos.

— Se é isso que terei de aguentar, suponho que terei de aguentar mesmo — disse lentamente.

Coster parecia rejuvenescido.

— Ótimo! Mas há mais um senão. Conhece as condições sob as quais concordei deitar mãos a esta tarefa: eu iria na viagem. Ora aqui o Les pôs-me um contrato debaixo do nariz e diz que ele é que tem de ser o piloto.

— Não se trata apenas disso — contrapôs LeCroix. — Não és piloto, Bob. Matas-te e arruínas o empreendimento todo, só por causa de uma teimosia cega.

— Aprenderei a pilotá-la. Afinal de contas, sou eu que vou concebê-la. Olhe, Sr. Harriman, detestaria ter de avançar legalmente contra si. O Les diz que avançará com um processo, mas o meu contrato é anterior ao dele. Pretendo fazê-lo valer.

— Não ouça o que ele diz, Sr. Harriman. Ele que processe. Eu levarei a nave e hei-de trazê-la de volta. Ele dará cabo dela.

— Ou eu vou, ou não construo a nave — disse Coster redondamente.

Harriman fez sinal a ambos para se calarem.

— Calma, calma, vocês dois. Podem ambos processar-me, se isso

vos dá prazer. Bob, não diga disparates; nesta fase, posso contratar outros engenheiros para terminarem o trabalho. Você diz que tem de ser apenas um homem.

— Exactamente.

— Está a olhar para ele.

Ficaram ambos a olhar, pasmados.

— Fechem a boca — disparou Harriman. — Que tem isso de tão divertido? Ambos sabiam que eu queria ir. Não pensam que me dei a todo este trabalho só para vos oferecer uma boleia até à Lua, pois não? Pretendo ir eu mesmo. Que há de errado se for eu o piloto? Estou de boa saúde, vejo bem, ainda sou suficientemente esperto para aprender o que tenho de aprender. Se tenho de ser eu a conduzir o meu veículo, fá-lo-ei. Não me afastarei por causa de ninguém, estão a ouvir-me?

Coster recuperou o fôlego.

— Chefe, não sabe o que está a dizer.

Duas horas mais tarde, ainda estavam a discutir. Durante a maior parte do tempo, Harriman mantivera-se teimosamente sentado muito quieto, recusando-se a contra-argumentar os pontos de vista dos outros. Por fim, saiu da sala, com o pretexto habitual, por uns minutos. Quando regressou, disse:

— Bob, quanto pesa?

— Eu? Um pouco mais de setenta quilos.

— Mais perto dos setenta e cinco... diria eu. Les, quanto pesa?

— Setenta quilos.

— Bob, conceba a nave para uma carga líquida de setenta quilos.

— Hem? Espere aí, Sr. Harriman...

— Cale-se! Se eu não posso aprender a ser piloto em seis semanas, você também não.

— Mas eu domino a matemática e o conhecimento de base para...

— Cale-se, já lhe disse! O Les passou tanto tempo a aprender a profissão dele como você a aprender a sua. Poderá ele tornar-se engenheiro em seis semanas? Então, o que lhe dá a si a presunção de pensar que pode aprender a dele nesse mesmo tempo? Não vou deixar que arruíne a minha nave só para satisfazer o seu ego inchado. De qualquer forma, você já entregou a solução de bandeja quando estávamos a discutir o conceito. O verdadeiro factor limitador é o peso real do passageiro ou passageiros, não é? Tudo, tudo funciona em proporção dessa única massa, certo?

— Sim, mas...

— Certo ou errado?

— Bem... Sim, está certo. Mas eu só queria...

— O homem mais pequeno pode viver com menos água, respira

menos ar, ocupa menos espaço. Vai o Les. — Harriman avançou e colocou uma mão no ombro de Coster. — Não leve a mal, filho. Não pode ser pior para si do que é para mim. Esta viagem tem de ter sucesso; e isso significa que você e eu teremos de desistir da honra de sermos os primeiros homens na Lua. Mas prometo-lhe isto: iremos na segunda viagem, e iremos com o Les como nosso motorista particular. Será a primeira de muitas viagens de passageiros. Veja, Bob... Pode ser um homem importante neste jogo, se entrar no jogo. Que pareceria ser Engenheiro-Chefe da primeira colónia lunar?

Coster lá conseguiu fazer um sorriso amarelo.

— Era capaz de não ser mau.

— Haveria de gostar. Viver na Lua será um problema de engenharia; você e eu já falámos disso. Não gostaria de pôr as suas teorias em funcionamento? De construir a primeira cidade? De construir o grande observatório que lá poremos? De olhar em volta e saber que foi você o homem que construiu tudo aquilo?

Coster estava decididamente a ajustar-se à ideia.

— Você faz isso soar muito bem. Mas diga lá: e você, vai fazer o quê?

— Eu? Oh, talvez venha a ser o primeiro presidente da Câmara de Lunar City. — Este era um pensamento novo para Harriman; saboreou-o. — O Honorável Delos David Harriman, presidente da Câmara de Lunar City. Olhe, gosto disto. Sabe, nunca ocupei nenhuma espécie de cargo público; tenho-me limitado a possuir coisas. — Olhou em volta. — Tudo resolvido?

— Suponho que sim — disse Coster lentamente. De repente, estendeu a mão a Les: — Pilota-a, Les; eu construo-a.

LeCroix apertou-lhe a mão.

— Negócio fechado. E tu e o patrão tratem de pôr mãos à obra e de começar a fazer planos para a tarefa seguinte: uma que seja suficientemente grande para todos nós.

— Certo.

Harriman pôs a mão sobre as mãos deles.

— Assim é que gosto de vos ouvir falar. Manter-nos-emos unidos e fundaremos juntos Lunar City.

— Creio que deveríamos chamar-lhe «Harriman» — disse LeCroix, com seriedade.

— Ná... Pensei sempre nela como Lunar City, desde miúdo; será Lunar City. Mas talvez ponhamos uma Harriman Square lá no centro — acrescentou.

— Ficará assim designada nos projectos — concordou Coster.

Harriman partiu imediatamente. Apesar da solução, estava terrivelmente deprimido e não queria que os seus companheiros vissem isso. Fora

uma vitória de Pirro; salvara o empreendimento, mas sentia-se como um animal que acaba de morder a própria perna para escapar de uma armadilha.

VIII

Strong estava sozinho no escritório da parceria quando recebeu um telefonema de Dixon.

— George, estou à procura do D. D. Está aí?

— Não, está de volta a Washington... Qualquer coisa que tinha a ver com autorizações. Espero-o de regresso em breve.

— Hum... Entenza e eu queríamos falar com ele. Vamos aí ter.

Chegaram pouco depois. Entenza estava muito evidentemente preocupado com qualquer coisa; Dixon parecia elegantemente impassível, como de costume. Depois das saudações, Dixon esperou por um momento, e depois disse:

— Jack, tinhas uns negócios para transaccionar, não tinhas?

Entenza deu um salto, e depois tirou um papel do bolso.

— Ah, sim! George, afinal não vou ficar em situação de pró-rata. Aqui está o meu pagamento para a minha parte, por inteiro.

Strong aceitou.

— Sei que o Delos vai ficar contente.

Meteu o papel numa gaveta.

— Bem — disse Dixon secamente —, não vais passar um recibo disso?

— Se o Jack quiser um recibo... Mas o extracto bancário serve.

No entanto, Strong redigiu um recibo sem mais comentários; Entenza aceitou-o.

Esperaram uns momentos. Depois, Dixon disse:

— George, estás muito metido nisto, não estás?

— Possivelmente.

— Queres aumentar o valor das tuas apostas?

— Como?

— Bom, muito honestamente, quero proteger-me. Queres vender metade de um por cento da tua parte?

Strong pensou nisso. Na verdade, estava preocupado... Preocupado até à medula. A presença do auditor de Dixon tinha-os forçado a manter tudo em dinheiro líquido — e só Strong sabia até que ponto isso tinha levado os sócios quase ao limite.

— Porque a queres?

— Oh, não a usaria para interferir com as operações de Delos.

Ele é o nosso homem; apoiamo-lo. Mas sentir-me-ia bastante mais seguro se tivesse o direito de pôr travões se ele tentasse arrastar-nos para qualquer coisa que não pudéssemos suportar. Conheces o Delos; é um optimista incurável. Deveríamos ter alguma espécie de controlo sobre ele.

Strong pensou nisto. O que mais lhe custava era que concordava com tudo o que Dixon dissera; estivera ao lado de Delos e observara enquanto este dissipava duas fortunas, trabalhosamente acumuladas durante anos. D. D. já não parecia importar-se. Pois se nessa mesma manhã se tinha recusado a sequer olhar para um relatório sobre o interruptor automático *H&S*... depois de o passar para Strong.

Dixon inclinou-se para a frente.

— Diz-me um preço, George. Serei generoso.

Strong endireitou os ombros.

— Venderei...

— Ótimo!

— Se Delos estiver de acordo. Não de outra forma.

Dixon resmungou qualquer coisa. Entenza fungou. A conversa poderia ter-se prolongado de forma cada vez mais ácida, se não fosse o facto de Harriman ter entrado.

Ninguém disse nada acerca da proposta a Strong. Strong perguntou como correra a viagem; Harriman fez um círculo com o polegar e o indicador.

— Tudo sobre rodas! Mas é mais caro fazer negócios em Washington a cada dia que passa. — Virou-se para os outros. — Que há de novo? Há algum significado especial para esta reunião? Estamos em sessão executiva?

Dixon virou-se para Entenza:

— Diz-lhe, Jack.

Entenza encarou Harriman:

— Que queres dizer quando falas de vender direitos televisivos?

Harriman ergueu uma sobrancelha:

— E porque não?

— Porque mos prometeste a mim, só por isso. Foi esse o acordo inicial. Tenho-o por escrito.

— É melhor olhares de novo para o acordo, Jack. E não te armes em esperto. Tens o direito de exploração de rádio, televisão e de outros empreendimentos de lazer e entretenimento em relação à primeira viagem à Lua. Continuas a tê-los. Incluindo transmissões da nave, desde que possamos fazer algumas. — Decidiu que aquele não era o momento para mencionar que as considerações relativamente ao peso já tinham tornado isso impossí-

vel; a *Pioneer* não levaria nenhum equipamento electrónico de qualquer espécie que não fosse necessário para a astro-navegação. — Aquilo que vendi foi a concessão para erigir uma estação de televisão na Lua, mais tarde. E, já agora, nem sequer é uma concessão exclusiva, muito embora Clem Haggerty pense que sim. Se quiseres comprar uma para ti, podemos satisfazer as tuas pretensões.

— Comprar?! Ora, seu...

— Ups! Ou podes tê-la de graça, se conseguires convencer o Dixon e o Strong de que tens direito a ela. Não serei um unhas-de-fome. Mais alguma coisa?

Dixon interveio.

— Em que ponto estamos neste momento, afinal, Delos?

— Meus senhores, podem assumir como certo que a *Pioneer* partirá na data prevista: na próxima quinta-feira. E agora, se me derem licença, estou de partida para Peterson Field.

Depois de ter partido, os três associados ficaram sentados em silêncio por algum tempo, com Entenza a murmurar qualquer coisa para consigo, com Dixon aparentemente a reflectir e com Strong simplesmente à espera. Finalmente, Dixon disse:

— Então e essa fracção de acções, George?

— Não te pareceu adequado mencionar isso a Delos...

— Estou a ver... — Dixon sacudiu cuidadosamente um pouco de cinza. — É um homem estranho, não é?

Strong mudou de posição.

— Sim.

— Há quanto tempo o conheces?

— Deixa-me ver... veio trabalhar para mim em...

— *Ele* trabalhou para *ti*?!

— Por alguns meses. Depois, montámos a nossa primeira empresa.

— Strong recordou por uns momentos. — Imagino que teria um complexo de poder, já na altura.

— Não — disse Dixon cuidadosamente. — Não, não lhe chamaria complexo de poder. É mais um complexo messiânico.

Entenza ergueu os olhos.

— É um filho da mãe retorcido, isso é que ele é!

Strong olhou para ele com brandura.

— Agradecia que não falasses assim acerca dele. Agradecia mesmo que não o fizesses.

— Engole isso, Jack — ordenou Dixon. — Ou ainda forças o George a picar-te. Uma das coisas estranhas dele — prosseguiu Dixon — é que parece ser capaz de inspirar uma lealdade quase feudal. Vê o teu caso. Sei

que estás seco até à última gota, George... E mesmo assim não me deixas ajudar-te. Isso vai para lá da lógica; é algo pessoal.

Strong assentiu.

— É um homem estranho. Por vezes, penso que é o último dos Barões do Roubo.

Dixon abanou a cabeça.

— O último, não. O último rasgou o Oeste Americano. Delos é o primeiro dos novos Barões do Roubo — e ainda não vimos tudo. Alguma vez leste Carlyle?

Strong assentiu de novo.

— Vejo o que queres dizer... a teoria do «Herói»; mas não concordo necessariamente com ela.

— Mas há qualquer disso aqui — respondeu Dixon. — Na verdade, não creio que Delos saiba o que está a fazer. Está a montar um novo imperialismo. Será preciso pagar um inferno até tudo ser limpo. — Levantou-se. — Talvez devêssemos ter esperado. Talvez não o devêssemos ter apoiado... se isso nos tivesse sido possível. Mas, bem... está feito. Estamos metidos no carrossel e não podemos sair. Espero que apreciemos a volta. Vamos, Jack.

IX

O Sol estava a pôr-se na pradaria do Colorado. Estava já por detrás do pico, e a face larga e branca da Lua, cheia e redonda, subia a leste. No meio do Peterson Field, a *Pioneer* acelerou em direcção ao céu. Uma vedação de arame farpado, em todas as direcções a um quilómetro da base, retinha as multidões. Do outro lado da vedação, os guardas patrulhavam sem descanso. Outros guardas circulavam por entre a multidão. Do lado de dentro da vedação, perto dela, estavam estacionados camiões e reboques com câmaras, equipamento de som e televisão e, na extremidade mais afastada de cabos de controlo remoto, estavam situadas carrinhas, umas perto e outras longe da nave, em todos os lados. Havia outros camiões perto da nave e havia uma agitação de actividade organizada.

Harriman esperava no gabinete de Coster; o próprio Coster estava no exterior, no campo, e Dixon e Entenza tinham uma sala para si. LeCroix, ainda num sono drogado, estava no quarto dos alojamentos de Coster dentro do campo.

Houve agitação e um desafio do lado de fora da porta. Harriman abriu-a um pouco.

— Se for mais um jornalista, digam-lhe que não. Mandem-no ter

com o Sr. Montgomery, do outro lado. O Comandante LeCroix não dará entrevistas não autorizadas previamente.

— Delos! Deixa-me entrar!

— Ah, és tu, George. Entra. Temos sido acoissados até à morte.

Strong entrou e entregou a Harriman um saco de mão grande e pesado.

— Aqui está.

— Aqui está o quê?

— O lote de selos já carimbados para o grupo filatélico. Esquece-te-te disso. É meio milhão de dólares, Delos — queixou-se. — Se não os tivesse visto no teu cacifo, tínhamos ficado a arder.

Harriman recompôs-se.

— George, és sólido como uma rocha.

— Queres que os ponha na nave, eu mesmo? — perguntou Strong ansiosamente.

— Hem? Não, não. O Les leva-os. — Olhou para o relógio. — Estamos quase a ir acordá-lo. Eu encarrego-me dos selos. — Pegou no saco e acrescentou: — Não entres agora. Terás oportunidade para te despedires lá fora no campo.

Harriman dirigiu-se à porta ao lado, fechou-a atrás de si, esperou que a enfermeira desse ao piloto adormecido um estimulante injectável, e depois mandou-a embora. Quando se virou de novo, o piloto estava a sentar-se, esfregando os olhos.

— Como se sente, Les?

— Bem. Então é agora?

— Sim. E estamos todos a torcer por si, rapaz. Olhe, terá de sair e enfrentar toda a gente daqui a uns minutos. Está tudo pronto... Mas tenho duas ou três coisas que tenho de lhe dizer.

— Sim?

— Vê este saco? — Harriman explicou rapidamente o que era e o que significava.

LeCroix pareceu estupefacto.

— Mas eu não posso levar isso, Delos. Está tudo calculado até ao grama.

— Quem disse que você ia levá-lo? Claro que não pode; deve pesar trinta ou quarenta quilos. Simplesmente esqueci-me disto. Ora, eis o que vamos fazer: por enquanto, escondo-os aqui. — Enfiou o saco num roupeiro. — Quando aterrar, estarei logo ao pé de si. Então, fazemos um truque de magia e você retira-o de dentro da nave.

LeCroix abanou a cabeça lentamente, sorrindo.

— Delos, você dá cabo de mim. Mas bom... Não estou com disposição para discutir.

— Ainda bem que não; caso contrário eu iria parar à prisão por causa de uma ninharia de meio milhão de dólares. Já gastámos esse dinheiro. E, de qualquer forma, não importa — prosseguiu. — Ninguém, a não ser você e eu, saberá... E os colecionadores receberão algo que vale o que pagaram.

Olhou para o homem mais novo, como se estivesse ansioso por obter a aprovação dele.

— Está bem, está bem — respondeu LeCroix. — Porque me hei-de ralar com o que acontece a um colecionador de selos... esta noite? Vamos pôr-nos a andar.

— Mais uma coisa — disse Harriman, pegando num pequeno saco de pano. — Leve isto consigo; e o peso desta foi previsto. Eu tratei disso. Eis o que terá de fazer com isso...

Deu instruções pormenorizadas e muito francas.

LeCroix estava perplexo.

— Estou a ouvi-lo bem? Deixo que seja encontrado e depois conto a verdade exacta do que aconteceu?

— Exactamente.

— Muito bem.

LeCroix enfiou o pequeno saco num dos bolsos do seu fato.

— Vamos lá para fora. Já estamos na hora-H, menos vinte e um minutos.

Strong juntou-se a Harriman nas instalações de controlo, depois de LeCroix ter entrado na nave.

— Os selos entraram a bordo? — perguntou Strong ansiosamente. — Não vi o LeCroix a levar nada.

— Claro que sim — disse Harriman. — Mandei-os antes. É melhor ir para o teu lugar. O sinal de prontidão já foi dado.

Dixon, Entenza, o governador do Colorado, o vice-presidente dos Estados Unidos e uma dúzia de outros VIP já estavam sentados diante de periscópios, montados em aberturas, numa varanda acima do nível da sala de controlo. Strong e Harriman subiram uma escada e ocuparam as duas cadeiras restantes.

Harriman começou a transpirar e percebeu que estava a tremer. Através do periscópio à sua frente conseguia ver a nave; de baixo, conseguia ouvir a voz de Coster, verificando nervosamente os relatórios das secções de lançamento. Através de um altifalante perto dele, vinha um comentário, em voz baixa, de um dos jornalistas que estavam a cobrir a partida. O próprio Harriman era o... — bem, o almirante, decidiu — da operação. Mas nada mais podia agora fazer senão esperar, ver e tentar rezar.

Um segundo foguete de sinalização descreveu um arco no céu, passando de vermelho a verde. Cinco minutos.

Os segundos passavam velozmente. Aos menos dois minutos, Harriman percebeu que não conseguiria ver aquilo através de uma estreita abertura; tinha de estar lá fora, de participar ele mesmo nisto; tinha de ser. Desceu, correu para a saída do edifício de controlo. Coster olhou em volta, pareceu espantado, mas não tentou detê-lo. Coster não podia sair do seu lugar, acontecesse o que acontecesse. Harriman empurrou o guarda com uma cotovelada e saiu.

A leste, a nave erguia-se em direcção ao céu, com a sua estreita silhueta preta em forma de pirâmide contrastando com a Lua cheia. Harriman ficou à espera.

E esperou.

Que se teria passado de errado? Faltavam menos de dois minutos quando saíra; tinha a certeza disso. Porém, ali estava a nave, silenciosa, escura, imóvel. Não se ouvia nenhum ruído, a não ser o ulular distante de sirenes avisando os espectadores atrás da cerca distante. Harriman sentiu o coração parar, a respiração morrer-lhe na garganta. Alguma coisa falhara. Era um desaire.

Um solitário foguete de sinalização foi disparado do topo do edifício de controlo; uma chama acendeu-se na base da nave.

Espalhou-se, e houve um lençol de fogo branco em volta da base. Lentamente, quase sonolentamente, a *Pioneer* começou a subir, pareceu pairar no ar por um momento, equilibrada sobre um pilar de fogo — e depois saiu em direcção ao céu com uma aceleração tão grande que estava por cima dele quase de repente, bem alto, no zénite, num círculo de chamas que cegava. Tão depressa chegou a grande altitude, em vez de ficar à sua frente, que parecia que estava a descrever um arco para voltar a cair em cima dele. Instintiva e futilmente, Harriman pôs uma mão diante da cara.

O som atingiu-o por fim.

Não como som: era um ruído branco, um rugido em todas as frequências, sónicas, subsónicas, supersónicas; tão incrivelmente carregado de energia que lhe bateu no peito. Ouviu-o com os dentes e com os ossos, tanto como com os ouvidos. Enrolou-se e abraçou os joelhos, agachando-se contra ele.

Seguindo o som com a velocidade de caracol de um furacão chegou o eco do estrondo. Rasgou-lhe as roupas e sugou-lhe o ar dos pulmões. Cambaleou às cegas para trás, tentando chegar à protecção do edifício de betão, mas foi deitado ao chão.

Levantou-se a custo, tossindo e arfando, e lembrou-se de olhar para o céu. Mesmo acima dele havia uma estrela quase a desaparecer. Depois, desapareceu.

Entrou na sala de controlo.

A sala estava num caos de alta tensão, de confusão organizada. Os ouvidos de Harriman, ainda a zunir, ouviram o berrar de um altifalante: «Spot One! Spot One para controlo! Quinto andar libertado no momento previsto. Quinto andar e nave mostram sinais separados...» E a voz de Coster, alta e zangada, a cortar isto com:

— Chamem Track One! Já apanharam o quinto andar? Estão a segui-lo?

Em fundo, o comentador das notícias ainda estava a gritar a plenos pulmões:

— Um grande dia, meus amigos, um grande dia! A poderosa *Pioneer*, elevando-se como um Anjo do Senhor, de espada de fogo empunhada, está neste preciso momento no seu glorioso caminho para o nosso planeta irmão. A maioria de vós viu a sua partida no ecrã; gostava que a tivessem visto como eu vi, elevando-se no céu do crepúsculo, carregando a sua preciosa carga de...

— Desliguem essa porcaria! — ordenou Coster. Depois, dirigindo-se aos observadores na plataforma acima dele: — E moderem-se aí em cima! Silêncio!

O vice-presidente dos Estados Unidos abanou a cabeça e fechou a boca. Lembrou-se de sorrir. Os outros VIP calaram-se, e depois retomaram as conversas em sussurros. Uma voz de rapariga cortou o silêncio:

— Track One para Controlo. Quinto andar a ser seguido, mais dois.

Houve alguma agitação a um canto. Aí, um grande toldo de lona protegia uma pesada folha de *Plexiglas* da exposição à luz directa. A folha de vidro acrílico estava montada verticalmente e era iluminada pelas arestas; mostrava um mapa com as coordenadas do Colorado e do Kansas a linhas brancas muito finas; as cidades e vilas brilhavam a vermelho. As quintas que tinham sido evacuadas eram pequenos pontos de aviso a vermelho-vivo.

Um homem por detrás do mapa transparente ia-o marcando com uma caneta; a localização dada do quinto andar iluminou-se. Diante do ecrã com o mapa, estava sentado um homem ainda jovem, com um interruptor de pêra na mão, o polegar pousado ao de leve no botão. Era um artilheiro cedido pela Força Aérea; quando carregasse no botão, um circuito controlado por rádio no Quinto Andar deveria fazer com que os cabos do pára-quadras do Quinto Andar fossem cortados e este fosse deixado cair para terra. O homem estava a trabalhar com base em relatórios de radar, apenas, sem nenhum apoio de aquisição de alvo computadorizado a trabalhar para ele. Estava a operar quase só por instinto — ou antes, por meio de um conhecimento acumulado e inconsciente do seu ofício, integrando no interior do cérebro os magros dados que eram postos diante dele, decidindo

onde as toneladas do Quinto Andar iriam aterrar, caso carregasse no botão a qualquer dado momento. Parecia despreocupado.

— Spot One a Controlo! — disse de novo uma voz de homem. — Quarto Andar libertado no momento previsto. — E, quase imediatamente a seguir, uma voz mais grave ecoou: — Track Two, a seguir Quarto Andar, altitude instantânea nove-cinco-um quilómetros, vector previsto.

Ninguém estava a prestar atenção a Harriman.

Debaixo do toldo, a trajectória observada do Quinto Andar cresceu em pontos brilhantes da caneta, perto, mas não em cima, da linha tracejada da sua trajectória prevista. Partindo de cada ponto de localização, havia uma linha em ângulo recto, dando a altitude relatada para essa localização.

De repente, o homem calmo a observar o ecrã carregou no botão com força. Depois, levantou-se, esticou-se e disse:

— Alguém tem um cigarro?

— Track Two — responderam-lhe. — Quarto Andar... Primeira previsão de impacto... cinquenta quilómetros a oeste de Charleston, Carolina do Sul.

— Repita! — gritou Coster.

A voz berrou de novo, sem pausas:

— Correção, correção! Cinquenta quilómetros para leste. Repito: leste.

Coster suspirou. Mas o suspiro foi interrompido por um relatório:

— Spot One a Controlo. Terceiro Andar solto, menos cinco segundos.

E um assistente do posto de comando de Coster gritou:

— Sr. Coster... Sr. Coster... O Observatório de Monte Palomar quer falar consigo.

— Diga-lhes que vão... Não... Diga-lhes que esperem.

De imediato outra voz entrou no ar, com:

— Track One, aqui Raposa de seguimento auxiliar. O Primeiro Andar está prestes a abater-se perto de Dodge City, Kansas.

— Perto até que ponto?

Não houve resposta. Imediatamente a voz de Track One disse:

— Impacto relatado a aproximadamente vinte quilómetros a sudoeste de Dodge City.

— Baixas?

Spot One respondeu antes que Track One pudesse fazê-lo:

— Segundo Andar solto, Segundo Andar solto. A nave está agora por sua conta.

— Sr. Coster. Por favor, Sr. Coster...

E uma voz completamente nova:

— Spot Two para Controlo: estamos agora a seguir a nave. Mantenha-se em linha para as distâncias e rumos que vamos reportar. Um momento...

— Track Two para controlo... Quarto Andar vai de certeza cair no Atlântico, ponto de impacto calculado sete cinco quilómetros a leste de Charleston, direcção zero nove três. Repito...

Coster olhou em volta, irritadamente.

— Não há uma garrafa de água fresca nesta espelunca?

— Sr. Coster, por favor... Palomar diz que têm mesmo de falar consigo.

Harriman dirigiu-se para a porta e saiu. De repente, sentia-se muito desprezado, completamente preocupado e deprimido.

O campo parecia estranho sem a nave. Vira-a crescer; agora, subitamente, tinha desaparecido. A Lua, ainda a subir, parecia completamente despreocupada — e as viagens espaciais eram um sonho distante, tal como tinham sido na sua juventude.

Havia várias pequenas figuras deambulando pelo manto de terra queimada em volta do local de onde a nave tinha sido lançada... Caçadores de relíquias, pensou com desprezo. Alguém foi ter com ele na penumbra:

— Sr. Harriman?

— Sim?

— Hopkins, da AP. Que tal uma declaração?

— Hem? Não... Nenhuma declaração. Estou sem palavras.

— Oh, bem... Só uma palavrinha. Qual é a sensação de ter estado por detrás do primeiro voo bem sucedido até à Lua? Se for bem sucedido?

— Será bem sucedido. — Pensou por um momento, depois endireitou os ombros e disse: — Diga que este é o início da maior era da espécie humana. Diga que todos terão uma hipótese de seguir os passos do Comandante LeCroix, de procurar novos planetas, de construir um lar nas novas terras. Diga que isto significa novas fronteiras, uma injeção de prosperidade. Significa... — Baixou o tom de voz. — É tudo, por esta noite. Estou esgotado, meu rapaz. Deixe-me só, está bem?

Logo a seguir, Coster saiu, seguido pelos VIP. Harriman foi ter com ele.

— Está tudo em ordem?

— Claro. Porque não haveria de estar? — Track Three seguiu-o até aos limites do campo. — Está tudo a correr sobre rodas — acrescentou Coster. — O Quinto Andar matou uma vaca quando caiu.

— Que se dane. Comeremos um bife ao pequeno-almoço.

Harriman teve depois de fazer conversa com o Governador e com o vice-presidente, e teve de os escoltar até à nave deles. Dixon e Entenza

partiram juntos, com menos formalidades. Por fim, Coster e Harriman ficaram sós, a não ser quanto a uns subordinados demasiado imberbes para causarem qualquer tensão, e uns guardas para os protegerem da multidão.

— Para onde vai agora, Bob?

— Para o *Bradmoor* e para uma semanita de sono. E você?

— Se não se importar, vou asilar no seu apartamento.

— Esteja à vontade. Há comprimidos para dormir na casa de banho.

— Não precisarei deles.

Tomaram uma bebida juntos no alojamento de Coster, falaram de coisas sem importância, e depois Coster chamou um helicóptero de aluquer e foi para o hotel. Harriman foi-se deitar, leu um exemplar do *Denver Post* cheio de imagens da *Pioneer*, e depois, por fim, desistiu e tomou dois dos comprimidos para dormir de Coster.

X

Alguém estava a sacudi-lo.

— Sr. Harriman! Acorde. O Sr. Coster está no ecrã.

— Hem? O quê? Que se passa? Oh, muito bem.

Levantou-se e carregou num botão do telefone. Coster parecia de cabeça fresca e excitado.

— Eh, patrão. Ele conseguiu!

— Hem? Que quer dizer?

— Ligaram-me de Palomar mesmo agora. Detectaram o local e agora até detectaram a própria nave. Ele...

— Espere um momento, Bob. Mais devagar. Ele não pode já lá estar. Partiu ainda ontem à noite.

Coster pareceu desconcertado.

— Que se passa, Sr. Harriman? Não está a sentir-se bem? Ele partiu na quinta-feira.

Vagamente, Harriman começou a orientar-se. Não, o voo não fora na noite anterior... Lembrava-se vagamente de uma viagem até às montanhas, de um dia passado a dormir ao sol, de uma festa qualquer em que bebera de mais. Que dia era hoje? Não sabia. Se LeCroix tinha aterrado na Lua, então... Não interessava.

— Tudo bem, Bob. Estava meio a dormir. Imagino que terei sonhado outra vez com o lançamento. Agora dê-me as notícias, mas devagar.

Coster recomeçou:

— LeCroix aterrou, logo a oeste da cratera de Arquimedes. Conseguem ver a nave dele a partir do observatório de Palomar. Deixe que lhe diga que foi uma grande ideia sua, essa de marcar o local com preto de carbono. Les deve ter coberto uns dois hectares com aquilo. Dizem que dá nas vistas como um cartaz de publicidade, visto pelo Olho Grande.

— Talvez devêssemos dar um pulo até lá e dar uma olhada. Mas não... Mais tarde. Vamos estar muito ocupados.

— Não estou a ver o que mais possamos fazer, Sr. Harriman. Temos doze dos nossos melhores computadores de balística a calcular rotas possíveis para si. Neste momento.

Harriman começou a dizer ao homem que pusesse mais doze, mas em vez disso desligou o ecrã. Ainda estava no Peterson Field, com uma das melhores naves estratosféricas da *Skyways* à sua espera lá fora, para o levar a qualquer ponto do globo onde LeCroix poderia aterrar. LeCroix estava na estratosfera superior, e já lá estava havia mais de vinte e quatro horas. O piloto estava a reduzir lenta e cautelosamente a sua velocidade terminal, dissipando a incrível energia cinética sob a forma de ondas de choque e calor irradiante.

Tinham-no seguido por radar em redor do globo e depois outra vez... e outra... Porém, não havia maneira de saber precisamente onde e que tipo de aterragem o piloto escolheria arriscar. Harriman escutou os relatórios de radar contínuos e amaldiçoou o facto de terem decidido poupar peso no equipamento de rádio.

Os números dos radares começaram a bater cada vez mais certos uns com os outros. Uma voz começou a ouvir-se de novo:

— Está a fazer a descida de aterragem!

— Digam ao campo para estar a postos! — gritou Harriman. Conteve a respiração e esperou. Após segundos intermináveis, outra voz interrompeu com as palavras:

— A nave lunar está agora a aterrar. Vai pousar algures a oeste de Chihuahua, no Velho México.

Harriman disparou para a porta, a correr.

Instruído via rádio enquanto ia a caminho, o piloto de Harriman detectou a *Pioneer*, incrivelmente pequena em contraste com a imensidão do deserto. Estacionou a sua nave bastante perto da nave lunar, numa bela aterragem. Harriman já estava a debater-se com a porta da cabina quando a nave ainda nem tinha parado completamente.

LeCroix estava sentado no chão, descansando as costas contra uma parede da sua nave, desfrutando da sombra projectada pelas volumosas

asas triangulares. Diante dele estava parado um pastor mexicano, de boca aberta. Quando Harriman saiu a correr e se precipitou para ele, LeCroix levantou-se, atirou para longe uma ponta de cigarro e disse:

— Viva, patrão!

— Les! — O homem mais velho atirou os braços em volta do mais jovem. — É bom vê-lo de volta, rapaz!

— É um prazer vê-lo a si! Aqui o Pedro não fala a minha língua. — LeCroix olhou em volta; não havia mais ninguém por perto, a não ser o piloto de Harriman. — Onde está a malta toda? Onde está o Coster?

— Não esperei por eles. Certamente estarão aí daqui a uns minutos.... Olhe, aí vêm eles agora mesmo! — Era outra nave estratosférica, que mergulhava para a aterragem. Harriman virou-se para o seu piloto: — Bill, vá até lá recebê-los.

— Hem? Eles vêm aqui ter, não receie.

— Faça o que lhe digo.

— O chefe é que manda. — O piloto avançou pela areia, com as costas a expressar a sua desaprovação. LeCroix pareceu intrigado. — Depressa, Les, ajude-me aqui com isto.

«Isto» eram os cinco mil envelopes com os selos carimbados, que supostamente teriam ido até à Lua. Retiraram-nos da nave de Harriman e meteram-nos na nave de LeCroix, onde foram enfiados num armário vazio de comida, enquanto as suas acções ainda estavam resguardadas da visão dos recém-chegados pelo volume da nave estratosférica.

— Caramba! — disse Harriman. — Foi por pouco. Meio milhão de dólares. Precisamos deles, Les.

— Claro. Mas, Sr. Harriman, os diam....

— Chiu! Os outros estão a chegar. E quanto ao resto? Pronto para o seu papel?

— Sim. Mas estava a tentar dizer-lhe....

— Calado!

Não eram os seus colegas. Era uma carga de jornalistas, operadores de câmara, comentadores, técnicos... Apinharam-se em volta deles.

Harriman acenou-lhes com gestos largos.

— Sirvam-se à vontade, rapazes. Tirem muitas fotografias. Entrem na nave. Estejam em vossas casas. Vejam tudo o que quiserem ver. Mas poupem o Comandante LeCroix. Está cansado.

Outra nave acabara de aterrar, desta vez trazendo Coster, Dixon e Strong. Entenza apareceu na sua própria nave alugada e começou a dar ordens aos homens da TV, da rádio e das imagens, conseguindo com isto quase entrar numa cena de pancadaria com uma equipa de filmagem não autorizada. Um grande helicóptero aterrou também e despejou quase um

pelotão inteiro de tropas mexicanas de camuflado. De algures — aparentemente do meio da areia — apareceram várias dezenas de camponeses locais. Harriman afastou-se dos jornalistas, teve uma discussão rápida e dispendiosa com o comandante das tropas locais e foi restaurado um certo grau de ordem, mesmo a tempo de salvar a *Pioneer* de ser desfeita em pedaços.

— Deixe isso em paz — era a voz de LeCroix, que vinha de dentro da *Pioneer*. Harriman esperou e ficou à escuta. — Não tem nada a ver com isso! — prosseguiu a voz do piloto, elevando-se cada vez mais. — E ponha isso onde estava!

Harriman abriu caminho até à porta da nave.

— Qual é o problema, Les?

Dentro da cabina acanhada, pouco maior do que uma caixa de um televisor, estavam três homens: LeCroix e dois jornalistas. Todos pareciam zangados.

— Qual é o problema, Les? — repetiu Harriman.

LeCroix segurava um pequeno saco de pano que parecia estar vazio. Espalhadas no assento do piloto, entre ele e os jornalistas, estavam diversas pequenas pedras brilhantes. Um dos jornalistas segurava uma das pedras, contra a luz.

— Estes tipos estavam a meter o nariz em coisas que não lhes dizem respeito — disse LeCroix, irritadamente.

O jornalista olhou para a pedra e disse:

— Disse-nos que olhássemos para o que quiséssemos, não disse, Sr. Harriman?

— Sim.

— Pois aqui o seu piloto — apontou o dedo para LeCroix — parece que não esperava que encontrássemos isto. Tinha-as escondidas no estofo do assento.

— E depois?

— São diamantes.

— O que o leva a pensar isso?

— Sei muito bem que são diamantes.

Harriman parou e desembulhou um charuto. Depois, disse:

— Esses diamantes estavam onde os encontrou porque fui eu que os pus lá.

Um holofote acendeu-se por detrás de Harriman, e uma voz disse:

— Segura a pedra um pouco mais acima, Jeff.

O jornalista chamado Jeff obedeceu e depois disse:

— Isso parece uma coisa estranha de se fazer, Sr. Harriman.

— Estava interessado nos efeitos da radiação no espaço exterior so-

bre diamantes em bruto. Por ordem minha, o comandante LeCroix colocou esse saco de diamantes na nave.

Jeff deu um assobio.

— Sabe, Sr. Harriman, se não tivesse essa explicação, eu pensaria que LeCroix as tinha encontrado na Lua e estava a tentar ficar com elas.

— Se publicar isso, será processado. Tenho toda a confiança no comandante LeCroix. Agora dê-me os diamantes.

Jeff abriu muito os olhos.

— Mas não a confiança suficiente para o deixar ficar com eles, se calhar?

— Dê-me as pedras. E depois saia.

Harriman afastou LeCroix dos jornalistas o mais depressa possível e levou-o para a sua própria nave.

— Por agora, é tudo — disse ao pessoal dos jornais e dos noticiários. — Vemo-nos no Peterson Field.

Assim que a nave levantou do solo, virou-se para LeCroix:

— Fez um excelente trabalho, Les.

— Aquele jornalista chamado Jeff deve ter ficado um bocado confuso.

— Hem? Ah, isso? Não, estava a referir-me ao voo. Conseguiu. É o homem mais importante do planeta.

LeCroix encolheu os ombros.

— Bob construiu uma bela nave. Foi um passeio. Agora, quanto a esses diamantes...

— Esqueça os diamantes. Já fez a sua parte. Colocámos as pedras na nave; agora dizemos a toda a gente que fomos nós que as pusemos lá; mais verdade que isso não poderia ser. Não é culpa nossa se não acreditarem em nós.

— Mas Sr. Harriman...

— Que foi?

LeCroix abriu um bolso do fato, retirou de lá um lenço sujo de terra, amarrado para fazer um saquinho. Desatou as pontas... E despejou na mão de Harriman muitos mais diamantes do que tinham colocado na nave. E diamantes maiores, e melhores.

Harriman ficou especado a olhar para eles. Começou a dar gargalhadinhas.

Depois, empurrou as pedras de volta para LeCroix.

— Fique com elas.

— Suponho que pertencem a todos nós.

— Pois bem, guarde-as por todos nós, então. E mantenha a boca fechada acerca disso. Ou melhor, espere. — Pegou em duas das pedras maiores. — Vou mandar fazer anéis com estas duas: um para si, outro para mim.

Mas mantenha a boca fechada, porque senão nada valerão, a não ser como curiosidades.

O que era bem verdade, pensou Harriman. Há muito que os magnatas dos diamantes tinham percebido que os diamantes em abundância pouco mais valiam do que vidro, a não ser para uso industrial. A Terra tinha mais do que o suficiente para isso, e mais do que o suficiente para a joalheria. Se os diamantes da Lua fossem literalmente tão vulgares como pedrês, então não passariam disso mesmo: pedras vulgares.

Não valeriam a despesa de os trazer para a Terra.

Já no caso do urânio... Se houvesse disso em grande quantidade...

Harriman recostou-se e permitiu-se sonhar acordado.

Depois, LeCroix disse calmamente:

— Sabe, patrão? Aquilo é maravilhoso, lá em cima.

— Hem? Onde?

— Ora, na Lua, evidentemente. Hei-de lá voltar. Hei-de lá voltar assim que puder. Temos de começar a pôr mãos à obra para a próxima nave.

— Claro, claro! E desta vez construiremos uma suficientemente grande para todos nós. Desta vez, eu também vou!

— Pode crer!

— Les... — O homem mais velho falou com um tom quase infantil:

— Qual é o aspecto quando se olha para trás e se vê a Terra?

— Hum... Parece... Parece... — LeCroix parou. — Caramba, patrão... Não há maneira de lhe descrever isso. É lindo, só isso. O céu é preto e... bem, espere até ver as fotografias que tirei. Melhor ainda: espere até ver por si mesmo.

Harriman acenou com a cabeça.

— Mas custa muito ter de esperar.

XI

«Campos de diamantes na Lua!!»

«Milionário patrocinador nega caso dos diamantes — diz que as jóias foram levadas à Lua por outras razões.»

«Diamantes da Lua. Mistificação ou Facto?»

«...mas considerem o seguinte, amigos da minha audiência invisível: porque haveria alguém de levar diamantes para a Lua? Cada grama daquela nave e da sua carga foi calculado; não seriam levados diamantes sem uma boa razão. Muitas autoridades científicas declararam já que as razões avançadas pelo Sr. Harriman são um absurdo. É fácil calcular que possam ter sido levados com o propósito de «salgar» a Lua, por assim dizer, com